

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO

VICTOR BARTMANN DE FRANCESCHI

ECONOMIA INTERNACIONAL E DESENVOLVIMENTISMO  
NA CORÉIA DO SUL (1961 – 1991)

Porto Alegre  
2016

VICTOR BARTMANN DE FRANCESCHI

ECONOMIA INTERNACIONAL E DESENVOLVIMENTISMO  
NA CORÉIA DO SUL (1961 – 1991)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Adalmir Marquetti

Porto Alegre  
2016

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

F815e Franceschi, Victor Bartmann de  
Economia internacional e desenvolvimentismo na Coréia do  
Sul / Victor Bartmann de Franceschi. – 2016.  
141 f.

Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de  
Economia, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Adalmir Marquetti.

1. Desenvolvimento Econômico. 2. Economia Internacional.  
3. Economia – Coréia do Sul. I. Marquetti, Adalmir. II. Título.

CDD 23 ed. 330.9519

**Ficha Catalográfica elaborada por Ramon Ely – CRB10/2165**

VICTOR BARTMANN DE FRANCESCHI

ECONOMIA INTERNACIONAL E DESENVOLVIMENTISMO  
NA CORÉIA DO SUL (1961 – 1991)

Dissertação apresentada como requisito  
para a obtenção do grau de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação da  
Faculdade de Economia da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANDA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Adalmir Marquetti

---

Prof. Dr. Ronaldo Herrlein Jr.

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cecilia Rutkoski Hoff

Porto Alegre  
2016

Nunca, como hoje, deveria preocupar tanto as mentes dos que desejam contribuir para o progresso do conhecimento humano o problema ontológico, em vez de satisfazerem-se numa total ignorância dos grandes trabalhos que nesse setor realizaram os grandes filósofos do passado. (...) não se conhece mais Economia por se conhecer maior número de factos, estatísticas, teorias, doutrinas, opiniões várias de autores de todos os quadrantes do pensamento. (...) O que dá garantia de uma visão clara de qualquer disciplina é a capacidade de colocá-la em seu verdadeiro lugar ontológico, conhecer suas raízes e as conexões que a concrecionam com outras disciplinas. (MARIO FERREIRA DA SILVA)

RESUMO: Este trabalho busca analisar tópicos de economia política internacional no contexto do projeto de desenvolvimento capitalista da Coréia do Sul. Admitimos que o processo de desenvolvimento coreano, entre 1961 e 1991, se deu através de uma estratégia econômica de industrialização via exportações conduzida por um Estado forte que planejou e coordenou os rumos do desenvolvimento graças a uma configuração política e institucional própria que lhe permitiu cumprir funções econômicas especiais. Essa interpretação é conhecida como *Developmental State*. Mostraremos que esse modelo de desenvolvimento foi profundamente influenciado tanto pelos fatores nacionais como por fatores internacionais. A capacidade do Estado em responder positivamente e se adaptar ao contexto geopolítico, ao padrão regional de desenvolvimento econômico e às condições do comércio internacional do período foi crucial para o sucesso desenvolvimentista. Essa estratégia se traduziu num padrão de comércio e de transferências de capitais com os países centrais coerente com a situação econômica e política mundial do período.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Econômico. Coréia do Sul. *Developmental State*. Economia Internacional.

ABSTRACT: This paper analyzes topics on international political economy within the capitalist development project in South Korea. We agree that the Korean development process, between 1961 and 1991, was through an export-led industrialization strategy conducted by a strong State that planned and coordinated the course of development thanks to a certain institutional and political configuration that allowed it to fulfill special economic functions. This interpretation is known as *Developmental State*. We show that this development model was deeply influenced by both domestic factors as international factors. The state's ability to respond positively and to adapt to the geopolitical context, the regional pattern of economic development and the conditions of international trade for the period was crucial for the developmental success. This strategy has resulted in a pattern of trade and capital transfers with the core countries consistent with the economic situation and world politics of the period.

KEY WORDS: Economic Development. South Korea. *Developmental State*. International Economics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – PIB Per Capita em relação aos Estados Unidos (1953 – 1999) .....	31
Gráfico 2 – Comércio Exterior (% do PIB) (1960 – 1991) .....	77
Gráfico 3 – Participação de EUA e Japão nas exportações da Coreia (1965 - 1991) .....	92
Gráfico 4 – Participação de EUA e Japão nas importações da Coreia (1965 - 1991) .....	94
Gráfico 5 – Investimento Direto por Continente (1962 – 1991) .....	102

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indicadores Econômicos (1953 – 1991) .....	32
Tabela 2 – Consumo, Poupança Interna e Investimentos (1953 – 1991) .....	34
Tabela 3 – Balança de Pagamentos, FDI, Ajuda Externa e Dívida Externa (1953 – 1991) .....	74

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2.</b>	<b>HISTÓRIA ECONÔMICA DA CORÉIA DO SUL</b>	<b>14</b>
2.1.	PERÍODO COLONIAL	14
2.2.	TRANSIÇÃO, GUERRA DA CORÉIA E GOVERNO DEMOCRÁTICO	17
2.3.	GOVERNO PARK CHUNG HEE E PLANOS QUINQUENAIS	22
2.4.	EVOLUÇÃO DOS INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS	31
<b>3.</b>	<b>DEVELOPMENTAL STATE</b>	<b>37</b>
3.1.	BASES TEÓRICAS DO DEVELOPMENTAL STATE	40
3.2.	BUROCRACIA WEBERIANA	44
3.3.	AUTONOMIA INSERIDA E FATORES POLÍTICOS	49
3.4.	CHAEBOL	57
3.5.	POLÍTICA ECONÔMICA NA CORÉIA	63
<b>4.</b>	<b>AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS</b>	<b>73</b>
4.1.	O COMÉRCIO INTERNACIONAL E A CORÉIA DO SUL	75
4.2.	BALANÇA COMERCIAL	78
<b>4.2.1.</b>	<b>Exportações</b>	<b>78</b>
<b>4.2.2.</b>	<b>Importações</b>	<b>82</b>
<b>4.2.3.</b>	<b>Saldo da Balança Comercial</b>	<b>86</b>
<b>4.2.4.</b>	<b>Principais Parceiros Comerciais</b>	<b>91</b>
4.3.	FLUXOS DE CAPITAIS	95
<b>4.3.1.</b>	<b>Ajudas Financeiras</b>	<b>96</b>
<b>4.3.2.</b>	<b>Poupança Externa e Dívida</b>	<b>97</b>
<b>4.3.3.</b>	<b>Investimento Estrangeiro Direto</b>	<b>100</b>
4.4.	INSTITUIÇÕES DE RELAÇÕES EXTERIORES	105

4.5.	A CORÉIA NO JOGO DE FORÇAS DA GUERRA FRIA .....	109
4.5.1.	<b>Relações com Estados Unidos e Japão .....</b>	<b>114</b>
5.	<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>122</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE A – Pauta de Exportação 1961 – 1991 .....</b>	<b>138</b>
	<b>APÊNDICE B – Pauta de Importação 1961 – 1991 .....</b>	<b>140</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Parece haver consenso entre os economistas de que a Coréia do Sul experimentou uma trajetória de industrialização e crescimento econômico sem precedentes na história do capitalismo. Entre a década de 1950 e a primeira década do século XXI, a Coréia emergiu de uma guerra civil que devastou e dividiu o país até consolidar uma economia moderna, com alto nível de renda, com índices sociais dignos de países avançados (em educação, saúde e segurança) e altamente competitivo no mercado internacional. Em 1960 o PIB per capita da Coréia do Sul era aproximadamente o mesmo do Congo<sup>1</sup>. Já em meados da década de noventa a Coréia torna-se a 12º maior economia do mundo e em 1996 entra na seleta lista de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). É um dos poucos casos observados na história do capitalismo de países de industrialização tardia que conseguiram alcançar níveis de desenvolvimento dos países centrais.

Frequentemente citada como modelo de referência no desenvolvimento econômico capitalista, existe uma vasta literatura científica que busca identificar os fatores preponderantes que permitiram à Coréia do Sul alcançar posto privilegiado entre os *latecomers* - juntamente com outros países do leste asiático como Taiwan, Japão e Hong Kong. A análise dos fatos históricos dos “países-modelo” do leste asiático incitou uma série de interpretações sobre o desenvolvimento desses países.

Uma das principais correntes interpretativas foi iniciada por Chalmers Johnson (1982) que formulou o conceito de *Developmental State* para explicar o sucesso do modelo de desenvolvimento japonês e que, posteriormente, também foi utilizado para interpretar o caso coreano. Na mesma tradição seguiram estudiosos como Alice Amsden, Ha-Joon Chang, Robert Wade, Peter Evans, entre outros. Em suma, esses autores interpretam que entre as décadas de 1960 e início dos anos 1990 o Estado coreano assumiu papel preponderante na execução de um projeto de desenvolvimento nacional compreendido dentro de uma estratégia prioritária de industrialização, executado através de funções específicas de coordenação, de provimento de visão estratégica, de fomento institucional e capacitação competitiva no mercado internacional.

---

<sup>1</sup> (MINNS, 2001, p. 1025)

Na literatura econômica proliferam modelos teóricos que dão suporte a diferentes estratégias de desenvolvimento. Entretanto, apesar de em grande parte verossímeis e coerentes em sua lógica interna, muitos desses modelos carecem de fundamentos na realidade histórica e por isso tem dificuldades em dialogar com o mundo real. Modelos que emergem a partir da análise das experiências históricas têm fundamentos mais pragmáticos, no sentido de que abordam os fenômenos históricos com uma especial referência a suas causas, antecedentes, condições e consequências.

Nesse sentido o modelo teórico do *Developmental State* apresenta uma interpretação coerente da história econômica coreana. Entretanto, toda explicação e interpretação histórica é um modelo, é uma forma de reducionismo. Ainda que verdadeiros e factuais, alguns aspectos são invariavelmente enfatizados como mais relevantes que outros, como antecedente ou consequente, como causa ou efeito.

Como veremos a seguir, os teóricos do *Developmental State* tendem a enfatizar a análise nos fatores internos e nas estruturas social e institucional do Estado que teriam permitido conduzir o capitalismo num processo de “catch-up” eficiente. Entretanto, se o desenvolvimento econômico é um processo historicamente definido e o sucesso das realizações desenvolvimentistas desses países “somente se explica no contexto das relações econômicas e do sistema político internacional” (HERRLEIN, 2014, p.13) então a análise da relação entre os fatores internos e externos do desenvolvimento coreano é essencial para compreensão do fenômeno. Cumings (2005, p. 212-213, tradução nossa) afirma que “o desenvolvimento da Coreia não pode ser compreendido separadamente da economia política e dos arranjos de segurança do nordeste asiático”<sup>2</sup>. Woo (1991, p. 5, tradução nossa) reconhece que “[o sucesso da] Coreia não faz nenhum sentido sem entender o sistema mundial e as estruturas de segurança”<sup>3</sup> e chama atenção para a dialética entre as esferas nacional e internacional. Amsden (1989, p. 70) sugere que nenhuma das superpotências jamais foi tão dependente do comércio internacional, qualquer que fosse seu estágio de desenvolvimento, como foi a Coreia durante esse processo. Wade (1990, p. 346, tradução nossa) considera que “boa

---

<sup>2</sup> No original: “(...) Korean development (...) cannot be understood apart from the political economy and security arrangements of the Northeast Asian region”.

<sup>3</sup> No original: “Korea makes no sense without paying attention to the world system and to security structures”. “Estruturas de segurança” é uma referência ao contexto geopolítico.

parte da razão do sucesso do leste asiático tem relação com fatores internacionais”<sup>4</sup>. Peter Evans (et al. 1985, p. 193, tradução nossa) afirma que “as consequências da intensificação do comércio transnacional dependem da posição de um determinado Estado no sistema mundial”<sup>5</sup>. Fernando Fajnzylber (1981), expoente da CEPAL e, portanto, de uma tradição econômica diversa, afirma que é uma “séria omissão” não dar ênfase suficiente à “natureza especial do contexto internacional” na qual a trajetória de sucesso dos países do leste asiático esteve inserida.

Dadas essas constatações, é mister explorar as seguintes questões: qual a importância do comércio exterior e do fluxo de capitais no desenvolvimento coreano? Como o contexto internacional influenciou as políticas públicas de desenvolvimento na Coreia do Sul? Em especial, quais foram as ações efetivas do Estado coreano em busca de conquistar mercados externos, obter financiamento externo e integração econômica mundial? Quais as características das políticas públicas nesse sentido? Houve efetivamente um esforço consciente do Estado coreano em promover uma política forte, com uma estratégia clara, de comércio internacional, corroborando assim uma interpretação do *Developmental State* coreano? Se sim, em que medida ações de política de comércio exterior devem ser incluídas nas análises do modelo situando seu papel na estratégia State-led? A essas perguntas tentaremos responder nesse estudo.

Em termos de metodologia esse trabalho se debruça sobre uma vasta revisão bibliográfica sobre os temas abordados. Também analisaremos os dados e indicadores econômicos da Coreia do Sul. Iremos estabelecer uma relação entre os fatores endógenos e o contexto internacional. Para tanto é necessário levar em consideração os fatores culturais, históricos, políticos, institucionais e sociais.

Em alguns momentos proporemos uma comparação entre a Coreia do Sul e outros países do leste asiático que serviram como exemplo do modelo do *Developmental State*. É comum na literatura a comparação entre os países do leste asiático e alguns países sul americanos, principalmente com o Brasil<sup>6</sup> (Evans 1987 e

---

<sup>4</sup>No original: “good part of the reason for East Asian success has to do with international factors”.

<sup>5</sup>No original: “The consequences of intensified transnational interchange depend on a state’s position in the world system”.

<sup>6</sup>Woo (1991, p. 5) observa que “given its position in the global economic hierarchy and its domestic regime structure, **Korea finds a natural point of reference in the Latin America** experience – issues of “late-late development,” bureaucratic-authoritarian politics, and dependency on the metropole are not foreign to Korea. But, the rate and the pattern of Korea’s economic growth, not to mention geographic and cultural proximity, **also make Japan a useful referent**. So, study of Korea

1989; Whitehead 1989; Jenkins, 1991; Fishlow 1989, Castro, 2009; Palma, 2009). A razão dessa comparação se justifica, entre outros motivos, porque, *mutatis mutantis*, esses países se encontravam em uma etapa similar de desenvolvimento econômico nos anos 1950, mas é muito nítida as diferenças entre as escolhas de políticas econômicas levadas a cabo nesses países. E, em certa medida, estiveram condicionados pelos mesmos fatores geopolíticos. No caso da comparação das trajetórias econômicas de Coréia do Sul e Brasil, as similaridades e as divergências são explicitamente delimitadas, o que permite uma comparação dos resultados das escolhas econômicas muito proveitosa.

Os fatores ligados a comércio exterior e fluxo de capitais podem ser analisados sob três óticas: políticas macroeconômicas, políticas microeconômicas, e aspectos político-institucionais. Os fatos econômicos apresentam características quantitativas e qualitativas. É incompleto proceder uma análise quantitativa da balança de pagamentos do país sem correlacionar com os aspectos qualitativos. Os resultados econômicos quantitativos analisados através da balança de pagamentos não podem ser atribuídos, *per se*, como resultado de políticas públicas deliberadas. A análise dos aspectos institucionais fornecerá explicações qualitativas dos fatos econômicos. Como partimos do pressuposto que existiu um projeto de desenvolvimento econômico consciente e intencional é preciso considerar os fatores intelectuais e psíquicos (i.e., as intenções) dos formuladores do plano de desenvolvimento econômico do país<sup>7</sup>. Por isso é mister a análise dos fatores institucionais, que fazem a conexão entre os resultados e a atuação própria do Estado e do planejador.

Se queremos explicar como foi o processo de inserção coreana no mercado mundial, é preciso observar a tendência do comércio e do padrão de relações internacionais no mundo. O sistema econômico global, pode-se observar, apresentou diferentes tendências ao longo da história. Comparar o caso coreano

---

must inevitably partake of the discourses within the two regions – East Asia and Latin America” [grifos nosso].

<sup>7</sup> Sobre a discussão da intencionalidade do desenvolvimentismo: “Estabelece-se, portanto, a hipótese de que sem uma política consciente e deliberada não se pode falar em desenvolvimentismo. Este não pode ser reduzido, como fenômeno histórico, a simples medidas de expansão da demanda agregada, a manifestações nacionalistas ou a reivindicações corporativistas em defesa da indústria. Além da união dos três elementos, o salto maior ocorre quando o conjunto de ideias, como toda boa ideologia, passa a justificar a si mesmo, ou seja, quando há a defesa explícita de que a principal tarefa do governo consiste na busca do desenvolvimento econômico, que este é seu principal dever, seu objetivo central, no limite, sua razão de ser” (FONSECA, 2004, p. 226).

com esses países e regiões fornecerá uma visão mais completa daquilo que é próprio da estratégia coreana, diferenciando daquilo que é tendência mundial ou regional.

Esse trabalho está organizado em quatro capítulos, além da introdução. A seguir apresentamos um breve resumo sobre a história econômica da Coreia a partir da dominação japonesa em 1910. Como esse estudo pretende fazer uma conexão entre Coreia do Sul e *Developmental State*, é mister elencar aspectos políticos e sociais para uma melhor compreensão da construção do Estado. Esse motivo também explica porque nossa revisão histórica abrange até o início dos anos 90, momento em que o Estado sul-coreano inicia programas de liberalização da economia e desmantelando lentamente capacidades estatais, e rompendo com o modelo do *Developmental State*. Ademais, em prol da síntese, alguns fatores serão enfatizados em detrimento de outros. Na terceira parte, considero o modelo do *Developmental State* tal qual como formulado originalmente a partir dos estudos de Chalmers Johnson, Robert Wade, Alice Amsden e outros. A abordagem desses autores – posteriormente complementada por outros estudiosos – se concentra no *Developmental State* realmente existente, absorvido da experiência histórica de desenvolvimento de Japão, Taiwan e Coreia do Sul. Na quarta parte, analiso por diferentes prismas a política de relações econômicas internacionais buscando identificar um padrão coerente quando possível. No final apresentamos as conclusões conferindo uma unidade aos aspectos gerais das análises anteriores.

## 2. HISTÓRIA ECONÔMICA DA CORÉIA DO SUL

Iniciaremos agora uma revisão sobre a história da Coréia do Sul enfocando os aspectos econômico, políticos e sociais. Para a descrição do período colonial utilizamos amplamente os trabalhos de Kohli (1999), Cumings (2005), Eckert (1991) e, para os aspectos políticos e sociais, Leftwich (1995). Para as seções seguintes, que incluem a transição democrática pré-Guerra da Coréia até o início dos anos 1990, utilizamos os trabalhos de Amsden (1989), Chung (2007), Song (2003) e Graham (2003). Ao final deste capítulo oferecemos uma revisão da evolução dos indicadores econômicos e sociais da Coréia ao longo do período. Para essa última seção, utilizamos os trabalhos de Song (2003), Chung (2007) e dados do Banco Mundial e da Extend World Penn Table.

### 2.1. PERÍODO COLONIAL

Ainda que do ponto de vista histórico a Coréia do Sul passe a existir formalmente como país independente em 15 de agosto de 1948 – com a proclamação da República da Coréia –, a história econômica da Coréia capitalista é costumeiramente contada a partir de 1910, ano em que o então Império Coreano foi anexado ao Império Japonês na condição de protetorado imperial. A dominação japonesa perdurou até o final da Segunda Guerra Mundial em 1945<sup>8</sup>.

Durante o período de ocupação japonesa ocorreram mudanças sócio-políticas e institucionais relevantes que formaram a base de um capitalismo por vir no século XX. Os japoneses “refundaram” o país do ponto de vista social, político e institucional. Nesse período podem ser observadas transformações importantes de fatores que ajudam a explicar o desenvolvimento posterior da economia coreana<sup>9</sup>. Antes da colonização japonesa, a Coréia era um império com características políticas e sociais feudais: economia essencialmente agrária com domínio político de

---

<sup>8</sup> Os períodos anteriores são de constante disputa sob o território coreano entre chineses, japoneses e russos, com um breve intervalo de independência entre 1897 e 1910 – vigência do Império Coreano.

<sup>9</sup>“(…) Japanese colonialism, as brutal as it was, left an imprint on a political economy that later evolved into the high-growth, South Korean path to development. (...) it is difficult to imagine South Korea adopting a growth path that it did without a deeply influential Japanese colonial past.” (KOHLLI, 1999, p. 95-96)

uma monarquia apoiada socialmente nas elites do campo. Ao final do período colonial, como mostraremos a seguir, o Estado coreano adquire características diferentes, podendo ser considerado um Estado moderno capitalista, ainda que a base econômica continuasse predominantemente agrária.

A dominação japonesa tomou a forma de um colonialismo imperialista peculiar, de transformação e desenvolvimento, distinto do colonialismo europeu marcado pela exploração e supressão econômica. Bruce Cumings (2005) caracteriza o colonialismo japonês na Coreia como “administrative colonialism”. Isso se deve a três fatores. Primeiro, a similaridade cultural entre os dois povos e a proximidade geográfica. Esses fator facilitou a dominação japonesa. A proximidade cultural também fez com que a elite política japonesa considerasse uma ocupação permanente, duradoura – o que faria toda a diferença nos planos de desenvolvimento que viriam a ser implementados pelo governo colonial. Segundo, porque as transformações políticas e econômicas que o Japão promoveu na Coreia foram inspiradas na sua própria exitosa experiência de modernização ocorrida durante o período Meiji<sup>10</sup>. Terceiro, a proximidade geográfica e as aspirações imperialistas japonesas na China exigiam que a Coreia fosse não somente uma colônia de exploração econômica, mas também um polo estratégico-militar. Esses aspectos revelam as diferenças com o colonialismo europeu. Entretanto, isso não é afirmar que a dominação japonesa foi menos autoritária ou menos traumática. Muito pelo contrário, o governo colonial japonês foi brutalmente repressor.

Provavelmente a transformação mais profunda foi no campo político: o governo colonial japonês transformou um Estado monárquico-feudal centralizador falido em um Estado burguês-capitalista moderno<sup>11</sup>. Inspirados na sua própria experiência histórica, os japoneses substituíram o sistema de castas monárquico então vigente por uma burocracia pública– incluindo uma força policial com grande poder coercitivo e com ampla penetração social. Os japoneses se empenharam em estabelecer uma forte estrutura administrativa estatal centralizada, crucial para os planos de desenvolvimento que seguiram. Para se ter uma ideia da transformação, o número de oficiais (empregados) que compunham a burocracia pública do governo

---

<sup>10</sup> O Período Meiji, ou Era Meiji, foi o período de domínio do Imperador Mutsuhito Meiji, O Grande. Durante o seu reinado (1867 – 1912) o Estado japonês se transformou de um Estado feudal pré-industrial para um moderno Estado capitalista. Foi um período de grande transformação econômica e social que culminou com a ascensão do Japão como uma das grandes potências mundiais.

<sup>11</sup> “The impact of Japanese colonial power was decisive in altering both the nature of the Korean State and the relationship of this state to various social classes” (KOHLI, 1999, p. 99-100).

colonial foi octuplicado entre 1910 e 1937. Durante a última década do período colonial, cerca de 246 mil funcionários públicos japoneses trabalhavam na Coreia, para uma população total de 21 milhões de habitantes (CUMINGS, 2005). Outro importante legado político da dominação japonesa foi a política de cooptação e repressão dos senhores de terras, a classe dominante de uma economia basicamente agrária (LEFTWICH, 1995). O enfraquecimento da classe dominante agrária foi fundamental para o surgimento posterior de novas forças políticas.

Na esfera econômica, os japoneses legaram uma infraestrutura financeira e comercial importantes. A introdução de um novo sistema tributário com arrecadação em espécie (em contraposição ao antigo sistema de arrecadação por mercadorias e bens), o estabelecimento de um código civil e um avanço significativo na infraestrutura do país são exemplos de conquistas do governo colonial. Os maciços investimentos em ferrovias e rodovias que, segundo Kohli (1999), estavam entre as melhores já herdadas por um país colonizado, fez parte de um plano de expansão do imperialismo japonês à China. Também houve um crescimento bastante elevado da produção agrícola. Esse fato foi importante posteriormente para a industrialização coreana porque, entre outros fatores, a renda agrícola proporcionou a emergência de um mercado doméstico de bens manufaturados. Para ter dimensão da transformação agrícola: em 1938 a produção de arroz na Coreia era superior à dos Estados Unidos.

Durante o governo colonial, houve grande esforço para a industrialização do país, através de incentivos para atração de empresários japoneses em conjunção com uma política de exportação de capital no Japão. A Aliança entre os grandes capitalistas japoneses (os *zaibatsu*) e o governo colonial permitiu a implantação de firmas de grande porte. O governo oferecia empréstimos com taxas preferenciais para empresários japoneses estabelecerem firmas na Coreia. Entre 1910-40 a média anual de crescimento industrial foi de 10%. A industrialização promovida pelo governo colonial japonês visava, basicamente, alimentar o mercado japonês com produtos de consumo de massa, em especial produtos têxteis, aproveitando-se dos baixos salários na colônia. O primeiro conglomerado industrial da história da Coreia do Sul surgiu nesse período, através da Kyongbang Textile Company que iniciou atividades em 1924 (Eckert, 1991).

O legado de um parque industrial para a Coreia do Sul, entretanto, foi pouco expressivo: grande parte das indústrias se concentravam no Norte e durante a

Guerra da Coréia, muitas indústrias foram destruídas. Todavia o fato de a Coréia ter experimentado um período de crescimento industrial tão expressivo foi importante para os períodos posteriores cultural e ideologicamente. Ainda do ponto de vista econômico-cultural, outro grande legado foi a orientação da produção para exportação, aspecto que – conforme veremos posteriormente – foi a tônica da política industrial coreana por décadas (KOHLLI, 1999).

Do ponto de vista social, os japoneses enraizaram a necessidade da educação formal, com ênfase na educação primária. Quando os japoneses se retiraram da Coréia, aproximadamente metade da população estava alfabetizada – o que representa um aumento expressivo em relação ao período anterior<sup>12</sup>. É nesse período que se inicia uma cultura pró-educação de massas que foi profundamente arraigada na sociedade coreana que, nos dias atuais, é modelo nesse quesito.

Com a rendição japonesa ao final da Segunda Guerra Mundial, entre agosto e setembro de 1945, a Coréia foi dividida no paralelo 38 conforme acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética que assumiram o controle político e passaram a governar provisoriamente o sul e o norte, respectivamente.

## 2.2. TRANSIÇÃO, GUERRA DA CORÉIA E GOVERNO DEMOCRÁTICO

A consequência imediata da retirada japonesa foi a suspensão de boa parte das atividades econômicas na Coréia. Ao final da guerra, a economia japonesa entrou em colapso e, com isso, fez paralisar a economia coreana que, naquele momento, era extremamente dependente do comércio com o Japão. Após 1945 houve uma queda considerável no número de estabelecimentos industriais e de empregados. Entre a retirada japonesa e novembro de 1946, a indústria manufatureira apresentou uma queda na produção de 43,7% e nos postos de trabalho de 59,4% (FRANK, p. 7-8). Segundo Chung (2007, p.9) a produção manufatureira em 1947-48 correspondeu a apenas 15% da produção de 1939. Grande parte das plantas e do maquinário industrial que restaram estavam deteriorados. Ainda que os japoneses tenham feito um grande esforço para disseminar a educação formal, do ponto de vista gerencial os coreanos ainda

---

<sup>12</sup> Song (2003, p.48) comenta também da importância de missionários católicos na disseminação da educação durante o período colonial.

dependiam das habilidades dos comerciantes e *managers* japoneses, sendo esse também um fator importante no declínio da atividade econômica. Conforme dito anteriormente, boa parte das indústrias existentes na Coreia nesse período eram situadas no Norte. A maior parte das indústrias existentes na Coreia do Sul eram indústrias leves ao passo que no Norte situavam-se as indústrias químicas e pesadas. Em 1940, 86% da produção industrial pesada situava-se no norte da Coreia, entre elas 85% da produção de metal, 70% da produção de cimento e cerâmica, 85% da produção de gás e energia elétrica, quase 80% da produção de carvão, praticamente toda a produção de minério de ferro, além de toda a produção de fosfato, magnésio e pirita (CHUNG, 2007, p. 8). Com a divisão, as indústrias de carvão, energia elétrica<sup>13</sup> e de fertilizantes do Norte ficaram inacessíveis à Coreia do Sul. Ademais, estima-se que aproximadamente um milhão e setecentos mil coreanos migraram do Norte para o sul, aumentando a procura por moradia, alimentos e outros recursos (CHUNG, 2007, p.9).

Entre 1945 e 1948 a Coreia do Sul foi governada por uma junta militar norte americana. Durante esse período, o governo norte americano apoiou financeiramente e tecnicamente o exército sul-coreano, transformando-o em um dos maiores do mundo. Em 17 de julho de 1948 foi promulgada a primeira Constituição Nacional. Em agosto do mesmo ano, Syng-man Rhee toma posse como o primeiro presidente da história do país. Ele ficaria no poder por três mandatos até 1960. Com isso a autoridade política foi transferida do governo militar americano para o novo governo eleito da República da Coreia. Entre 1948 e a Guerra Civil em 1950, a economia aos poucos se recupera do trauma da separação. Existe algum consenso de que pelo início de 1950, a Coreia do Sul conseguira recuperar o padrão de vida e a atividade econômica existente no período anterior à Segunda Guerra Mundial.

Em março de 1950, durante o governo Rhee, inicia-se a reforma agrária através do Agricultural Land Reform Act (ALRAA). Apoiada em determinação constitucional, a reforma obtém resultados rápidos<sup>14</sup>. Em 1951, em decorrência do

---

<sup>13</sup>“Approximately 92 percent of average annual power generation, however, had come from plants in the North” (FRANK, 1975, p. 6-7).

<sup>14</sup>A questão agrária é um tema bastante caro para a economia coreana. É um país extremamente pobre em terras cultiváveis. A geografia da península é bastante montanhosa. Aproximadamente 20% das terras do país são cultiváveis. Além disso, o fato de ser um país extremamente denso populacionalmente torna a questão ainda mais peculiar.

Em 1955, 61.9% da população vivia em áreas agrícolas. Ao longo dos anos a redução desse percentual foi drástica. Em 1960 eram 58.3%, 45.8% em 1970 e em 1980, 28.9% da população vivia em zonas rurais. Esses dados dão uma boa amostra da transformação social acarretada pelo

ALRAA, 96% das terras cultiváveis passam a ser de produção própria – em contraste com o sistema predominante anterior de arrendamento semi-feudal –, o que demonstra o intuito distributivo da reforma (JEON; KIM, 2000, p. 253). A singular equanimidade distributiva da renda na Coreia do Sul é apontada por diversos pesquisadores como produto decorrente especialmente da reforma agrária desse período<sup>15</sup>. Um mês depois de iniciada a reforma agrária é criado o Banco da Coreia (Bank of Korea), que passaria a executar as funções clássicas de um Banco Central. Além de coordenar a política monetária, também executaria políticas de financiamento e seria importante para munir o governo de informações econômicas, levantando estatísticas e fazendo prognósticos.

Entretanto, pouco tempo depois, em 25 de junho de 1950, tem início a Guerra Civil da Coreia com a invasão do Sul por tropas da Coreia do Norte. Apenas cinco anos depois do desastre econômico da divisão, a guerra devastou a península coreana também com efeitos catastróficos para a economia do país – em especial para a metade sul. Estima-se que um quarto da Coreia do Sul foi destruída e que os custos dos danos de guerra atingiram a marca de U\$6,9 bilhões de dólares – valor que correspondia a quase cinco vezes o PIB sul coreano de 1953. Mais uma vez, a produção econômica reduziu drasticamente: estima-se que entre 1949 e 1951 houve queda de 48% da produção, considerando todos os setores. Grande parte da infraestrutura de rodovias e ferrovias legadas do período colonial japonês foi destruída. Com apenas dois meses de guerra, a produção de energia elétrica ficou reduzida a um décimo do nível de produção de 1945. A produção de arroz caiu para 65% do nível de produção entre 1945-50. As estimativas de feridos, mortos e desaparecidos variam entre 1,3 milhões a 2,5 milhões, número especialmente alto considerando que em 1950 a população do país (considerando Norte e Sul) era de 30 milhões. Em Seoul a destruição foi particularmente ostensiva. Durante a guerra, a cidade alternou-se sob poder do Norte e do Sul por quatro vezes (SONG, 2003, p.49).

A guerra foi produto da divisão geopolítica internacional daquele período histórico. As disputas ideológicas da Guerra Fria marcaram profundamente a

---

desenvolvimento econômico na Coreia. Em termos de participação do PIB, a agricultura representava 43.9% em 1955 caindo para 26.4% em 1970 e 14.4% em 1980. Em 1970 a agricultura empregava pouco mais da metade da mão-de-obra do país caindo para 34% em 1980 e 13.6% em 1990.

<sup>15</sup>“Land reform redistributed income from landlords to other economic agents, including tenants, government, and the general public. This income redistribution is comparable to the predictions of the median voter theorem” (JEON; KIM, 2000, p. 254).

sociedade coreana do ponto de vista econômico e cultural. Dividida em polos ideológicos antagônicos e inconciliáveis, a disputa política entre o Norte e o Sul também determinou uma corrida pela liderança econômica, que resultaria em maior capacidade bélica. O clima belicista perdurou durante décadas. A ideologia da guerra criou marcas profundas na elite política dos dois países, em particular no Sul, e de certa forma moldou os rumos do desenvolvimento econômico. Como bem resumiu Alice Amsden, “(...) anticommunism has been the dominant political ideology guiding [South] Korean industrialization” (1989, p. 37). Nos dez ou quinze anos seguintes o objetivo maior da política econômica sul-coreana seria superar a economia norte-coreana.

A guerra foi tão violenta e seus efeitos negativos sentidos tão rapidamente que já em dezembro de 1950 foi criada a UN Korean Reconstruction Agency (UNKRA), órgão das Nações Unidas que tem como objetivo a reconstrução da Coreia do Sul. Entretanto a agência só começou a operar efetivamente em 1953, quando foi assinado o acordo de armistício selando permanentemente a divisão da Coreia. A UNKRA teve papel fundamental na reconstrução do país, inclusive na reconstrução de plantas industriais. Além de fornecer fertilizantes, madeira para reconstrução de residências e outras matérias-primas, a Agência também forneceu bens de capital importantes para o restabelecimento das atividades comerciais. Esses investimentos, além de ajudarem a promover o desenvolvimento econômico, ajudaram também no controle de pressões inflacionárias.

A Guerra da Coreia também marcou uma mudança no relacionamento entre Estados Unidos e Coreia do Sul. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a Coreia esteve sob proteção americana, mas o anseio da sociedade por independência aliado a divisão da península acordada entre americanos e soviéticos, fez com que a presença americana no país fosse vista como uma interferência desnecessária. Após a Guerra da Coreia, entretanto, a presença americana foi percebida como um grande trunfo para a sobrevivência na nação. Por outro lado, os americanos que tinham posição cética em relação a um conflito na região, após a Guerra da Coreia voltaram os dois olhos para a península coreana. O

palco principal da Guerra Fria passou a ser lá. Com isso, o número de tropas americanas em solo coreano aumentou significativamente durante esse período<sup>16</sup>.

Com o término da guerra, a Coréia passa por um processo de reconstrução difícil e lento. Os gastos militares, mesmo depois do armistício, eram preponderantes no orçamento público, deixando pouco espaço para investimentos<sup>17</sup>. Os poucos recursos de investimentos eram então destinados a reposição de capital existente, recuperando plantas e máquinas danificadas pela guerra. Estimasse que 60% do total de investimentos entre 1953 e 1961 foram destinados para incorporação de capital novo. Existe algum consenso de que por volta de 1958 o país já havia normalizado sua situação econômica. Por volta de 1960 a produção industrial alcançou os níveis de produto anterior à guerra.

Durante esse período de recuperação foram tomadas importantes medidas com reflexos relevantes nos anos subsequentes. Em abril de 1954 é estabelecido o Korean Development Bank, que durante algum tempo foi o mais importante instrumento de política industrial, fornecendo financiamento de longo prazo para projetos em setores relevantes como eletricidade, carvão e cimento e mais tarde na indústria de químicos e indústrias de exportação. Em maio de 1955, a Coréia adere ao BIRD e ao FMI e, em agosto, inicia o funcionamento do mercado de ações.

Do ponto de vista econômico, durante o governo Rhee houve uma tentativa de industrialização por substituição de importações com sucesso bastante controverso. O objetivo era eliminar a necessidade de importação de bens de consumo de massa, como alimentos e têxteis. Para conduzir essa estratégia o governo utilizou recursos da assistência estrangeira, manteve a taxa de câmbio desvalorizada, impôs restrições quantitativas às importações e lançou uma política de subsídios. Graham (2003, p.13-14) argumenta que provavelmente o grande legado da estratégia de substituição de importações na Coréia foi o surgimento de uma classe de empreendedores ricos que seriam importantes nas fases seguintes quando foi levada a cabo uma política industrial com base em *chosen ones*, isto é, a

---

<sup>16</sup> Um episódio culturalmente significativo foi a presença da atriz Marilyn Monroe na Coréia do Sul em fevereiro de 1954. Convidada pelo exército americano, a atriz e cantora encantou mais de cem mil soldados americanos com apresentações musicais durante quatro dias em solo coreano.

<sup>17</sup> Os gastos militares atingiram aproximadamente 16% do PIB no período pós-guerra (CHUNG, 2007, p.13).

escolha de empresas específicas para atuarem em setores prioritários estratégicos<sup>18</sup>.

### 2.3. GOVERNO PARK CHUNG HEE E PLANOS QUINQUENAIS

Em 1960 o governo Rhee é abalado por revoltas populares, lideradas pelos movimentos estudantis. A solução da crise surge com o estabelecimento de um governo parlamentarista tendo Chang Myon como primeiro ministro. Entretanto o governo Myon dura pouco mais de um ano. Um golpe militar liderado pelo General Park Chung Hee consegue, em 16 de março 1961, derrubar o governo parlamentarista. Park assume primeiramente como interino, em 1963 ganha as eleições presidenciais e, em 1967, é reeleito. Depois de uma manobra política, é eleito pela terceira vez em 1971. Em 1972, através de um plebiscito bastante questionado, aprova uma constituição extremamente autoritária, dissolvendo o congresso e assumindo um governo com totais poderes. Hee ficaria no poder durante dezoito anos, até 1979, quando, durante um período de grande turbulência social, foi assassinado<sup>19</sup>.

Foi durante o governo do General Park que os grandes projetos econômicos estatais tiveram início. Houve uma evidente guinada no modelo de desenvolvimento. Através da Economic Planning Board (EPB), criada em 1961, o Estado passa a elaborar projetos econômicos, com políticas claras, traçando metas de desempenho de investimento, crescimento do produto, renda per capita e exportações. Em janeiro de 1962 foi lançado o primeiro Plano Quinquenal de Desenvolvimento Econômico. Esse instrumento de planejamento e diretrizes econômicas foi adotado na Coreia do Sul ininterruptamente até 1996, formando um total de sete planos.

---

<sup>18</sup> Essa visão é corroborada por Song (2003, p.109). Analisando o esgotamento da estratégia de substituição de importações, comenta que "(...) by this time a group of capable entrepreneurs emerged, and a base for further industrialization into the next phase of development was laid by them". Graham (2003) aponta que a Samsung e a Daewoo, dois dos maiores conglomerados industriais coreanos – os *chaebol* –, iniciaram suas atividades empresariais na indústria têxtil durante esse período. Esse ponto será melhor discutido no próximo capítulo.

<sup>19</sup> Assassinado por um dirigente da KCIA – a agência de inteligência sul coreana, órgão de repressão social – numa cena hollywoodiana: após um jantar no Quartel-General da entidade, Kim Jae-kyu, dirigente da KCIA e responsável-chefe pela segurança da presidência, desferiu dois tiros fatais no ditador. Kim Jae-kyu havia sido colega de Park na Escola Militar da Coreia. Formaram-se juntos na segunda turma de 1946.

Pode-se afirmar que foi a partir da ascensão de Park ao governo que a estratégia do desenvolvimento passa a ser, nas palavras de Celso Furtado (1994), a obtenção de “ganho de autonomia externa”, isto é “assumir uma posição ofensiva nos mercados internacionais”. Para tanto, deve existir uma séria de políticas em que “os investimentos são orientados de forma a favorecer setores com capacidade competitiva externa potencial e que tenham ao mesmo tempo um efeito indutor interno. As exportações apoiam-se em economia de escala e/ou avanço tecnológico, e não em vantagens comparativas estáticas” (p.41)<sup>20</sup>. Isso é, *ipsis litteris*, o que foi executado durante a ditadura do General Park e nos governos que seguiram até, pelo menos, o início da década de 90.

O Primeiro Plano Quinquenal (1962-1966) tinha como meta uma média de crescimento anual do PIB de 7,1%, mas superou a meta facilmente atingindo 8,5% entre 1962 e 1966. O principal objetivo do Primeiro Plano era “estabelecer as bases para um desenvolvimento econômico autossustentável”. Por conta das poucas fontes de financiamento disponíveis para a economia coreana na primeira metade da década de 60, o Primeiro Plano foi importante não tanto por proporcionar incrementos nos investimentos, mas por fornecer os contornos jurídicos e institucionais-econômicos para o início de uma nova fase de desenvolvimento. Delimitar claramente os direitos de propriedade, regular a atividade econômica e estabelecer as regras de contratos foram medidas importantes desse período que ajudaram a desenhar os contornos do ambiente econômico. Durante esse período podemos observar a criação de diversas instituições relevantes como o Korea Institute for Science and Technology<sup>21</sup>, a National Tax Office, a criação de leis para promoção de investimentos externos e regulação de capital estrangeiro e a criação de um novo código civil comercial. Em junho de 1962 uma reforma monetária foi implementada que resulta na extinção do *Hwane* na retomada do *Won* que continua

---

<sup>20</sup> “O traço principal desse modelo é o ganho de autonomia nas relações externas. Supera-se a situação de dependência e passividade, imposta pelo sistema clássico de divisão internacional do trabalho, para adotar uma postura ofensiva fundada no controle de certas técnicas de vanguarda e na iniciativa comercial” (FURTADO, 1994, p.41)

<sup>21</sup> O instituto foi um importante instrumento de políticas tecnológicas direcionadas para a indústria, promovendo desde a criação de novos produtos a melhorias técnicas que permitiam a redução de custos aumentando a competitividade no mercado internacional. Chung aponta que “the establishment of institutes such as the Korea Development Institute (KDI) and the Korea Institute of Science and Technology (KIST) provided not only an excellent research environment but also prestige and remuneration for returning scientists. For instance, about 250 scientists and engineers at KIST held advanced degrees earned abroad. Under the auspices of the Ministry of Science and Technology, there were 21 research institutes with nearly 5.000 research scientists” (CHUNG, 2007, p.75).

a ser até os dias de hoje a moeda nacional sul coreana. Outra reforma monetária, ainda mais profunda, seria feita em setembro de 1965. O objetivo dessa última era aumentar o nível de poupança interna, permitindo ao governo acesso a recursos para financiar investimentos. Para isso, a taxa de juros de depósitos duplicou, passando de 15% para 30% ao ano. Outra conquista importante desse plano foi a redução do número de desempregados, passando de 15,1% em 1962 para 7,7% já em 1964. Pelo menos até o final da década de 90, a Coreia jamais veria a sua taxa de desemprego superar os 7% novamente<sup>22</sup>. Mesmo sem conseguir aumento substancial nas taxas de investimento<sup>23</sup>, o Primeiro Plano logrou aumentar consideravelmente a participação da indústria na economia. Em 1962 a indústria correspondia a 16,6% do PIB e em 1966 passou a ser 20,1% do PIB – portanto um aumento de 21%. Os investimentos foram direcionados para indústrias de bens de consumo e indústria leve como têxtil e calçados – que foram os setores exportadores de maior destaque nessa primeira fase –, e no programa de substituição de importações, atingindo a produção de cimentos, refino de petróleo e fertilizantes.

Durante esse período houve outros fatos importantes a serem mencionados. Em 1962, como parte do Primeiro Plano Quinquenal, inicia-se a construção do complexo industrial de Ulsan, que viria a se tornar o principal parque industrial da Coreia. Hoje Ulsan abriga a maior fábrica de automóveis Hyundai do mundo, um dos maiores estaleiros do mundo em volume de produção, e um dos principais complexos de indústria química do mundo. Em fevereiro de 1965, a Coreia do Sul envia suas tropas para lutarem junto com o exército norte americano na Guerra do Vietnam. O fato de a Coreia do Sul ter sido um dos principais aliados do governo norte americano nessa guerra em particular ajudou a selar uma longa história de cooperação mútua entre os dois países. Outro fato importante desse período foi a normalização das relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e o Japão, também em 1965. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, os dois países haviam rompido

---

<sup>22</sup> É importante algumas observações sobre a questão do desemprego. Park assumiu o país em 1961 herdando a maior taxa de desemprego desde o início dos registros, em 1953. O combate ao desemprego virou questão ideológica na Coreia. Até 1978 a agricultura era o setor econômico que mais empregava. A partir de 1979, o setor terciário passou a ser o maior empregador do país. A indústria só assumiria o segundo lugar em 1986. Entre 1972 e 1986 a taxa de desemprego médio anual foi de apenas 4,1%.

<sup>23</sup> Com exceção do último ano do Plano quando a taxa de investimento atingiu 20,4% do PIB contra uma média de aproximadamente 14% entre 1962 e 1965, o que é apenas um pouco superior do que a marca histórica anterior.

seus tratos diplomáticos, e a retomada das relações representou um grande avanço em termos econômicos para a Coreia. O Japão viria a se tornar um dos principais parceiros comerciais da Coreia do Sul. Mas a retomada das relações não ocorreu de forma pacífica dentro do país. Em 1964, com o início das tratativas, uma série de protestos estudantis fez com que Park decretasse lei marcial. Os protestos foram suprimidos violentamente por tropas do exército. Em dezembro de 1965, os dois países assinam o acordo após o Japão concordar em transferir oitocentos milhões de dólares em ajuda financeira para a Coreia.

O Segundo Plano Quinquenal (1967-71) foi voltado a reformas da estrutura microeconômica, com ênfase na modernização da infraestrutura industrial, estabelecendo métodos de financiamentos e reformas gerenciais para aumentar a eficiência alocativa. Quanto a criação de instituições, podemos citar a lei de promoção de indústrias locais de dezembro de 1969 e a criação do Korea Development Institute. Mais uma vez a meta de crescimento foi ultrapassada: 9,7% de crescimento anual médio realizado contra 7% planejado. Durante o Segundo Plano, houve uma grande preocupação em melhorar a situação da balança de pagamentos do país, fragilizada por grandes volumes de importações. Portanto, em conjunto com os incrementos na indústria de exportação, houve um aprofundamento das políticas de substituição de importações nesse período, beneficiando setores produtores de vidro, algodão, madeira compensada e fiação sintética. Nesse período, alguns setores começaram a apresentar excesso de capacidade, abrindo margem para que outras indústrias exportadoras como pudessem surgir. O desemprego continuou em queda atingindo 4,5%, a menor taxa, até aquele momento, desde 1953. A participação da indústria na economia subiu pouco, de 20,1% para 22,2%. Mas a taxa de investimento aumentou consistentemente para uma média de 25,8% do PIB contra 16,4% do Primeiro Plano. Em especial, houve aumento do investimento em capital fixo, principalmente nas indústrias de aço, maquinários e química. Em 1970 a Coreia alcança o status de Newly Industrializing Country (NIC). No ano seguinte, em 1971, inicia-se a construção da primeira usina nuclear de energia da Coreia. A Kori-1, localizada em Busan, iria iniciar suas atividades comerciais em 1978.

Em 1972, com o lançamento do Terceiro Plano Quinquenal (1972-76) a Coreia inicia uma nova etapa no seu desenvolvimento industrial, passando a dar ênfase à criação de uma indústria química e pesada (na sigla inglesa HCI, de

*Heavy-Chemical Industry*). O Plano previa um crescimento médio anual de 8,6% do PIB. Mas a meta foi superada, atingindo 10,2%. Até o final do Segundo Plano, o governo coreano ainda buscava dotar o país de uma estrutura industrial básica, reduzindo a dependência das importações, construindo uma infraestrutura de suporte à produção industrial. A partir do Terceiro Plano, a ênfase em uma política industrial *exported-oriented* sofre um impulso ainda maior. O que antes era restrito a setores da indústria leve, como a têxtil, nesta etapa, a ênfase exportadora sobe de patamar, alçando a indústria química e pesada dentro do complexo exportador do país. O governo lança metas de longo prazo: alcançar PIB per capita de U\$1.000 e atingir a marca de U\$10 bilhões em exportações até 1981. Agora não se trata mais de superar a Coréia do Norte, mas sim em alcançar o desenvolvimento econômico japonês. Em outubro de 1972 o General Park decreta Lei Marcial, dissolve o congresso e aprova a constituição autoritária. Em 1976 ocorre a criação do Export-Import Bank of Korea (conhecido como Korea Eximbank) com o objetivo de financiar os megaprojetos da indústria pesada exportadora.

A iniciativa por parte do governo de iniciar uma política deliberada de desenvolvimento industrial em setores da indústria química e pesada, marca uma nova etapa na economia sul-coreana. Apesar de o país ter tido um bom desempenho econômico na década de 1960, os principais produtos produzidos no país ainda eram de natureza simples. Em 1970, a agricultura empregava 50% da força de trabalho e correspondia a 31,3% do produto interno bruto do país, mais do que a indústria de manufaturados, que representava 18,4% do produto e empregava 13% da força de trabalho. Dentre os produtos manufaturados, se destacavam as indústrias têxtil, química simples, carvão e alimentos. Ao final do terceiro Plano Quinquenal, isto é, em 1976, a agricultura empregava 44,6% da força de trabalho do país ao passo que a indústria de manufatura aumenta a sua participação no montante empregado para 21,3% do total de trabalhadores. Em 1977, a indústria química ultrapassa a indústria alimentícia e a de têxtil e vestuário em valor de produção. Do total de produtos manufaturados, a indústria química correspondeu, naquele ano, a 22,18% do valor total produzido. Destaque para a produção de plásticos, que entre 1975 a 1978 teve crescimento de 219%. Outra indústria que ganha destaque é a de máquinas e equipamentos que, em 1977, é a terceira em valor de produção – muito próximo do setor têxtil, que naquele ano ocupou o

segundo lugar – e a segunda que mais emprega – perdendo, mais uma vez, para o setor têxtil.

O Quarto Plano Quinquenal (1977-81) foi o único dos seis primeiros planos que não atingiu as metas de crescimento econômico. Também foi o plano mais ambicioso em termos de metas. De um planejado de 9,2% de crescimento médio anual, atingiu 5,7%. O fracasso se deve em grande parte às consequências da Segunda Crise do Petróleo, em 1979, que minou a já frágil situação das contas externas coreanas. Com a forte pressão sobre o preço do petróleo e dada a dependência do país na importação desse bem, a dívida externa do país cresce para além de quarenta por cento do PIB. O ano de 1980 registrou a primeira queda do PIB desde 1956: queda de 2,7% em relação a 1979. A inflação também dispara em 1980, atingindo 28,8% no ano – a maior marca desde 1964. A partir de 1979 houve uma queda na taxa de investimentos que naquele ano representava 35,8% do PIB, a maior taxa desde 1953. A economia coreana só voltaria a superar essa marca em 1990 quando os investimentos atingiram 37,1% do PIB. O Quarto Plano deu muito mais ênfase aos aspectos sociais do desenvolvimento, inclusive tendo sido chamado oficialmente de “Plano Socioeconômico Quinquenal”. Houve também uma mudança na natureza das metas. Passou-se a dar maior importância para aspectos qualitativos da produção do que os aspectos quantitativos, como era preponderante anteriormente. Isto é, menos ênfase a escala e mais ênfase a eficiência, custos e qualidade do produto. Uma reforma tributária com objetivo de ampliar a taxa sobre valor adicionado é feita. Aumenta-se também as restrições às importações que não fossem essenciais às indústrias estratégicas.

E 1979 não foi apenas um ano de crise econômica na Coreia. Foi também um ano de crise política. Com o assassinato do General Park, houve momentos de turbulência social forte no país. Inicialmente o Primeiro Ministro Choi Kyu-ha assume como presidente, mas meses depois, em setembro de 1980, o General Chun Doo-hwan assume o poder e decreta lei marcial. Movimentos sociais pedindo a restauração da democracia são fortemente suprimidos. Chun extingue os partidos políticos existentes, incluindo o antigo partido de Park – o *Democratic Republican Party* –, e cria o seu próprio partido, o *Democratic Justice Party*. Chun tenta passar uma imagem de restaurador da justiça social, reduzindo as desigualdades econômicas e o poder dos *chaebol*.

Com esse objetivo, no final de 1980 uma lei antitruste e antimonopólio entra em vigor. O Monopoly Regulation and Fair Trade Act foi criado para limitar o poder dos *chaebol* e restringir sua expansão em setores específicos. Uma agência reguladora – a Korea Fair Trade Commission (KFTC) – foi criada especialmente para implementar a lei. A lei condenava a combinação de preços e impunha restrições a firmas que detinham mais de cinquenta por cento do Market share de algum setor específico. Comportamento típico de cartel – fixação de preços, controle de produção e competição desleal – seriam punidos com rigor. Os efeitos da lei na prática são controversos. Graham (2003) afirma que a lei teve êxito em controlar a elevação de preços, mas pouco efeito teve quanto a competição entre as firmas. Outra reforma importante que se inicia com o governo Chun é a privatização dos bancos públicos. Os bancos foram privatizados sob a condição de que nenhum *shareholders* possuísse mais do que oito por cento das ações. Mesmo com a privatização, todavia, o Bank Of Korea ainda comandava boa parte das políticas de crédito dos bancos agora privatizados e o governo ainda detinha o direito de nomear os ocupantes dos altos cargos. Assim o governo manteve o controle sobre os bancos comerciais (AMSDEN, 1989, p. 16).

Em 1982 é lançado o Quinto Plano Quinquenal (1982-1986). Um dos principais objetivos desse plano era a estabilização econômica através de um combate consistente contra a inflação, como resposta a alta generalizada nos preços a partir da crise de 1979<sup>24</sup>. Houve uma redução drástica nas taxas de inflação, alcançando marcas muito abaixo da série histórica. Já em 1982 a taxa de inflação caiu para 7,1% contra 21,6% registrados no ano anterior. Nos anos seguintes, até o final do Quinto Plano, a taxa não ultrapassou os 3,4% registrados em 1983. O segundo ponto focal desse plano foi a questão tecnológica, que já vinha sendo abordada nos planos anteriores, mas que dessa vez foram intensificadas para suprir as necessidades competitivas da nova indústria química e pesada. O Quinto Plano previa um crescimento anual médio do PIB de 7,5%, mas foi superado, alcançando 8,7%.

---

<sup>24</sup> Historicamente a Coréia do Sul conviveu com taxas de inflação maiores do que dois dígitos, com exceção do período entre 1958 e 1962 e do ano de 1973 quando foi de apenas 3,2%. Em 1964 a taxa de inflação anual chegou a 29,5%. Entre 1965 e 1972 ela oscilou entre 10,4% e 15,6%. Em decorrência a primeira crise do petróleo, de 1973, houve picos na inflação em 1974 e 1975 quando atingiu 24,5% e 25,2%, respectivamente, mas logo em seguida as taxas retornaram a média histórica. Entretanto após a crise do petróleo houve um crescimento de 18,2% registrado em 1979 para 28,7% em 1980 – a segunda maior taxa de inflação anual desde 1956.

Em 1987, os movimentos democráticos tiveram êxito e novas eleições acontecem – a primeira eleição direta desde 1971. É eleito presidente Roh Tae-woo do Partido da Justiça Democrática que assume em fevereiro de 1988 prometendo um amplo programa de reformas democráticas e econômicas. Houve um apelo maior às políticas de abertura política e econômica dentro da sociedade, reflexo do aumento do poder dos movimentos sociais<sup>25</sup>.

O Sexto Plano Quinquenal (1987-1991) pode ser visto, em certa medida, como uma ruptura. Ainda que o Estado continuasse cumprindo a tarefa de planejador econômico, houve uma lenta e gradual liberalização da economia<sup>26</sup>. Houve tentativas de diminuir os financiamentos e subsídios, mas muitas dessas medidas encontraram resistência política nos grandes grupos industriais (os *chaebol*) e algumas delas só foram efetivamente levadas a cabo depois do final do Sexto Plano. Em alguma medida, houve uma liberalização no mercado financeiro através de medidas de desregulamentação do setor. Entre 1988 e 1989 o governo promoveu a privatização de algumas empresas públicas<sup>27</sup> como a gigante da indústria pesada Pohang Iron & Steel, ainda que em muitos casos o governo manteve-se como principal acionista. Essas medidas foram acompanhadas de um aumento nos gastos sociais. Novas relações trabalhistas foram estabelecidas, fruto de demandas sociais emergentes pela nova condição democrática.

A elaboração, acompanhamento e execução do Sexto Plano foi diferente do que costumava acontecer nos planos anteriores. Essas funções, que eram concentradas e centralizadas na EPB, passaram a ser executadas pelo Economic and Social Development Council, uma estrutura muito mais ampla, abrangendo todos os ministérios, com um total de 50 oficiais, ministros e funcionários. A elaboração dos planos setoriais ficava a cargo de um comitê composto por 40 grupos de trabalho distintos. Ao final, o Plano realizou uma taxa de crescimento médio anual de 9,9% contra 7,3% planejado.

---

<sup>25</sup> Com a abertura democrática houve um fortalecimento dos sindicatos trabalhistas, alterando o jogo de poder político na Coreia, com a emergência de novos grupos de interesses relevantes. Para se ter uma ideia da transformação, Graham (2003) aponta que entre 1984 e 1986 havia aproximadamente 200 disputas judiciais trabalhistas por ano. Em 1987 esse número saltou para mais de 3.700.

<sup>26</sup> Algumas medidas já vinham sendo executadas durante o Quinto Plano Quinquenal, como a eliminação dos déficits de empresas públicas. Entretanto, as medidas liberalizantes e privatizantes tomaram um formato coerente e tiveram êxito a partir do Sexto Plano.

<sup>27</sup> Em verdade, as primeiras privatizações iniciaram no início da década, quando o governo vendeu parte de ativos de alguns bancos públicos como o Korean First Bank, em 1982 e o Chohung Bank em 1983. Entretanto, um programa consistente de privatizações, abrangendo diversos setores só iniciou em 1988.

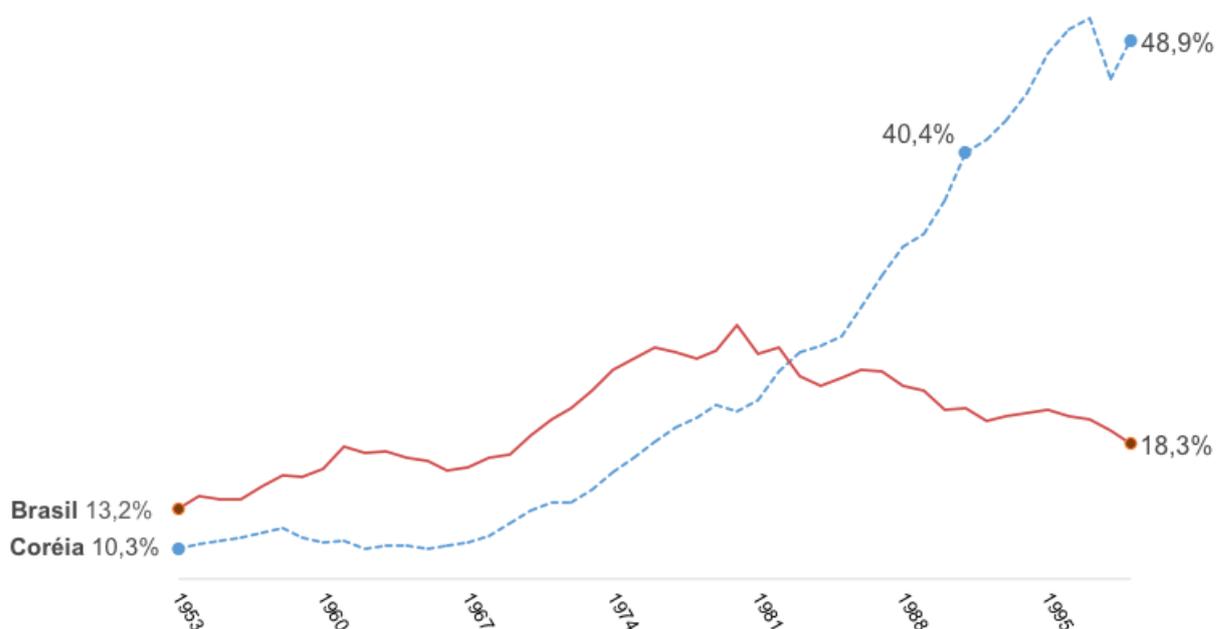
Em 1988 a Coréia do Sul sediou à 24ª edição dos Jogos Olímpicos. Foi a segunda Olimpíada sediada no continente asiático - Tóquio, em 1964, foi a primeira. O evento teve significado simbólico importante para o país. Chun Doo-hwan esperava que a exposição mundial durante os jogos olímpicos trouxesse apoio internacional ao seu governo, legitimando o seu comando. A Coréia foi confirmada como sede da 24ª edição em 1981 e naquele momento os movimentos populares que exigiam abertura democrática, que se intensificaram após a morte de Park em 1979, eram uma grande preocupação do governo. Os planos de Chun entretanto não deram certo. Os jogos olímpicos de 1988 foram realizados já sob a presidência do recém-eleito Roh Tae-woo. Dois anos antes Seul sediou os Jogos Asiáticos, também pela primeira vez. Os dois eventos tiveram impactos relevantes na economia. Um estudo sobre os impactos dos Jogos no desenvolvimento nacional feito pelo Korea Development Institute encomendado pelo Comitê Olímpico, concluiu que os Jogos contribuíram positivamente no desenvolvimento econômico do país, com destaque no aumento da atividade dos setores do turismo, artesanato (que impactou positivamente em pequenas e médias empresas regionais), tecnologia e eletrônicos. Entre 1982 e 1988 foram 2,382 bilhões de won investidos em infraestrutura e em complexos esportivos, o que representou apenas 1,6% do investimento total do país nesse período. Metade dos investimentos foram feitos pelo governo e a outra metade pelo setor privado e pelo próprio Comitê Olímpico. Dentre os investimentos em infraestrutura destacam-se a ampliação do aeroporto internacional de Kimpo (Seoul) – a capacidade de carga, essencial para exportações, passou de 320 milhões de toneladas para 540 milhões; e a criação do sistema de tecnologia de informação WINS (Wide Information Network System Service) que virou um exemplo, mundialmente reconhecido, da capacidade de desenvolvimento tecnológico nacional da Coréia. Os Jogos Olímpicos ainda tiveram efeitos positivos sobre o emprego, a renda e a produção.

O Sétimo Plano Quinquenal iniciado em 1992 e previsto para terminar em 1996, foi suspenso e substituído, em 1993, pelo New Economy Five-Year Plan, um plano de abertura comercial e liberalização da economia. Em 1995, a Coréia ultrapassa a marca dos U\$10.000 de PIB per capita. As exportações alcançam U\$100 bilhões. O Banco Mundial classifica a Coréia como High Income Economy.

## 2.4. EVOLUÇÃO DOS INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Entre os anos de 1961 e 1991 os principais indicadores econômicos da Coreia tiveram desempenho notável. O crescimento real médio do PIB foi de 8,4% ao ano, contra 3,9% no período entre 1953 e 1960 (Tabela 1). A taxa de desemprego reduz significativamente: a média do período entre 1961 e 1991 é de 5,2% contra 11,5% entre 1953 e 1960. Entre 1972, ano que o governo inicia a seu plano de fomento a indústria química e pesada, e 1991 a média anual de desemprego é de apenas 3,7%. Em termos per capita, o PIB sul coreano que correspondia à 10,84% do PIB norte americano em 1961, chega a 40,42% em 1991<sup>28</sup> (Gráfico 1). Esse dado revela que o processo de *catching up* econômico teve êxito. Resta ainda mais evidente quando comparamos com a trajetória do Brasil, por exemplo. Até 1982, o Brasil tinha renda per capita mais próxima da americana do que a Coreia. Mas a partir de 1983 a Coreia ultrapassa o Brasil.

**Gráfico 1 - PIB Per Capita em relação ao Estados Unidos (1953 - 1999)**



Fonte: World Development Indicators (2015).

A indústria, que em 1961 correspondia a apenas 15,3% do PIB, representava 29% do PIB em 1991. Durante esse período – 1961 a 1991 – a indústria teve

<sup>28</sup> PIB calculado a preços constantes pelo dólar de 2005.

crescimento médio anual de 14%. No mesmo período a produção de manufaturas cresceu em média 14,9% ao ano. No segundo Plano Quinquenal, isto é, entre 1967 e 1971, a indústria teve crescimento anual médio de 19,8% enquanto a produção de manufaturas, 21,8%. A indústria que empregava apenas 6,6% da força total de trabalho do país antes dos planos econômicos, passou a empregar 26,2% em 1991.

Tabela 1 - Indicadores Economicos (1953 - 1991)

	ANO	Composição Setorial do PIB				Emprego por Setor Econômico				Manufatura						
		Inflação	Taxa de Cresc Real PIB	Taxa de Crescimento da Indústria	Taxa de Crescimento da Manufatura	Agricultura <sup>1</sup>	Serviços	Indústria	Governo	Agricultura <sup>1</sup>	Manufatura	Serviços	Desemprego	Indústria Leve	Indústria Química e Pesada	Manufatura Total
		%				% do PIB	% do PIB	% do PIB	% do PIB	%	%	%	%	% do PIB	% do PIB	% do PIB
Pós-Guerra	1953	53.1	-	-	-	47.3	29.7	10.0	11.8	60.6	5.0	25.4	8.4	7.1	1.9	9.0
	1954	36.0	5.6	11.5	18.1	40.3	30.4	12.5	15.9	57.9	5.2	28.1	8.2	9.3	2.5	11.8
	1955	69.9	4.5	19.9	21.3	44.8	27.4	12.3	14.3	59.5	5.4	23.6	10.8	9.3	2.3	11.6
	1956	31.7	-1.3	13.6	15.2	47.2	25.8	12.5	13.6	62.1	5.6	22.0	9.9	9.3	2.3	11.6
	1957	16.2	7.6	9.9	7.1	45.2	26.3	12.5	15.3	60.2	5.8	22.1	11.0	9.0	2.2	11.2
	1958	-6.3	5.5	9.1	10.3	41.2	27.2	14.2	16.7	55.7	6.0	24.6	12.5	10.1	2.7	12.8
	1959	2.4	3.9	10	9.2	34.7	29.8	15.7	19.1	48.6	6.2	27.9	16.2	11.1	3.0	14.1
1º Plano	1960	10.7	1.2	10.9	8.2	36.8	29.2	15.7	17.5	51.1	6.4	26.3	15.1	10.6	3.2	13.8
	1961	13.3	5.9	4.4	4	40.2	27.2	15.3	16.4	54.8	6.6	23.8	13.2	10.0	3.6	13.6
	1962	9.4	2.1	13.4	11.7	36.6	29.0	16.6	16.9	50.8	6.8	25.5	15.1	10.3	4.1	14.4
	1963	20.5	9.1	14.2	16.1	42.2	26.8	16.6	13.7	56.7	7.0	23.2	11.8	10.3	4.4	14.7
	1964	34.7	9.7	10.5	9.9	45.9	24.3	17.6	11.4	57.2	7.5	27.0	7.7	10.9	4.7	15.6
	1965	10.0	5.7	18.3	20.5	38.4	28.7	19.7	12.3	54.3	8.7	28.8	7.4	12.3	5.7	18.0
2º Plano	1966	11.8	12.2	15.3	17.3	35.4	30.4	20.1	12.8	53.8	9.1	29.1	7.1	12.3	6.3	18.6
	1967	10.5	5.9	20.2	21.6	31.4	32.8	20.4	13.7	51.8	11.0	30.0	6.2	12.5	6.6	19.1
	1968	10.7	11.3	23.4	27.2	28.5	33.7	21.8	14.5	49.8	12.1	31.8	5.1	12.4	7.6	20.0
	1969	11.8	13.8	19.2	21.6	28.7	34.4	21.9	13.7	48.9	12.4	32.7	4.8	12.7	7.6	20.3
	1970	16.3	8.8	19.6	19.9	28.0	35.5	22.3	14.2	48.2	12.6	33.6	4.5	12.8	8.2	21.0
3º Plano	1971	13.2	8.5	16.4	18.6	26.8	37.9	22.2	13.2	46.3	12.6	35.7	4.5	12.6	8.5	21.1
	1972	11.7	4.8	12.1	14	26.4	37.9	23.2	12.9	48.3	13.1	33.6	4.5	14.0	8.2	22.2
	1973	3.3	12.8	28.5	29.5	24.7	39.0	25.9	11.1	48.0	15.3	32.3	4.0	14.7	10.2	24.9
	1974	24.7	8.1	16	17.2	24.8	38.6	26.6	10.9	46.2	16.7	32.6	4.1	12.9	12.8	25.7
	1975	24.9	6.6	12.4	12.4	24.9	37.8	28.0	10.9	44.0	17.8	33.6	4.1	13.5	12.4	25.9
4º Plano	1976	15.4	11.8	21.3	23.5	23.8	36.6	28.8	11.4	42.9	20.5	32.2	3.9	13.9	13.5	27.4
	1977	10.2	10.3	15.4	15.3	23.0	37.6	28.4	11.6	40.2	20.8	34.4	3.8	13.0	13.8	26.8
	1978	14.4	9.4	20.8	22.2	21.9	39.2	28.4	11.0	37.2	21.6	37.2	3.2	12.5	14.2	26.7
	1979	18.2	7.1	9.1	10.1	20.5	41.0	28.0	11.5	34.4	22.0	39.0	3.8	12.4	15.1	27.5
	1980	28.8	-2.7	-1.7	-1.6	16.3	43.7	30.2	12.9	32.2	20.6	41.1	5.2	13.1	15.1	28.2
5º Plano	1981	21.5	6.2	9.5	10.1	17.9	41.8	31.0	13.0	32.7	19.5	42.5	4.5	13.0	15.5	28.5
	1982	7.1	7.6	5.9	6.9	14.6	40.4	29.8	14.4	30.7	20.2	44.0	4.4	12.6	15.5	28.1
	1983	3.4	11.5	14.8	15.3	13.6	41.7	29.8	14.3	28.5	21.6	45.0	4.1	12.4	16.6	29.0
	1984	2.3	8.7	16.3	16.9	12.9	41.3	31.8	13.4	26.1	22.3	46.8	3.8	12.5	17.4	29.9
	1985	2.4	6.5	6.1	6.2	12.8	42.1	31.3	13.8	23.9	22.5	48.6	4.0	12.2	17.1	29.3
6º Plano	1986	2.7	11.6	19	19.5	11.5	42.1	32.7	13.6	22.7	23.7	48.6	3.8	12.4	18.4	30.8
	1987	3.0	11.5	18.9	19.5	10.5	42.7	33.0	13.4	21.2	26.2	48.5	3.0	12.6	18.8	31.4
	1988	7.1	11.3	13.4	13.8	10.5	43.3	33.2	13.1	20.1	27.0	49.6	2.5	11.8	20.3	32.1
	1989	5.7	6.4	4	4.2	9.6	46.0	31.7	13.1	19.1	27.1	50.7	2.6	11.1	19.9	31.0
	1990	8.6	9.5	9.3	9.7	8.7	48.2	29.8	13.1	17.5	26.5	53.2	2.4	10.0	19.2	29.2
1991	9.3	9.1	8.9	9.1	7.7	50.2	29.0	13.3	13.3	16.1	26.2	55.0	2.3	9.0	19.5	28.5
	Médias															
1º PQ	1962-1966	17.3	7.8	14.3	15.1	39.7	27.8	18.1	13.4	54.6	7.8	26.7	9.8	11.2	5.0	16.3
2º PQ	1967-1971	12.5	9.7	19.8	21.8	28.7	34.9	21.7	13.9	49.0	12.1	32.8	5.0	12.6	7.7	20.3
3º PQ	1972-1976	16.0	8.8	18.1	19.3	24.9	38.0	26.5	11.4	45.9	16.7	32.9	4.1	13.8	11.4	25.2
4º PQ	1977-1981	18.6	6.1	10.6	11.2	19.9	40.7	29.2	12.0	35.3	20.9	38.8	4.1	12.8	14.7	27.5
5º PQ	1982-1986	3.6	9.2	12.4	13.0	13.1	41.5	31.1	13.9	26.4	22.1	46.6	4.0	12.4	17.0	29.4
6º PQ	1987-1991	6.7	9.6	10.9	11.3	9.4	46.1	31.3	13.2	18.8	26.6	51.4	2.6	10.9	19.5	30.4
	1953-1960	26.7	3.9	12.1	12.8	42.2	28.2	13.2	15.5	57.0	5.7	25.0	11.5	9.5	2.5	12.0
	1961-1991	12.5	8.4	14.0	14.9	23.2	37.8	26.0	13.1	38.9	17.3	37.7	5.2	12.2	12.3	24.5
	1953-1991	15.4	7.6	13.7	14.5	27.1	35.8	23.3	13.6	42.6	15.0	35.1	6.5	11.7	10.3	21.9

Fonte: Chung (2007)

Nota: (1) Inclui agricultura, silvicultura e pesca

Os dados deixam claro que não houve apenas uma transformação da base produtiva, de agrária para industrial, mas uma evolução no tipo de indústria. Em 1961 a indústria pesada e química representava apenas 3,6% do PIB enquanto a indústria leve, 10% do PIB. Em 1991 os percentuais se alteram para 19,5% e 9% respectivamente. Ou ainda: em 1961 a indústria leve correspondia a 73,7% do total

da produção manufatureira, contra 26,3% da indústria pesada e química. Em 1991, esses percentuais se invertem: a pesada e química passa a responder por 68,3% da produção manufatureira total, enquanto a indústria leve, 31,7% do total.

Com a intensificação da indústria no país e com a modernização das técnicas produtivas, os indicadores de produtividade do trabalho e do capital também tiveram crescimento expressivo. A produtividade do trabalho no setor de manufaturados entre 1965 e 1973 cresceu em média 13% ao ano. Entre 1974 e 1975, 18,8% ao ano, 12% entre 1976 e 1979. Entre 1980 e 1984, o crescimento médio anual da produtividade do trabalho foi de 11,5% (AMSDEN, 1989, p. 201). Entre 1963 e 1979, o valor adicionado por trabalhador no setor manufatureiro teve crescimento médio de 11% ao ano. No setor de manufatura pesada, o valor adicionado por trabalhador teve crescimento de 12% no mesmo período, com destaque para os setores de ferro e aço (14,1%) e metais não-ferrosos (14,9%).

A Extended Penn World Table (2015) fornece dados sobre o estoque de capital por trabalhador de diversos países. A relação desse indicador para a Coreia do Sul em comparação com os Estados Unidos nos mostra como o processo de *catch-up* fez aumentar substancialmente a relação entre capital por trabalhador na economia sul-coreana. Em 1963, a relação entre estoque de capital por trabalhador na Coreia do Sul correspondia à 9,5% da relação encontrada nos Estados Unidos no mesmo ano. Em 1991 a relação do estoque de capital por trabalhador na economia sul-coreana correspondia a 73,3% da economia norte americana. Ou seja, a relação entre estoque de capital e o número de trabalhadores na economia coreana, que em 1963 correspondia a menos de um décimo da relação encontrada na economia norte americana, em 1991, passou a ser de pouco menos de três quartos. Resta evidente por esse dado que o crescimento industrial sul-coreano alavancou o estoque de capital do país a níveis de países desenvolvidos. Em 1991, a relação capital por trabalhador da Coreia do Sul era maior do que as de países como Reino Unido e Portugal.

A Extended Penn World Table (2015) também fornece dados da produtividade do trabalho, medida pela relação do produto líquido pelo número de trabalhadores. Analisando os dados para a Coreia podemos observar também um grande crescimento desse indicador durante o período entre 1963 e 1991. Em 1963, a produtividade do trabalho na Coreia era de 14,9% da produtividade do trabalho no

mesmo ano para os Estados Unidos. Em 1991, a produtividade do trabalhador sul-coreano aumenta até alcançar 45,9% da produtividade do trabalhador americano.

Essa transformação estrutural da economia ocorreu graças ao elevado nível de investimentos alcançados durante o período. Entre 1953 e 1960, a taxa de investimento em capital fixo foi de 10,1%. No período entre 1961 e 1991, a taxa atinge 25,7% (Tabela 2).

**Tabela 2 - Consumo, Poupança Interna e Investimento (1953 - 1991)**

	ANO	Consumo			Poupança Interna			Investimento		
		Privado % do PIB	Governo % do PIB	Total % do PIB	Privada % do PIB	Pública % do PIB	Total % do PIB	Capital Fixo % do PIB	Inventário % do PIB	Total % do PIB
Pós-Guerra	1953	84.3	8.0	92.3	11.1	2.0	13.1	7.3	7.4	14.7
	1954	84.0	10.3	94.3	10.3	0.1	10.4	9.3	2.1	11.4
	1955	87.0	8.9	95.9	9.7	0.6	10.3	10.4	1.3	11.7
	1956	93.6	9.3	102.9	4.0	4.6	8.6	10.4	-2.4	8.0
	1957	84.3	10.9	95.2	10.5	3.4	13.9	10.7	3.3	14.0
	1958	83.0	12.9	95.9	9.8	3.0	12.8	10.2	1.6	11.8
	1959	82.1	14.3	96.4	8.2	2.6	10.8	11.2	-0.8	10.4
	1960	85.3	14.6	99.9	5.0	4.0	9.0	10.9	-0.9	10.0
1º Plano	1961	84.3	13.7	98.0	7.0	4.7	11.7	11.8	0.2	12.0
	1962	83.5	14.1	97.6	6.8	4.2	11.0	13.8	-2.0	11.8
	1963	81.0	11.0	92.0	10.4	4.0	14.4	13.6	3.4	17.0
	1964	83.3	8.6	91.9	9.8	4.2	14.0	11.4	1.8	13.2
	1965	84.1	9.4	93.5	7.7	5.5	13.2	14.9	-0.8	14.1
2º Plano	1966	79.2	10.1	89.3	11.3	5.3	16.6	20.6	-0.2	20.4
	1967	79.8	10.3	90.1	9.1	6.3	15.4	21.8	-0.9	20.9
	1968	75.5	10.6	86.1	10.7	7.5	18.2	25.4	-0.5	24.9
	1969	71.8	10.4	82.2	14.6	6.8	21.4	26.1	1.8	27.9
3º Plano	1970	74.7	9.4	84.1	12.1	6.0	18.1	25.1	-0.8	24.3
	1971	75.5	9.7	85.3	11.1	5.0	16.1	22.5	2.3	24.8
	1972	73.7	10.1	83.8	15.0	2.3	17.3	20.7	0.2	20.9
	1973	69.5	8.4	78.0	19.6	3.0	22.6	23.9	1.3	25.2
4º Plano	1974	70.4	9.7	80.0	18.1	2.1	20.2	27.0	4.8	31.8
	1975	70.6	11.0	81.6	15.6	2.5	18.1	26.7	1.9	28.6
	1976	65.5	10.9	76.4	19.7	4.5	24.2	25.5	1.0	26.5
	1977	62.3	10.8	73.1	23.1	4.4	27.5	28.3	-	28.3
5º Plano	1978	60.6	10.4	71.0	24.7	5.2	29.9	32.6	-0.1	32.5
	1979	61.7	10.0	71.7	22.2	6.3	28.5	33.7	2.1	35.8
	1980	64.4	11.6	76.0	18.1	5.1	23.2	32.1	-0.2	31.9
	1981	64.3	11.7	76.0	17.6	5.3	22.9	28.1	1.8	29.9
6º Plano	1982	63.3	11.5	74.8	18.7	5.7	24.4	28.5	0.4	28.9
	1983	60.6	10.8	71.4	20.8	6.8	27.6	29.5	-0.1	29.4
	1984	59.0	10.0	69.0	23.4	6.4	29.8	29.0	1.6	30.6
	1985	58.5	10.1	68.6	23.7	6.1	29.8	28.6	1.7	30.3
	1986	55.2	10.0	65.2	27.7	6.0	33.7	28.2	1.0	29.2
Médias	1987	52.6	9.7	62.3	30.8	6.5	37.3	29.1	0.9	30.0
	1988	51.0	9.5	60.6	31.5	7.8	39.3	29.6	1.5	31.1
	1989	53.2	10.2	63.5	28.4	7.9	36.3	31.9	1.9	33.8
	1990	53.7	10.1	63.8	27.4	8.5	35.9	37.1	-	37.1
	1991	53.3	10.3	63.6	28.3	7.9	36.2	38.4	0.7	39.1
1º PQ	1962-1966	82.2	10.6	92.9	9.2	4.6	13.8	14.9	0.4	15.3
2º PQ	1967-1971	81.5	9.9	91.4	9.7	5.1	14.7	24.2	0.7	24.6
3º PQ	1972-1976	80.4	9.8	90.2	9.7	5.8	15.5	24.8	-0.1	26.6
4º PQ	1977-1981	78.1	10.2	88.2	10.7	6.3	17.0	31.0	-0.1	31.7
5º PQ	1982-1986	76.2	10.2	86.4	11.6	6.4	17.9	28.8	-0.1	29.7
6º PQ	1987-1991	75.5	10.1	85.6	11.5	6.3	17.8	33.2	0.4	34.2
	1953-1960	85.5	11.2	96.6	8.6	2.5	11.1	10.1	1.5	11.5
	1961-1991	67.6	10.5	78.1	18.2	5.5	23.7	25.7	0.9	26.5
	1953-1991	71.3	10.6	81.9	16.2	4.9	21.1	22.5	1.0	23.4

Fonte: Chung (2007)

Com o desenvolvimento econômico extraordinário do país ao longo desse período, os indicadores sociais também tiveram desempenho correspondente. Os indicadores sociais mostram que o nível de pobreza reduziu consideravelmente; que a qualidade de vida dos coreanos melhorou; o acesso a serviços públicos também foi ampliado; e alguns indicadores, como criminalidade e desgaste ambiental, tiveram alguma piora.

Os indicadores de desigualdade de renda não tiveram alterações significativas ao longo do período. Em grande parte, porque a Coreia já gozava de relativa equidade distributiva no período inicial do processo de desenvolvimento. O coeficiente de Gini, por exemplo, que em 1965 era 0,34 subiu para 0,39 em 1975 e 1980 e atingiu 0,36 em 1985. Outra medida de desigualdade, a parcela da renda total distribuída por quintis, fornece melhor retrato da evolução. A parcela da renda total detida pelo quintil mais baixo, ou seja, os 20% mais pobres, que em 1965 era de 5,7% da população, subiu para 7,4% em 1970, chegou a 5,1% em 1980, e subiu novamente para 6,1% em 1985. Analisando o quintil superior, isto é, os 20% mais ricos era 41,9% em 1965, sobe para 45,3% em 1975 e 1980 e atinge, em 1985, 43,7% da renda total. Interessante notar também a ampliação da participação feminina no mercado de trabalho. Em 1965 as mulheres representavam apenas 36,5% dos trabalhadores do país. Em 1991 elas passam a ser 47,3% dos trabalhadores da Coreia. O desempenho econômico fez intensificar a concentração da população nas cidades. Em 1965, apenas um terço da população vivia em áreas urbanas. Em 1991, 74,1% da população coreana habita regiões urbanas (SONG, 2003).

O país conseguiu reduzir os níveis de pobreza da população. Em 1965 haviam 3.851 pobres para cada cem mil habitantes. Esse número cai para menos da metade em 1991: 1.826 pobres a cada cem mil habitantes. A Coreia também logrou reduzir substancialmente o percentual de domicílios abaixo da linha da pobreza. Em 1970, 81,8% dos domicílios estavam nessa condição. Em 1975, esse índice cai para 80,6%. Já em 1980 e 1985 reduz drasticamente para 60,7 e 44,5%, respectivamente. Outros indicadores corroboram esses dados. A média diária de calorias ingeridas pelos coreanos subiu constante e gradualmente de 2,189 em 1965 para 2,858 em 1991. O consumo de proteína também subiu de 57,1 gramas diárias em 1965 para 89,4 gramas em 1991. A qualidade das habitações também refletiu positivamente ao progresso econômico. A média, por pessoa, de metros quadrados

residencial subiu de 6,3m<sup>2</sup> em 1970 para 13,8m<sup>2</sup> em 1991. A distribuição de água encanada também teve melhoria considerável. Em 1965, apenas 21,4% da população tinha acesso à água encanada. Em 1991 esse percentual chega a 80,1% da população total.

Indicadores de educação e saúde também tiveram crescimento razoável. A expectativa média de vida passou de 55,2 anos em 1965 para 70 anos em 1991. A razão da população total pelo número de médicos era de 2.609 habitantes por médico em 1965, cai para 951 habitantes por médico em 1991. Os indicadores de educação mostram que a média de anos de educação subiu de 5 anos em 1965 para 9,5 anos em 1991. O número total de estudantes quase dobrou no mesmo período: 6.694 milhões para 10.825 milhões. Também aumentou a razão dos alunos de ensino médio que ingressaram no ensino superior (SONG, 2003).

A Penn World Table calcula um indicador de capital humano baseado no trabalho de Barro e Lee (2013), que leva em consideração a média de anos de estudo e a taxa de retorno por escolaridade. Esse índice era de 1,80 em 1961 – o que correspondia a 66% do valor do índice para os Estados Unidos no mesmo ano. Em 1991 o valor do índice chega a 2,80, o que correspondia a 82,6% do valor do índice para os Estados Unidos.

O acesso a bens de consumo duráveis também foi ampliado graças ao sucesso econômico do país. O número de casas com televisor passa de 6,4% em 1970 para 97,2% em 1991. O número de telefones para cada 100 pessoas passa de 2 em 1970 para 33,7 em 1991. O número de veículos para cada 100 pessoas passa de 0,19 em 1970 para 9,8 em 1991. Com isso aumenta também a infraestrutura viária. Em 1965, apenas 5,7% das estradas da Coreia eram pavimentadas. Esse índice chega a 76,4% em 1991.

Os índices de criminalidade aumentaram ao longo do período. O número de crimes por cem mil habitantes em 1965 era de 1,371. Diminuiu em 1970 para 953, mas já em 1980 sobe para 1,561 e 2,843 em 1991 – mais que duplicou em 26 anos.

Os dados deixam claro que o crescimento econômico na Coreia resultou em uma melhora na qualidade de vida da sua população. Tanto o acesso a bens de consumo como o acesso aos serviços essenciais de saúde e educação foram ampliados consideravelmente.

### 3. DEVELOPMENTAL STATE

*Developmental State* é um modelo interpretativo formulado inicialmente por Chalmers Johnson (1982) a partir da investigação sobre o desenvolvimento econômico do Japão ocorrido entre 1925 e 1975. Johnson argumentou que o Estado nacional japonês adotou um padrão de atuação, outorgando-se um conjunto de funções gerais que lhe permitiram conduzir um processo de mudança estrutural econômica com objetivo de superar o subdesenvolvimento. Para Johnson, o sucesso econômico japonês é consequência de uma política estatal deliberada, elaborada por uma burocracia pública extremamente competente, que permitiu influenciar os rumos do progresso industrial e do desenvolvimento econômico através de mecanismos de intervenção direta ou indireta.

Posteriormente, Alice Amsden e Robert Wade argumentaram que esse mesmo tipo de configuração estatal, *mutatis mutandis*, esteve presente no desenvolvimento econômico da Coreia do Sul e Taiwan. Alice Amsden, em *Asia's Next Giant* de 1989, mostrou que o Estado sul coreano também assumiu características similares às encontradas por Johnson no Japão, possibilitando um desenvolvimento econômico capitalista coordenado pelo Estado. Segundo Alice Amsden (1989), o desenvolvimento econômico coreano foi fruto de “um elevado grau de intervenção estatal para obter preços relativos ‘errados’, a fim de superar as penalidades do atraso”<sup>29</sup>. Obter os preços relativos “errados” significa que o Estado “manipulou” os mecanismos de mercado, criando incentivos através de uma sinalização de preços diversa daquela do livre mercado.

Da mesma forma, Robert Wade, em *Governing the Market* de 1990, apontou como o caso de desenvolvimento de Taiwan guarda características semelhantes, com um Estado forte que governa o progresso econômico. Segundo Wade foram determinantes as políticas estatais de promoção a exportações; investimentos em capacidade tecnológica; suporte a indústrias específicas; controle de crédito; contenção da pressão da competição internacional em setores específicos da

---

<sup>29</sup> Nas palavras da autora, “South Korea’s growth is a classic example of late industrialization, and embodies all of the elements common to these countries. It has involved a high degree of state intervention to get relative prices ‘wrong’ in order to overcome the penalties of lateness (...)”. (AMSDEN, p. v)

economia doméstica; e estabilização dos principais parâmetros macroeconômicos que influenciam o investimento.

A partir desses três estudos<sup>30</sup> e com a ascensão dessas economias a um patamar de desenvolvimento econômico avançado e moderno, passou-se a falar do *Developmental State* como um modelo do leste asiático de desenvolvimento, alcançando o status de um tipo ideal de Estado que dirige o mercado, “apresentando certa configuração institucional, por meio da qual cumpre importantes funções especiais que podem explicar as realizações nacionais em termos de desenvolvimento econômico” (HERRLEIN, 2014, p.12). Outros economistas como Meredith Woo-Cumings, Ha-Joon Chang, Peter Evans, entre outros e os cientistas sociais Adrian Leftwich, Atul Kohli, Bruce Cumings e Patrick Heller deram contribuições importantes sobre o tema.

Ha-Joon Chang (2008) demonstra que o *Developmental State* foi um modelo padrão de economia política do leste asiático em contraponto a outros modelos de organização e desenvolvimento capitalista – em especial ao que chama de modelo anglo-saxão de capitalismo *laissez-faire*. Chang mostra que, no Japão, na Coreia do Sul e em Taiwan, uma combinação de uma estratégia de promoção de exportações com um sistema de proteção da indústria infante foi fundamental para o desenvolvimento industrial desses países.

O *Developmental State* é, portanto, uma concepção abstraída da experiência desenvolvimentista real do Japão, Coreia do Sul e Taiwan. É uma síntese coerente das características que o Estado assumiu na sua organização, nas suas funções econômicas e políticas, no processo histórico de desenvolvimento desses países. Apresentaram fatores comuns que foram cruciais para o rápido desenvolvimento econômico<sup>31</sup>. Esses fatores estão relacionados a funções econômicas outorgadas ao Estado e a sua forma de organização e atuação, bem como fatores relacionados as condições políticas e sociais. Segundo esses interpretes, uma conjuntura política e social específica permitiu a construção de um Estado forte e centralizador que conduziu o desenvolvimento econômico através de instrumentos institucionais e

---

<sup>30</sup> “Chalmers Johnson (1982) deserves credit for having used the concept of the developmental state to explain Japan’s rebirth from the ashes of World War II as an industrial power, but Korea and Taiwan, especially as portrayed in the influential work of Amsden (1989) and Wade (1990) were the iconic cases. Korea and Taiwan were even more powerful cases for the transformative role of the state than Japan” (EVANS & HELLER, 2015, p. 3).

<sup>31</sup> Para argumentos sobre a existência de um “modelo do leste asiático” em torno do *Developmental State* ver Chang (2008).

ideológicos. De forma geral, um *Developmental State* é aquele que apresenta as funções sócio-econômicas de (a) coordenação; (b) provedor de uma visão de futuro, delimitando objetivos; (c) construção de instituições e; (d) administrador de conflitos (CHANG, 1999).

Adrian Leftwich (1998, p. 61-62) define o *Developmental State* da seguinte maneira:

The developmental state is a transitional form of the modern state which has emerged in late-developing societies, from the nineteenth century to the present. It is a state whose political and bureaucratic elites have generally achieved relative autonomy from socio-political forces in the society and use this in order to promote a programme of rapid economic growth with more or less rigor and ruthlessness. The developmental state is typically driven by an urgent need to promote economic growth and to industrialize, in order to 'catch up' or to protect or promote itself, either economically or militarily or both, in a world or regional context of threat or competition, and to win legitimacy by delivering steady improvement in the material and social well-being of its citizens. Developmental states are thus commonly associated with a high degree of both economic and political nationalism.

Na história econômica coreana, o golpe de 1960 que pôs o general Park Chung Hee no poder representa a tomada do Estado por uma elite desenvolvimentista determinada, com um projeto de desenvolvimento através de um estado forte e eficaz, dotado de grande autonomia política e social; de um governo que se legitima através da repressão de uma sociedade civil subordinada, utilizando-se de um discurso ideológico que enfatizava a necessidade de desenvolvimento econômico como forma de combater ameaça externa latente (Coréia do Norte); e através de resultados efetivos no campo econômico (performance). Aliás, o próprio General Park foi profundamente influenciado pela experiência de sucesso japonês, em particular com o Período Meiji, que via como um exemplo de Estado poderoso e desenvolvimentista<sup>32</sup>.

Com a liberalização econômica no início dos anos 90, a Coréia abandona o *Developmental State* e aos poucos transfere as suas funções econômicas para os

---

<sup>32</sup> É curioso notar que o General Park foi um fervoroso comunista na sua juventude. Posteriormente, durante o período colonial, serviu nas tropas japonesas entre as décadas de 1930 e 1940. Foi nesse período que Park sofreu influência da doutrina militarista japonesa, fortemente nacionalista e a favor de um gerenciamento centralizado da economia. Graham (2003, p.15) conta que a administração Kennedy tinha medo que Park fosse um "comunista enrustido" tamanha era suas convicções sobre o planejamento econômico – algo que os americanos associavam com o Marxismo. Ou, nas palavras de Woo (1991, p. 79), "At first, they [the Americans] thought Park Chung Hee was a communist, then a miscreant, then a nationalist, but finally and most happily, a nation-builder".

mecanismos de mercado. Com a democratização, novas pautas, centradas menos na questão produtiva e mais no problema distributivo, passam a ter maior eco na sociedade. Ganha força uma mudança ideológica, desta vez não tanto voltada para a superação econômica e integração nacional, mas com objetivos políticos e econômicos diversos.

Nesse capítulo fazemos uma revisão dos principais pontos que caracterizaram o *Developmental State* coreano. Abordaremos as características por três aspectos distintos: da intencionalidade, ao tratarmos das influências no pensamento político e econômico das elites governantes; político-sociais, ao tratarmos da forma e do conteúdo do Estado nacional coreano e dos agentes privados que participaram ativamente do desenvolvimento do país; e econômico, ao tratarmos dos instrumentos de política econômica. Pela ordem: as bases teóricas; burocracia pública; autonomia inserida; *chaebols*; instrumentos de política econômica.

### 3.1. BASES TEÓRICAS DO DEVELOPMENTAL STATE

Ainda que o *Developmental State* seja um modelo apreendido da experiência histórica de desenvolvimento destes três países do leste asiático, é possível fazer a correspondência com a teoria econômica consagrada. Cabe, todavia, fazer uma distinção entre as influências no *Developmental State* histórico e no *Developmental State* teórico. Isto é, distinguir as ideias econômicas que influenciaram os dirigentes estatais sul coreanos, japoneses e taiwaneses e aquelas cujos teóricos do *Developmental State* fazem correspondência a posteriori.

As principais influências, tanto do pensamento político como econômico, da elite governante dos países do *Developmental State* eram os pensadores da Europa Continental, associados à tradição germânica – que contrapunha o pensamento liberal da Grã-Bretanha (*Anglo-Saxon model*).

Japan's political economy can be located precisely in the line of descent from the German Historical School – sometimes labeled 'economic nationalism', *Handelspolitik*, or neomercantilism; but this school is not exactly in the mainstream of economic thought in the English-speaking countries. (JOHNSON, 1982, p. 17)

Chalmers Johnson (1982) conta em detalhes como a visita de burocratas japoneses à Alemanha na década de 1930 influenciou a política industrial do MITI. Cumings (2005, p. 213) aponta que as influências teóricas no Japão e na Coreia do Sul “go back to mid-nineteenth-century German thinking about state science (as opposed to political science) and national economy (as opposed to market economy) conceived in the context of the world economy”. Atul Kohli (1999) conta a história de Ito Hirobumi, Primeiro Ministro japonês do período Meiji e um dos líderes das reformas que levaram a construção do *Developmental State* naquele país, e que posteriormente foi alçado a General Residente no protetorado coreano, cargo que lhe outorgava poderes “quase absolutistas”. Ito viajou para a Europa no final do século XIX e ficou fascinado pela burocracia prussiana. Enxergou-a como um modelo a ser seguido no Japão. De volta ao país natal, em 1881, Ito ajudou a reorganizar a Universidade de Tóquio como uma escola para formação de burocratas do governo. Em 1887, Ito reformou os concursos e treinamentos da burocracia pública japonesa nos moldes da prussiana. As influências sobre Ito se estenderam tanto na forma de organização da burocracia estatal e quanto na função que o Estado assumiu de prover visão estratégica<sup>33</sup>.

Chang (2010) aponta que as faculdades de economia japonesas eram dominadas pelo pensamento marxista até os anos 80 e que as teorias de Schumpeter e List eram amplamente ensinadas. Essa influência foi transmitida à Coreia durante o período colonial japonês e no período posterior quando burocratas coreanos eram enviados para o Japão para treinamento técnico – influência que perdurou mesmo com o banimento do ensino de marxismo imposto pelo governo após a Guerra da Coreia. Chang afirma que

While Park government was fiercely anti-communist and gave lip service to “free enterprise”, its developmental strategy was built upon Marxist (or at least classical) notions such as capital accumulation, technological upgrading, surplus extraction from rural areas, and labor discipline in factories – and not neoclassical concepts like “getting the prices right” and allowing maximum competition. (Chang, 2010, p. 92)

Friedrich List forneceu aos dirigentes sul coreanos argumentos para sua política industrial protecionista. Em seu *The National System of Political Economy*

---

<sup>33</sup> Sobre a influência do pensamento político e social alemão na Coreia ver também Bruce Cumings (2005).

(1841), List argumentou a favor de políticas de proteção da indústria infante<sup>34</sup>, artifício exaustivamente utilizado nos três países em questão. Joseph Schumpeter abriu os olhos da elite governante para o papel da inovação no sistema econômico e a necessidade de alcançar a fronteira tecnológica dos países desenvolvidos. Schumpeter inclusive visitou o Japão durante os anos 1930 (WOO-CUMINGS, 1998).

A teoria do *Developmental State*, por sua vez, enfatiza a necessidade de acumulação de capital através de investimentos produtivos e a questão tecnológica como fator importante da extração de excedente econômico e inserção na economia global. Chang (2011) fala em “production tradition’ of development”, cujo foco é numa “robust transformation in the underlying productive structure and capabilities”. Essa linha de pensamento “producionista”, com ênfase nas “estruturas produtivas” remete aos economistas clássicos Adam Smith e David Ricardo.

Robert Wade (2011) afirma que o *Developmental State* está ancorado nos trabalhos dos “pioneiros” do desenvolvimento econômico do pós-Segunda Guerra como Rosenstein-Rodan, Myrdal, Nurkse, Hirschman e Prebisch.

No caso específico dos três países, houve uma política deliberada de investimentos maciços em indústrias-chave de setores estratégicos e dinâmicos, que contivessem potencial de incorporação de tecnologia intensiva permitindo uma maior extração de excedente no longo prazo em nível maior do que o mercado, através dos seus mecanismos “naturais”, conseguiria. Com esse objetivo, o Estado intervém no mercado, não de forma a suprimi-lo, mas de guia-lo, comprometido com os fundamentos da propriedade privada, buscando maximizar o crescimento, a produtividade e a competitividade, usando como meios instrumentos burocráticos e institucionais – normalmente associados às agências-piloto estatais –, formulando e executando políticas econômicas. Nesse sentido, o *Developmental State* observado no leste asiático cumpre a função de “empresário substituto” da qual falava Gerschenkron<sup>35</sup> (CHANG & SHIN, 2003, p. 7-11). Quando a fronteira tecnológica com que se depara um país de desenvolvimento tardio, como foi o caso da Coreia, exige mais capital do que o setor privado está disposto a acumular, então não basta apenas criar o ambiente institucional economicamente propício. Cabe ao Estado,

---

<sup>34</sup> O argumento da proteção à indústria infante já tinha sido expresso por Alexander Hamilton no século XVIII, mas certamente ele foi incorporado no pensamento coreano através dos escritos de List.

<sup>35</sup> Alexander Gerschenkron (1904-1978).

resumindo a tese de Gerschenkron, criar um sistema de crédito, organizando efetivamente a acumulação de capital de maneira a superar os obstáculos de escala, forçando os capitalistas ao limite de sua acumulação de capital, para competir com o mercado internacional e assim avançar sobre a fronteira tecnológica (EVANS, 1993). Uma estrutura financeira baseada em mercado de capitais é típica dos países de industrialização precoce. Os países de industrialização tardia, como consequência da escassez de recursos de capital, necessitam organizar a estrutura financeira através do crédito bancário privado ou estatal.

In Korea, instead of the market mechanism allocating resources and guiding private entrepreneurship, the government made most of the pivotal investment decisions. Instead of firms operating in a competitive market structure, they each operated with an extraordinary degree of market control protected from foreign competition. (AMSDEN, 1989, p. 139)

O fato de o *Developmental State* priorizar o avanço de posição nos mercados internacionais lhe confere características mercantilistas – ou neomercantilistas, como sugere Johnson (1982). A estratégia agressiva de competição no mercado internacional através de empresas monopolistas, identificada nos países do *Developmental State*, utiliza instrumentos mercantilistas clássicos: altas taxas de importação, subsídios para exportadores e proibição de exportar matérias-primas essenciais para a indústria nacional.

“To summarize, the secret of East Asian trade policy is in its simultaneous and coordinated pursuit of infant-industry protection and export promotion. (...) A successful infant-industry programme needs continued export success if it is to be sustained by a continued inflow of advanced technologies”. (CHANG, 2008, p. 34)

Jung-en Woo (1991, capítulo 4) mostra que o “take-off” desenvolvimentista do início dos anos 1960 encontra paralelo no trabalho de Walt Rostow, “The Stages of Economic Growth”<sup>36</sup>. A fase de “decolagem” se caracteriza, segundo o autor, pela realização efetiva de rápido crescimento econômico em um conjunto limitado de setores onde técnicas industriais modernas podem ser aplicadas. O investimento produtivo nessa fase deveria alcançar 10% ou mais da renda nacional, forçando a

---

<sup>36</sup> ROSTOW, W. W. *The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto*. Cambridge University Press, 1960.

economia a passar por transformações estruturais. Existem quatro condições para que uma economia atinja o estágio de “decolagem” e, segundo Woo, todas elas foram atingidas com a ascensão de Park ao poder: a) pré-requisitos tecnológicos. Woo argumenta que a sua notável base em capital humano dava a Coreia uma extraordinária capacidade de absorver tecnologias; b) a emergência de um ou mais setores líderes. Na Coreia, o setor têxtil já possuía capacidade de cumprir essa função; c) condições financeiras. O governo tinha acesso à recursos externos e à burocracia pública tinha capacidade gerencial para dar-lhes bom destino; e d) uma liderança política que pudesse mobilizar a sociedade para o crescimento econômico. Para Woo, a subida ao poder do General Park responde à essa condição. “During this decade [1960’s]”, afirma Woo (1991, p. 74), “Korea would indeed take off, in the Rostovian sense, inundating the world market with textile goods, taking wing again in the ‘flying geese pattern’ (...)”.

### 3.2. BUROCRACIA WEBERIANA

Um dos aspectos mais notáveis dos Estados Desenvolvimentistas do leste asiático foi a capacidade de realização efetiva dos projetos planejados. Se por um lado a elaboração de projetos de longo prazo, dentro de um planejamento coerente e com objetivos desenvolvimentistas bem definidos, depende da autonomia do estado em relação as pressões políticas dos diversos grupos sociais, a execução dos projetos depende da capacidade do Estado de gerenciar e coordenar o processo.

Em grande medida, a capacidade do Estado em efetivar suas funções de forma satisfatória está relacionada com a qualidade das suas instituições e com a qualidade de seus funcionários. A qualidade do capital humano de que dispõe a burocracia pública é, talvez, o seu atributo mais relevante. Ao menos essa foi uma característica notável nos países do *Developmental State*. A burocracia pública nesses países conseguia recrutar os mais capacitados cidadãos e inseri-los numa estrutura bem organizada e coerente.

No caso coreano, a estrutura burocrática herdada do período colonial japonês tem um peso importante na capacidade executiva do Estado (Jenkis 1988; Woo-Cummings 1998; Kohli 1999). Também o governo provisório americano instalado no

pós-guerra ajudou a consolidar uma estrutura burocrática bem organizada (CUMMINGS, 1984, p. 26; WOO, 1991, p. 76).

A burocracia coreana é frequentemente citada como um exemplo do tipo ideal de “burocracia weberiana”. Sobre o conceito de “burocracia weberiana” Evans (1993) escreveu:

A capacidade do Estado de apoiar os mercados e a acumulação capitalista dependia de a burocracia ser uma entidade corporativamente coerente, na qual os indivíduos encaram a implementação de metas corporativas como o melhor meio de maximizar seu próprio interesse individual. (...) A concentração de competência técnica na burocracia pelo recrutamento meritocrático e pela oferta de oportunidades de longo prazo de recompensas para carreiras também era fundamental à eficácia da burocracia. Em suma, Weber concebia a construção de uma estrutura sólida e competente como um pré-requisito necessário ao funcionamento do mercado. (p. 115-116)

A burocracia weberiana é uma instituição que guarda grande coerência interna e é caracterizada pela excelência administrativa, pelo trato ético da coisa pública. Ela obedece às metas do setor público, normalmente organizada num sistema meritocrático, e funcionários que gozavam de status social especial.

Evans (1993) identifica a existência de uma “tradição burocrática arraigada” na Coreia. Ressalta, todavia, que apenas a tradição não poderia responder pela formação de um estrato burocrático de excelência<sup>37</sup>. Sugere que os apoiadores do golpe liderado pelo General Park, em 1961, e que posteriormente formariam os escalões superiores da burocracia estatal, tinha “estreitos laços pessoais e organizacionais” originários da academia militar. O que Evans destaca é que tanto no caso coreano, como também no Japão e em Taiwan, a burocracia formava um forte “*ethos* organizacional”, com redes de solidariedade interpessoal, onde prevaleciam as relações informais, criando assim uma “cultura corporativa”, reforçando a coesão interna da instituição. A formação desse *ethos* concorria para a visão, bastante generalizada na sociedade, de que o funcionário público era um cidadão altamente respeitável, que contribuía para o desenvolvimento do país, gozando assim de um status de grande importância aos olhos do cidadão comum.

---

<sup>37</sup> Durante o governo Rhee a burocracia pública não tinha aquelas características que Weber apregoava. Cheng (1987), citado por Evans (1993, p.126) afirma que no governo Rhee “as atividades voltadas para a renda eram generalizadas e sistemáticas”, característica atribuída aos Estados predatórios. Os principais cargos públicos eram nomeados por indicações políticas, em contraposição ao sistema meritocrático encontrado posteriormente, os concursos públicos ao serviço público foram dispensados e processos de promoção interna cancelados.

(...) no Estado coreano as provas meritocráticas para o serviço público vem sendo realizadas para recrutar encarregados desde 788 D.C., por mais de mil anos. Apesar da caótica história política da Coreia no século vinte, a burocracia tem sido capaz de escolher seu staff entre os mais talentosos membros das mais conceituadas universidades. (...) Apesar do número anual de recrutados para o serviço público superior ter aumentado sete vezes entre 1949 e 1980, apenas cerca de 2% daqueles que prestam o concurso são aprovados. (EVANS, 1993, p.125-126)

É claro que, ao menos no caso coreano, a estrutura estatal se beneficiou dos altos índices de escolaridade de seus cidadãos. Conforme vimos anteriormente, o governo colonial japonês contribuiu fortemente para disseminar a educação primária na Coreia. Bruce Cumings (2005) e outros<sup>38</sup> atribuem à tradição confuciana<sup>39</sup> a existência de uma tradição milenar de educação como forma de ascensão social<sup>40</sup>. Evans e Heller (2015, p. 14) afirmam que “they [the Koreans] began their periods of accelerated economic growth with education levels that made them outliers for countries at their income levels and continued to invest in the expansion of education throughout the period of their rapid expansion”. Chang (2010) apresenta uma visão um pouco diferente. Concorde que a organização burocrática era diferenciada, mas que o nível do capital humano da burocracia não era diferente do esperado para um país naquele nível de desenvolvimento econômico. Destaca, por exemplo, que o governo coreano enviava seus burocratas para treinamentos em países como Paquistão e Filipinas, ou seja, países também de desenvolvimento tardio. Chang também chama atenção que a burocracia pública dos países do *Developmental State* era formada majoritariamente por advogados e engenheiros – homens de capacidade prática, pragmáticos, em contraposição à economistas, de formação teórica e de tradição especulativa.

A capacidade do Estado em executar de forma eficaz o plano de desenvolvimento econômico estava intimamente relacionada com a qualidade da burocracia pública. Esta, por sua vez, relacionada com o capital humano existente na sociedade em que está inserida.

---

<sup>38</sup> Por exemplo, Chung (2007)

<sup>39</sup> Confúcio (551 a.c. – 479 a.c.) foi filósofo chinês de grande influência no mundo oriental. Dentro de seu vasto legado, ressaltam-se a importância da educação para formação virtuosa do ser humano e sua defesa da meritocracia em oposição aos sistemas de classes hereditárias.

<sup>40</sup> Sobre uma discussão mais detalhada sobre a influência da educação no processo de desenvolvimento da Coreia do Sul ver Rodrik (1994).

Uma das formas organizacionais com que a burocracia pública dos países do *Developmental State* atuou foi através dos “órgãos pilotos” ou “agencias-piloto”. Essas agencias-pilotos condensavam as funções de planejamento, coordenação e execução, guardando as características da burocracia weberiana autônoma e insulada<sup>41</sup>. No Japão, a agência-piloto foi o MITI (*Ministry of International Trade and Industry*), órgão responsável pela política industrial japonesa. O MITI centralizou o planejamento e as decisões econômicas implementando o processo de industrialização em cooperação com os *keiretsu*<sup>42</sup> – forma de organização empresarial que substituiu os *zaibatsu*<sup>43</sup> após a Segunda Guerra – e acompanhando a execução dos planos traçados. O MITI ainda tinha gerência sobre a política energética, comércio internacional, política fiscal e financeira do Estado, o que lhe dava autonomia para executar a política industrial sem a necessidade de submeter seus planos para autorização do Ministério da Fazenda. Na sua estrutura, o MITI contava com relativamente poucos funcionários, porém extremamente capacitados, e seu organograma vertical permitia o acompanhamento da política industrial caso a caso (JOHNSON, 1982). Em Taiwan a agência-piloto foi o *Council for Economic Planning and Development* (CEPD) que guardava características e funções bastante similares as do MITI japonês. Em Taiwan não havia uma elite empresarial organizada e o Estado comandou o processo de industrialização através de empresas estatais. Nesse caso, o CEPD taiwanês fazia a conexão entre os planos econômicos e as empresas estatais.

A Economic Planning Board (EPB) foi a agência piloto por excelência da experiência coreana, que articulava os planos estatais com os grupos privados, administrando conflitos de interesse quando necessário. Também pode-se identificar políticas de proteção e promoção da indústria infante, sendo as políticas de financiamento de investimento apenas um dos muitos instrumentos utilizados dentro dessa estratégia. Ao mesmo tempo em que se comunicava com o setor empresarial, a EPB respondia, hierarquicamente, diretamente ao gabinete presidencial.

---

<sup>41</sup> “The pilot agency is charged with task of directing the course of development itself, and employs and devises a range of policy tools to ensure that indigenous business is both nurtured and managed in the overall ‘national interest’” (BEESON, 2004, p. 30-31)

<sup>42</sup> Organização oligopolista das indústrias em conglomerados verticais ou horizontais.

<sup>43</sup> Conglomerados industriais familiares oligopolistas do período anterior a Segunda Guerra Mundial no Japão.

The EPB was the quintessential 'pilot agency' of the developmental state, coordinating the activities of the Ministry of Commerce and Industry (MCI, in charge of detailed sectoral policies), the banks (which were all state-owned between 1961 and 1983 and fully controlled by the government until the early 1990s, even after some of them were partially privatized), and SOEs [State Owned Enterprises]. (Chang, 2010, p. 89)

O principal instrumento de planejamento de política industrial da EPB foram os Planos Quinquenais. Os sucessivos Planos Quinquenais cumpriram as funções de coordenação econômica, planejamento e construção de instituições para o desenvolvimento. A EPB centralizou diversas funções econômicas importantes: desde a organização das estatísticas nacionais até a elaboração e execução de controle de preços, investimentos e empréstimos, ajuda financeira externa e transferência de tecnologia.

A ascensão ao poder do General Park tem impacto importante na formação dessa burocracia pública weberiana na Coreia. Primeiro, Park intensifica a seleção por concursos e institui forte mecanismo de promoções internas<sup>44</sup>. Segundo, o Governo Park forneceu a ideologia necessária para a coesão nacional sobre um projeto de desenvolvimento. Para a burocracia pública, a ideologia foi o cimento que uniu a instituição, fornecendo-lhe um status importante, uma missão reconhecida por toda a sociedade, ajudando a criar o “*ethos* organizacional”. Em terceiro lugar, sob a influência militar de Park, impôs-se uma disciplina rígida e uma hierarquia militarizada à organização da burocracia coreana. De certa forma Park resgatou a tradição burocrática militar dos tempos coloniais e do período de controle norte americano. Por último, a ascensão de Park propiciou o que Evans (1993) chamou de “autonomia inserida”<sup>45</sup>, conceito importante que caracterizou a burocracia estatal dos países do *Developmental State*.

---

<sup>44</sup> “No governo de Park a proporção de cargos de nível superior preenchidos por aprovados em concursos quintuplicou, e a promoção interna se converteu no principal meio de preencher todos os escalões acima deles, com exceção das indicações para os cargos políticos mais elevados”. (EVANS, 1993, p. 127)

<sup>45</sup> Minns (2001) e Adrian Leftwich utilizam o termo “relative state autonomy”. Evans e outros utilizam o termo “embedded autonomy”. Independente do termo utilizado, parece haver plena concordância entre os diversos autores sobre o significado da experiência real.

### 3.3. AUTONOMIA INSERIDA E FATORES POLÍTICOS

O argumento da “autonomia inserida” é ressaltado por diversos autores (MINNS, 2001; EVANS, 1993 e 1995; LEFTWICH, 1998; JENKINS, 1991). Significa que o aparelho burocrático estatal gozava de autonomia para tomada das decisões e elaboração dos projetos econômicos sem ceder às pressões de grupos organizados da sociedade. Ao mesmo tempo, “inserida” significa que a burocracia e a elite estatal coreana não estava alheia as peculiaridades, às dificuldades e vantagens específicas da economia coreana, porque ela própria estava inserida na sociedade e nas classes sociais, principalmente com a elite empresarial. Ou ainda: as metas econômicas eram impostas pelo Estado, mas eram elaboradas levando em conta as possibilidades e potencialidades dos diferentes segmentos da sociedade. Assim, as metas eram construídas realisticamente, levando em consideração a real capacidade do setor privado de responder aos estímulos econômicos lançados pelo governo. Esse conceito, que à primeira vista pode parecer paradoxal, é uma das características mais notáveis dos Estados Desenvolvimentistas do leste asiático<sup>46</sup>.

Se a capacidade do Estado em executar de forma eficaz os planos econômicos depende diretamente da qualidade da sua burocracia, o planejamento de uma estratégia consistente de transformação econômica depende da capacidade do Estado de: 1) prover uma visão de futuro que esteja de acordo com as capacidades econômicas do país e; 2) na independência na formulação de planos, isto é, que o Estado não seja capturado por grupos sociais para satisfazer seus desejos particulares. Nas palavras de Rhys Jenkins,

Effective state intervention to bring about economic transformation requires that the state is able both to formulate and to implement coherent economic strategies. A prerequisite for formulating a consistent strategy is a degree of autonomy of the state from the dominant class or class fractions, which enables the state to pursue goals that do not reflect the interests of these groups and may even go against their short-term interests. (1991, p. 200)

---

<sup>46</sup> Peter Evans chega a escrever um livro intitulado “Embedded Autonomy: States and Industrial Transformation”, publicado em 1995.

Essas características permitiram à EPB que elaborasse os planos econômicos efetivamente como projetos nacionais de longo prazo, sem as pressões dos grupos de interesse<sup>47</sup>.

Vejamos como foi construída essa condição de atuação estatal na Coreia do Sul, em particular. Primeiro analisemos os fundamentos de inserção da burocracia nas classes sociais do país.

Durante o período colonial, a burocracia civil e policial montada pelo Japão teve por efeito estender territorialmente o controle do Estado e intensificar a sua presença<sup>48</sup>. Conforme vimos no capítulo anterior, a burocracia colonial era dotada de grande poder coercitivo e tinha ampla penetração social. Estava presente em todos os pequenos vilarejos e suas atribuições eram também extensas: iam desde o controle político-policial das cidades, como controle sobre a educação, da moral e dos costumes religiosos, aplicação das leis penais de menor gravidade, até o controle econômico da produção e da coleta de impostos. O burocrata tinha o poder de forçar vilas inteiras a mudar o tipo de cultura produzida ou obrigar a adoção de novas técnicas de plantio. Portanto, a burocracia pública do período colonial tinha tanto o controle social como econômico das diversas regiões do país. Kohli (1999, p. 104) aponta que “at the height of the colonial rule, there were enough police so that the lowest-level police officers knew every man in the village”. Essa intensidade e essa extensão característica da burocracia do período colonial foi depois retomada com entusiasmo sob o regime autoritário do General Park. A burocracia pública colonial japonesa legou à Coreia a qualidade de burocracia inserida.

A qualidade “autônoma” da ação estatal depende do poder político do Estado e do seu controle sobre as outras classes sociais. Para não ser “dominado” ou “capturado” por interesses classistas, o Estado deve, em alguma medida, estar imune ao poder econômico ou político das outras classes que constituem a unidade nacional. É mister então, antes de identificar o processo pelo qual o Estado conquista a “autonomia”, identificar quais as classes sociais presentes na política nacional coreana no período. Os grupos sociais identificados por Jenkins (1991) como relevantes para averiguação da autonomia estatal na Coreia do Sul são: (a) os

---

<sup>47</sup> Government is seen as the ‘senior partner’ in the public-private relationship and Taiwan and South Korea (together with Japan) have been described as ‘strong states’ in the sense that they can formulate policy goals independently of particular groups (JENKINS, 1991, p. 202-203, grifo nosso).

<sup>48</sup> “While other colonial powers also created a competent civil service (for example, the British in India), the Japanese colonial project was distinct in both the extent and the intensity of bureaucratic penetration”. (KOHLI, 1999, p. 103)

senhores de terra; (b) a classe trabalhadora e (c) a burguesia industrial. A esses três grupos sociais ele adiciona ainda dois fatores determinantes da autonomia estatal, quais sejam, (d) os fatores internacionais e (e) a ameaça militar. Essas forças sociais foram aglutinadas e domadas pelo poder estatal de forma a resolver os conflitos entre elas. Analisaremos primeiro como o Estado tomou o controle das três primeiras.

É importante lembrar que no período colonial houve importantes movimentos no sentido de enfraquecimento de classes da sociedade civil. A grande reforma agrária durante o período colonial japonês resultou na extinção dos grandes senhores de terra do período dinástico. Esse processo foi resultado de uma política consciente de domínio político. A distribuição de terras e o fim de uma oligarquia do campo, propiciou aos japoneses o controle político e econômico efetivo sobre a produção agrícola. Na prática o resultado político da reforma agrária foi a diluição e enfraquecimento do poder das classes sociais agrárias<sup>49</sup>. Posteriormente o governo coreano continuou com essa política de controle social. Durante o governo Rhee uma nova reforma agrária teve início, aprofundando os resultados daquela última. Quando o General Park assume o poder, praticamente não há uma classe camponesa articulada e o papel repressor do estado funcionou de forma muito eficiente para manter o *status quo*. Se, por um lado, essas reformas permitiram uma distribuição mais igualitária da terra – principalmente se comparado à outras regiões, como a América Latina, ou mesmo com outros países da Ásia, como as Filipinas –, de outro, em comunhão com um forte estado policial, eliminou o poder político do campesinato coreano. Isso não significa que a agricultura não teve espaço nas políticas de desenvolvimento executadas ao longo do período. A produtividade da terra aumentou consistentemente ao longo do período, graças às políticas públicas que incentivavam a incorporação de novas técnicas de uso da terra e métodos de plantio. Mas, politicamente, o campesinato coreano não exerceu papel importante na construção do pacto nacional pelo desenvolvimento.

A classe trabalhadora, por sua vez, foi politicamente controlada pelo forte aparato policial repressor do Estado. Uma das tônicas do processo de

---

<sup>49</sup> É interessante notar que Alice Amsden (em EVANS, RUESCHEMEYER & SKOCPOL, 1985, capítulo 3), ao tratar da experiência de desenvolvimento de Taiwan, argumenta que a colonização japonesa deixou raízes similares na ilha. Destaca a importância da reforma agrária que eliminou o estrato superior dos senhores de terra e implementou um sistema de arrendamentos, se não idêntico, muito similar ao sistema implantado na Coreia. Da mesma forma, Amsden destaca o legado educacional, tecnológico, infra estrutural e ideológico da colonização japonesa.

industrialização na Coreia foi a ausência das classes trabalhadoras do pacto nacional de desenvolvimento. O governo impunha fortes restrições ao consumo, ainda que os trabalhadores tenham conquistado aumento de salário real expressivo ao longo do período. O próprio golpe de Estado promovido pelo General Park em 1961 teve como pano de fundo o radicalismo do movimento trabalhista e estudantil que desestabilizou o fraco governo Rhee. A partir do golpe, o governo desmantelou os sindicatos, as greves foram proibidas e quando aconteciam, eram violentamente reprimidas. A KCIA, agência de inteligência sul coreana, tinha especial expertise em identificar e eliminar líderes populares emergentes. Líderes sindicais e estudantis eram perseguidos como traidores da nação a serviço do inimigo do Norte. Logo após o golpe militar, em 1960, o governo cria a Federation of Korean Trade Unions (FKTU). Essa federação funcionava como um órgão de controle social por parte do governo. Todas as associações de trabalhadores foram obrigadas a se filiar a FKTU, que era dirigida pelas autoridades militares. Assim o governo exerceu um forte controle social e político sobre os movimentos trabalhistas e pode facilmente excluí-los do pacto nacional de desenvolvimento. Em decorrência dessa fraca atuação dos movimentos civis e trabalhistas, os gastos sociais do governo, em saúde, bem-estar social e segurança pública, eram relativamente baixos se comparados com os países latino americanos (DEYO, 1987, p. 198).

A emergência de uma classe industrial coreana é um fenômeno do pós-guerra. Durante o período colonial, quase a totalidade das industriais existentes no país eram de propriedade japonesa. Em 1943, apenas 3% do capital industrial do país pertencia a coreanos (JENKINS, 1991, p. 208). Ademais, a classe industrial que se forma a partir de 1945 será extremamente dependente do Estado para financiar seus projetos, uma vez que o governo detinha o controle das ajudas financeiras internacionais, único excedente econômico disponível no país, e impunha barreiras para importação de bens de capital. Rhee comandou a Coreia em um momento de grande agitação social e política. Pouco tempo após assumir a presidência, a Guerra da Coreia devasta o país. Politicamente, o país estava à beira de uma convulsão social. Para legitimar-se no poder, Rhee se apoia na nova classe capitalista emergente e o controle de capitais torna-se um grande ativo na barganha corrupta de cooptação do empresariado. O Governo Rhee dependia de doações do setor privado para financiar sua dominação política, o que culminou em relações corruptas entre governo e capitalistas. Naquele momento o Estado coreano poderia ser

caracterizado como um Estado predatório<sup>50</sup>. De fato, sob o governo Rhee recaiu uma grande percepção popular de corrupção e de maltrato da coisa pública. Sob essa percepção da opinião pública, os movimentos populares se intensificaram, culminando com a tomada do poder pelos militares através da figura do General Park<sup>51</sup>.

Quando o General Park assume o governo, imediatamente passa a denunciar essas relações escusas entre governo e capitalistas. E sob esse discurso, o governo expõe o empresariado de forma negativa junto à opinião pública. Como relata Bruce Cummings (1984, p. 26), “after the military coup in 1961 those who had profited from import substitution were marched through the streets, carrying sandwich signs with slogans like ‘I was a parasite on the people’”. Nesse primeiro momento o governo Park se legitima sob um discurso moralista – ou populista, para Woo (1991) – anticorrupção. Boa parte dos capitalistas daquele período foram perseguidos, processados e eventualmente foram presos. Altas multas foram aplicadas, porém a maioria delas foi anulada uma vez que os empresários se comprometiam a colaborar com o projeto de desenvolvimento do governo.

One month after the 1961 coup, the military regime passed the Law for Dealing with Illicit Wealth Accumulation, and with great theatrics, arrested profiteers under the First Republic and threatened them with confiscation of their assets. (...)The government exempted most businessmen from criminal prosecution and eschewed confiscating their property. In exchange, businessmen were required to pay off their assessed obligation by establishing new industrial firms in basic industries and by donating the shares to the government, the latter condition rarely being fulfilled (AMSDEN, 1989, p. 72).

E assim, nas palavras de Amsden (1989, p. 72) “within days, however, an alliance had been formed between business and government that laid the basis for subsequent industrialization”. Em outras palavras: o governo do General Park utilizou-se de um discurso nacionalista e do seu poder político para cooptar os capitalistas. Como bem descreve Woo, a aliança que surge entre Estado e empresários atinge o status de compromisso histórico.

---

<sup>50</sup> Na concepção de Evans (1995)

<sup>51</sup> “Out of the corruption, paralysis, underachievement, and bitter disappointment of the 1950s came three conflicting views about how Korea should proceed, one associated with students and intellectuals, one articulated by U.S. aid advisors, and the one that was ultimately to prevail – that of the Korean military”. (AMSDEN, 1989, p. 42)

General Park summoned the ten major business leaders and struck a deal with them. In exchange for exempting businessmen from criminal prosecution and respecting their properties whether ill or well gotten, business "paid" fines levied on them by establishing industrial firms and then donating shares to the government. In retrospect, this deal had the quality of an historical compromise; in any case, it occasioned the launching of "Korea Inc." Henceforth, state and big business would share the same destiny: prosper or perish. (WOO, 1991, p. 84)

Ao mesmo tempo que os perseguiu e os expôs como grandes traidores da nação perante a opinião pública num primeiro momento, posteriormente utilizou o seu poder político para coopta-los para dentro de um projeto nacional de desenvolvimento econômico transformando-os, *motu proprio*, em heróis da nação. Em 1964, quando as exportações coreanas ultrapassaram a meta de \$100 milhões estipulada pelo governo, Park instituiu o "dia nacional da exportação", que consistia numa grande cerimônia onde os empresários com melhores desempenhos de exportação recebiam medalhas e prêmios das mãos do próprio presidente. Não só isso: Park utilizou os meios de comunicação para mostrar uma imagem dos empresários dos *chaebol* que atingiam as metas impostas pelo governo como grandes heróis nacionais. Ou seja, Park manipulou a imagem dos empresários perante a opinião pública ao seu bel prazer de forma a domina-los politicamente e arrastá-los para dentro do projeto estatal.

"It [the South Korean government] created a favorable social atmosphere, even giving prestigious awards in which contributions to exports were lauded as something good for society and even patriotic. In a society in which great value was placed on social harmony and cooperation, recognition for entrepreneurial activities created a favorable environment for them, which was quite contrary to the traditional value that prevailed before 1876. By stressing that such activities directly benefited society, the government was able to solicit a positive entrepreneurial response". (CHUNG, 2007, p. 86)

Entretanto não foi apenas pelo seu poder político que o governo Park subjugou as elites empresariais do país. O governo também soube usar os instrumentos econômicos para manter os empresários sob a sua égide. "Tal como no caso do Japão", aponta Evans (1993, p. 128), "a relação simbiótica entre o Estado e os *chaebol* estava fundada no fato de que o Estado tinha acesso ao capital num ambiente de escassez de capital".

Control over the financial system, taken together with the very high debt ratios of the private sector gave the state considerable discretionary powers in the allocation of resources in East Asia (JENKINS, 1991, p. 206).

Resta ainda explicar o papel dos dois últimos fatores determinantes da autonomia estatal apontados por Jenkins (1991), a saber, os fatores internacionais e a ameaça militar. Uma combinação desses dois fatores constituiu a base do discurso ideológico desenvolvimentista que ajudou a legitimar o governo autoritário do General Park e, por extensão, o *Developmental State* coreano.

A questão sobre os fatores internacionais será melhor tratada no próximo capítulo, mas por enquanto cabe apontar que a condição de receptora de massiva ajuda internacional de órgãos internacionais e, em particular, do governo dos Estados Unidos expunham uma condição de extrema dependência da economia coreana às condições geopolíticas da região em um contexto de Guerra Fria. A percepção de que essa frágil situação poderia fazer perdurar *ad infinitum* uma condição de subserviência econômica e política do país moldou um discurso ideológico de busca de autonomia nacional. Em outras palavras: o desenvolvimento econômico era condição essencial para autonomia do país. A população coreana tinha experimentado na sua história recente a quase eliminação do país como nação. Portanto, era natural que Park assumisse um discurso nacionalista, de união e independência nacional efetiva.

O segundo fator, a ameaça militar, era o reflexo do clima hostil entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. Nunca houve oportunidade para uma conciliação entre as duas coreias e as marcas da guerra legaram profundas cicatrizes na sociedade coreana. Além do mais, a Coreia do Norte era, naquele momento, superior militarmente e economicamente. A defesa do território nacional ainda era garantida por conta do apoio militar dos Estados Unidos. Sob a constante iminência de um novo conflito entre o norte e o sul, Park pode unificar o país argumentando que a sua própria existência como nação estava em risco. Mais que isso: justificava a liderança de um militar na condução do país. Jenkins (1991, p. 213) afirma que “the external threat both legitimizes the role of the military in politics and makes economic growth an imperative for survival”. A defesa nacional era uma questão, literalmente, de vida ou morte para os coreanos. Portanto a existência de um inimigo externo dava ao governo Park um bom motivo para evocar a união interna, o “esforço dos coreanos”, e dava legitimidade à um governo militar poderoso e centralizador. Esses dois fatores foram preponderantes na moldagem do discurso ideológico que legitimou o governo e seu esforço desenvolvimentista.

O pacto nacional pelo desenvolvimento foi construído por um governo autônomo, mas inserido; com grande capacidade de planejamento e execução de políticas econômicas; que gozava de um poder extenso e intenso; legitimado por um discurso nacional desenvolvimentista; em aliança com a classe capitalista, por sua vez subjugada pelo Estado tanto pelo poder político quanto pelo econômico. Nas palavras de Evans (1993, p. 127) “somente com a ascensão ao poder de um grupo com fortes convicções ideológicas e estreitos laços pessoais e organizacionais o Estado seria capaz de ‘reconquistar sua autonomia’”. Ou ainda:

“The coherence and quality of the bureaucratic apparatus combined with the ability to create dense ties to industrial elites, made it possible for political elites to construct a transformative economic response to their geopolitical vulnerabilities”. (Evans & Heller, 2015, p. 14)

As transformações sociais e políticas ocorridas durante o período colonial formaram os alicerces sob os quais o *Developmental State* pode emergir, proporcionando a “ascensão da burocracia civil pública, e a emergência de novas elites industriais e novas classes sociais no campo e na cidade” (HERRLEIN, 2014, p.13). A divisão e a Guerra da Coréia fundamentaram a ideologia de afirmação da soberania nacional e a necessidade de integração nacional dentro de um projeto de desenvolvimento que pudesse conter “as ameaças externas”.

Descrevemos detalhadamente como foram criadas as condições políticas que moldaram o *Developmental State* na Coréia do Sul, empregando-lhe características específicas. Cabe ressaltar que essas características, oriundas de componentes políticos, também podem ser identificados na experiência desenvolvimentista no Japão e em Taiwan. Obviamente, a forma como esses fatores emergiram historicamente é particular de cada país. Mas o importante é notar que as características políticas resultantes do processo histórico são muito similares entre esses três países. Adrian Leftwich (1995) resume bem os pontos até aqui contemplados. O autor destaca quais são esses componentes políticos que caracterizaram o *Developmental State* na sua experiência histórica. Enumera seis: (a) uma elite desenvolvimentista determinada; (b) uma relativa autonomia estatal; (c) uma poderosa, competente e insulada burocracia econômica; (d) sociedade civil fraca e subordinada; (e) administração de interesses econômicos privados e; (f) repressão, legitimidade e performance.

### 3.4. CHAEBOL

Vejamos agora qual foi a participação efetiva da classe empresarial no projeto de desenvolvimento nacional coreano.

*Chaebol* é a palavra usada para designar as grandes firmas sul coreanas<sup>52</sup>. Essas empresas tiveram um papel fundamental no processo de desenvolvimento coreano a partir do início da década de 1960. Os *chaebol* foram os principais responsáveis pela produção industrial do país, dedicando-se a uma grande gama de produtos em escala massiva. A execução do plano desenvolvimentista estava estreitamente relacionada a capacidade dos *chaebol* em responderem as demandas e metas impostas pelo governo<sup>53</sup>. O governo forneceria os meios e os instrumentos para execução dos planos, mas eram as grandes firmas industriais coreanas que de fato ficavam responsáveis pela produção nacional – uma vez que o governo coreano usou pouco do expediente das empresas públicas<sup>54</sup>. A política industrial sul coreana, setorial e verticalizada, era em grande parte dirigida especificamente para os *chaebol*, levando em conta a capacidade de reação dessas empresas.

O modelo de grandes conglomerados industriais com alta diversificação de produtos foi “importado” da experiência japonesa<sup>55</sup>. No Japão, os *keiretsu* dominaram a produção industrial criando estreitas relações com o governo num sistema bastante similar ao ocorrido posteriormente na Coréia.

Graham (2003, p. 7) fornece uma lista dos dez maiores *chaebol* de 1983. Eram eles – em ordem pelo valor de ativos: Hyundai, Samsung, Daewoo, LG, Ssangyong, SK, Hanjin, Korea Explosives, Daelim e Kukje.

Os *chaebol* tornaram-se verdadeiramente grandes a partir da década de 1970 com a implementação da indústria pesada proposta no terceiro Plano Quinquenal

---

<sup>52</sup> “(...) when Koreans talk about the *chaebol*, they generally are referring to a rather small number of very large and highly diversified groups of firms that have come to dominate most of the industrial sectors that make up the core of Korean economy”. (GRAHAM, 2003, p. 4)

<sup>53</sup> “Like the multidivisional enterprises of the United States, Germany, and Japan, those of Korea can be said to have acted as **the agents of industrialization**. They were responsible for developing the forces of production in economies that expanded at unprecedented rates”. (AMSDEN, 1989, p. 119, grifo nosso)

<sup>54</sup> A exceção mais notável é a POSCO (Pohang Iron and Steel Company), gigante da produção de aço, criada em 1968 e parcialmente privatizada em 1998. Dentre os três países do *Developmental State*, a Coréia foi a que menos criou empresas públicas. Já em Taiwan esse tipo de atuação estatal foi usado extensivamente: as grandes empresas que lideraram os setores chaves da economia eram estatais.

<sup>55</sup> “In Korea, the modern industrial enterprise takes the form of diversified business groups, or *chaebol*, whose size and diversity are similar to those of the *zaibatsu*, Japan’s prewar big business groups”. (AMSDEN, 1989, p. 9)

(1972 – 1976). Das dez maiores firmas sul coreanas, apenas a Samsung tem uma história de sucesso antiga. As primeiras atividades da empresa foram na produção de açúcar e têxteis ainda na década de 1950. Nos anos 60, entra no ramo de fertilizantes. Todavia, a trajetória da Samsung é bastante particular entre os *chaebol*: boa parte das grandes firmas que se consolidaram nos anos 1970 surgiram durante o processo de substituição de importações conduzido pelo governo Syngman Rhee (CUMMINGS, 1984, p. 25). Iniciaram suas atividades na indústria leve, produzindo produtos que tinham impacto forte na pauta de importações do país. Surgiram graças à duas situações bem específicas do período Rhee: abundância de recursos de ajuda financeira internacional e da disposição venal do governo (AMSDEN, 1989, p. 39). Alguns dos *chaebol* surgiram apenas nos anos 1960. Foi o caso da Daewoo, o terceiro maior conglomerado industrial da Coreia em 1997. Ela surge em 1967 como uma exploradora comercial do setor de têxteis e vestuário, um negócio extremamente lucrativo. A empresa logo conquistou, junto ao governo, cotas de exportação de produtos de vestuário para os Estados Unidos. Com isso, a Daewoo primeiramente vendia os direitos de exportação para outras firmas. Posteriormente, se engaja na produção de suas próprias manufaturas e logo se torna uma das gigantes coreanas.

A maior parte das empresas que formam os *chaebol* surgiram como empresas familiares. O crescimento dessas empresas em grandes conglomerados se deu através de sua aliança estratégica para o desenvolvimento com o Estado. Através do controle do sistema financeiro, o Estado pode escolher as empresas que receberiam créditos subsidiados e outras formas de tratamento preferencial. Contando com o apoio econômico do governo e uma estrutura produtiva diversificada, os *chaebol* podiam assumir e gerenciar riscos de forma que empresas num ambiente de livre mercado, i.e., de plena competição, não poderiam. Assim as grandes empresas sul coreanas puderam crescer para tornarem-se grandes empresas mundialmente reconhecidas.

A criação de grandes conglomerados oligopolistas privados foi uma política deliberada do governo sul coreano e a correspondência pode ser encontrada também nas experiências desenvolvimentistas do Japão e de Taiwan.

(...) the East Asian governments have deliberately created oligopolistic, or even monopolistic, market structures, in order to exploit scale economy as

much as possible, if that was regarded as important in the particular industry concerned. (CHANG, 2008, p. 41)

Graham (2003) mostra que entre 1971 e 1983 a Hyundai, por exemplo, teve um crescimento médio dos seus ativos de 32,1% ao ano (em valores constantes). A Daewoo, no mesmo período, cresceu em média 46,3% ao ano. A SK, por sua vez, 35,1% ao ano. A soma das vendas dos dez maiores *chaebol* que em 1974 representavam 15,1% do PIB sul coreano, em 1978 já atingiam 30,1% e em 1984 alcançaram a marca de 67,4% do PIB do país. Ou ainda: em 1984 os três maiores *chaebol* somados representavam 35,8% do PIB coreano (AMSDEN, 1989, p. 116).

A grandeza e o papel de destaque que os *chaebol* tiveram no contexto econômico sul coreano resta evidente no dado que Alice Amsden (1989, p. 9, grifo nosso) traz: “The *Fortune* (1987) list of 500 international private non-oil-producing firms in 1986 included **ten from Korea and only seven from all other developing countries combined**”. Amsden segue:

The size of the chaebol and their broad diversification into nonrelated products have allowed them to survive the hardships of late industrialization, to penetrate the lower end of numerous foreign markets, and to supplant the need for multinational firms to undertake major investments in targeted industries. (p. 9)

A capacidade dos *chaebol* de diversificar sua carteira de produtos – uma das características mais notáveis desse conjunto de empresas – permitiu que o governo avançasse rapidamente pelas etapas tecnológicas pretendidas. Como o processo de desenvolvimento na Coréia obedeceu uma estratégia de etapas de incorporação de tecnologia bem definidas, teoricamente seria necessário um grande número de empresas para produzir os diferentes tipos de bens que o governo estabelecia. Entretanto, a medida que as grandes firmas coreanas adquiriam excelência em capacidade gerencial e certo nível de escala de produção, foram capazes de estender o rol de bens produzidos<sup>56</sup>. Desta forma, uma grande empresa coreana era

---

<sup>56</sup> “Two factors strengthened the willingness and ability of big business to be a more active partner with the state in the diversification effort: (1) the modern industrial enterprises acquired more technical and business experience. Their opinions then gained more respect in terms of decisions about which industries to enter, when, and on what scale. (2) The modern industrial enterprises came to appreciate not just the high risks of entering the heavy industries but also the high rewards”. (AMSDEN, 1989, p. 88)

capaz de produzir uma gama de produtos de características completamente diferentes.

The leading Korean chaebol, by contrast, comprise major divisions that have no relation to one another whatsoever: consumer electronics and petrochemicals in the case of the Lucky-Goldstar group; finance and heavy machinery in the case of Hyundai; consumer electronics, heavy machinery, finance, and entertainment in the case of Samsung; and so on. (AMSDEN, 1989, p. 116)

A obsessão do governo em incorporar novas tecnologias num processo de *learning by doing* foi efetivado dentro dos *chaebol*. As grandes empresas sul coreanas tiveram papel dominante na pesquisa e desenvolvimento (P&D) de novas tecnologias. Também aqui, obedeceu a etapas bem definidas: no princípio da industrialização, as firmas coreanas incorporavam tecnologias através da imitação e assimilação de processos produtivos de bens simples, mas com mercados consolidados nos países centrais – principalmente Japão e Estados Unidos. Durante essa etapa o investimento em P&D, tanto nas empresas como nas universidades, era limitado; na etapa intermediária, o processo de desenvolvimento de tecnologia autóctone passou a ser mais relevante. Assim, o governo instituiu em 1966 o *Korea Institute of Science and Technology* (KIST) que entrou em pleno funcionamento no final da mesma década. Com esse instituto o Estado tomou a iniciativa de treinar os cientistas e engenheiros para pesquisa de novos produtos. Entretanto a relação entre o KIST e os *chaebol* era ainda distante e os frutos de suas pesquisas foram pouco aproveitados num primeiro momento. Observando essas dificuldades, o governo tomou providências para estreitar o trabalho do Instituto com o setor privado. Os *chaebol* aproveitaram o conhecimento tecnológico produzido pelo KIST para prospectar de forma mais eficaz as tecnologias a serem importadas e incorporadas<sup>57</sup>; na fase final, os *chaebol* consolidaram seus departamentos internos de P&D, estreitaram seus relacionamentos com os institutos estatais de pesquisa e juntos passaram a desenvolver produtos com tecnologia própria. Ao final dos anos

---

<sup>57</sup> “In an attempt to develop an effective linkage between KIST and the private sector, the government coerced large firms to undertake joint research with KIST. Such joint research provided opportunities for some firms to acquire sufficient prior knowledge about technology to be imported. This enabled them to identify prospective technology suppliers and to enhance their bargaining power in negotiating technology transfer arrangements. Once imported, such joint research provided a platform on which the firms could assimilate and adapt technology rapidly” (KIM & YI, 1997, p. 171).

1980, a Coréia pode alterar o seu padrão de incorporação tecnológica, alcançando o patamar de *learning by research* (KIM & YI, 1997).

O processo de seleção das firmas escolhidas para receber os privilégios do governo foi bastante severo. Indústrias que não conseguissem acompanhar o ritmo das metas impostas pelo governo deixavam de receber crédito subsidiados, isenções fiscais e permissões especiais para importar. Quando a falência era eminente, o governo, como controlador do sistema financeiro e, portanto, credor das firmas, transferia o controle para outra empresa que estivesse funcionando adequadamente aos olhos do governo<sup>58</sup>. Esse processo de seleção e fusão foi conduzido pela burocracia pública utilizando instrumentos legais e de controle financeiro. Mas o critério para “abandono” não era apenas baseado nos resultados financeiros das firmas, isto é, pela capacidade da firma de gerar lucros. A sua atuação no sentido de incorporar novas tecnologias também era fator observado pela burocracia. Diversas firmas apresentaram dificuldades financeiras ao longo do processo de desenvolvimento – principalmente quando a fronteira tecnológica imposta pelo governo avançava, isto é, quando havia exigências para que produtos com tecnologia mais avançada fossem produzidos. Entretanto, se os burocratas entendessem que a empresa apresentava perdas temporárias em razão dos custos de implementação de nova tecnologia, o governo bancaria os prejuízos e manteria os benefícios fiscais e creditícios<sup>59</sup>. A seleção, portanto, era feita sob critérios técnicos dentro de um horizonte de longo prazo.

No início dos anos 1980 a EPB diagnosticou que os problemas encontrados na industrial química e pesada eram devidos ao grande número de indústrias atuando no setor, o que impedia os ganhos proveniente da escala produtiva. O governo então procedeu uma série de fusões, concentrando a produção em poucas, mas grandes firmas onde a escala de produção desejada poderia ser alcançada. Nesse sentido, o governo coordenava os investimentos do setor privado de forma a

---

<sup>58</sup> Um exemplo desse processo é o caso da Shinjin. A empresa da indústria automobilística tinha maior *market share* do que a Hyundai Motors na década de 1960. Mal administrada e com perdas acumuladas, declara falência na década de 1970 e o Estado imediatamente transfere o controle para a Daewoo Motors. Esse processo era relativamente comum na Coréia. O mesmo ocorreu com empresas como a Asian Motors, a Taihan (componentes eletrônicos), Kyungnam e Samho.

<sup>59</sup> Amsden (1989, p. 15) fornece um exemplo interessante de como a questão tecnológica era crucial para a decisão de “salvar” ou não a firma: “In the cement industry, the largest producer in the 1970s went bankrupt because it tried to optimize an old technology rather than switch to a new one. Its production facilities were transferred by the government to a chaebol, the Ssangyong group, owned by one of the ruling party’s elders”.

alcançar as metas estipuladas. Esse é um exemplo claro de como o governo selecionava firmas participantes dos setores prioritários sob uma visão de planejamento de longo prazo<sup>60</sup>.

Além de selecionar as firmas, o governo também coordenou a concorrência entre as grandes empresas<sup>61</sup>. Os *chaebol* competiam entre si tanto no mercado interno como no mercado externo. Mas o governo disciplinou o poder oligopolista das empresas e restringiu as formas de competição utilizando controle de preços e promulgando leis de controle. Em mercados com produtos diferenciáveis, e.g. indústria automobilística, as firmas podiam competir em preços. Aparte dessa exceção, as grandes firmas coreanas competiam por fatores: licenças governamentais; no mercado de trabalho, competiam pelos mais preparados administradores e cientistas; em logística e qualidade de produto. A competição entre os *chaebol* ocorria, portanto, majoritariamente sobre variáveis não precificáveis. Ademais, o governo promulgou leis que lhe davam poder de restringir entrada de novas firmas em setores estratégicos ou restringir o aumento da capacidade produtiva. “Koreans policymakers’ concern for ‘excessive competition’ and resulting ‘social waste’”, escreve Chang (1993, p. 114), “is reflected in the laws in the form of entry restrictions and regulations on capacity expansion. Violators of such restrictions could be heavily punished with the revocation of licenses, fines and, in some serious cases, prison sentences”.

A organização industrial através desses grandes conglomerados marcou profundamente os aspectos sociais do desenvolvimento na Coreia. A concentração da população em grandes centros urbanos industriais é uma característica que permanece. Cidades como Ulsan e Busan são exemplos de cidades industriais que concentram grandes firmas. Essas cidades absorveram a população rural com o êxodo decorrente do desenvolvimento econômico. Do ponto de vista social, a organização dessas cidades está fortemente atrelada aos *chaebol*. As cidades tornaram-se extensões das fábricas. As empresas forneciam a infraestrutura necessária para a organização social, estreitando as relações entre empresas e

---

<sup>60</sup> Chang (1993, p. 111) fornece diversos exemplo de fusões promovidas pelo Estado coreano.

<sup>61</sup> “The emphasis of their (broadly defined) competition policy was on raising productivity in sunrise industries and managing smooth resource transfers out of sunset industries without the ‘wastes’ that could result from unrestrained competition. And if it was necessary for those purposes, these governments were quite willing to restrict entry and capacity expansion (thus creating oligopolistic markets) and allow collusive behaviours among the firms, although these actions were taken with clearly defined productivity-related goals and with relatively clear time limit”. (CHANG, 2008, p. 43)

trabalhadores. Meredith Woo-Cumings (2001, p. 370) chama esses complexos urbanos de “company towns”, aonde:

Chaebol firms provide for their employees' needs in every way. The typical Hyundai worker drives a Hyundai car, lives in a Hyundai apartment, gets his mortgage from Hyundai credit, gets health care from a Hyundai hospital, sends his children to school on Hyundai loans or scholarships, and eats his meals at Hyundai cafeterias. If his son graduates out of the blue-collar work force and enters the ranks of well-educated technocratic professionals (which is the goal of every Korean parent), he may well work for Hyundai research and development.

Essa citação – escrita, cabe lembrar, por uma cientista social sul-coreana – mostra claramente como os *chaebol* dominaram os aspectos cotidianos da vida dos trabalhadores sul-coreanos. Essa constatação demonstra que a influência dos chaebol extrapolou as questões econômicas, atingindo também os aspectos culturais e sociais do desenvolvimento do país.

### 3.5. POLÍTICA ECONOMICA NA CORÉIA

Vimos anteriormente quais foram as teorias e autores que influenciaram os dirigentes sul coreanos; que o Estado adquiriu forte capacidade de planejamento e execução através de uma burocracia pública coesa, organizada e competente; que as alianças políticas utilizada em comunhão com o discurso ideológico do governo Park possibilitaram um Estado forte, insulado e autônomo, que mobilizou a sociedade para o desenvolvimento; e por último vimos como os *chaebol* foram peça determinante para o aumento da base material do país. Veremos agora quais foram as características da política econômica na Coréia e quais instrumentos foram utilizados para efetivá-la.

A principal diretriz da política econômica sul coreana, entre 1961 e 1991, foi a exportação. É possível afirmar que todas as medidas econômicas tomadas foram com o objetivo de tornar a Coréia um país líder nas exportações de bens industriais. Para isso, o governo desenvolveu metas de longo prazo através dos Planos Quinquenais. Os dirigentes políticos perceberam as dificuldades de competir no mercado internacional: para poder se tornar um *player* internacional, a Coréia deveria atingir grande escala de produção para poder beneficiar-se da redução de

custos<sup>62</sup>. Destarte, os instrumentos de política econômica foram utilizados para beneficiar e incentivar indústrias exportadoras, em setores vistos como estratégicos e grande com potencial no mercado internacional<sup>63</sup>.

Existem ao menos duas razões que explicam a opção por um enfoque *export-led* na política econômica. Primeiro, a Coréia do Sul é um país pobre em recursos naturais. Apesar dos ganhos de produtividade no setor agrícola conquistados desde o período colonial japonês, a Coréia não possui, por exemplo, reservas de petróleo ou estanho, e apenas 15% das terras do país são aráveis. Incorre, por consequência, que matérias-primas essenciais para abastecimento da economia interna tem de ser importados. A política de exportações poderia fornecer as divisas necessárias para viabilizar as importações desses fatores, bem como de bens de capital. Durante o governo Rhee as importações eram financiadas pela ajuda internacional. O governo Park, nacionalista, não concordava ideologicamente com essa frágil situação. Como bem resumiu Chang (1993):

Until recently, the dependence on foreign savings for financing of investments was seen as the major economic problem by Korean policy-makers. They regarded the ultimate solution to this problem to be the construction of an economy with sufficient technological capability to permit a reasonable living standard without a chronic balance of payments deficit. It was believed that the cause of the balance-of-payments problems lay in the underdevelopment of capital and intermediate goods industries, and therefore that 'a shift towards heavy and chemical industries is imperative in order to increase the independence of the Korean economy' (CHANG, 1993, p. 109)

A segunda razão pela qual a formação de uma economia voltada para o mercado externo foi preferida pelos dirigentes sul coreanos foi a avaliação negativa que tiveram sobre a política de substituição de importações do governo Syngman Rhee. A elite governista diagnosticou que o pequeno mercado doméstico coreano seria um entrave para o rápido crescimento econômico desejado.

---

<sup>62</sup> "(...) a policy of export promotion was adopted whose sole purpose was to encourage domestic producers to export at the lowest possible price in order to compete successfully in the world market or some part of it". (CHUNG, 2007, p. 86)

<sup>63</sup> Conforme já explicado, existiram dois modelos de desenvolvimento na Coréia entre 1948 e 1991. Entre 1948 e 1961 predominou um modelo de industrialização por substituição de importações e entre 1961 e 1991 prevaleceu um modelo de industrialização via exportações. Todavia a realidade econômica é mais complexa do que separação teórica *a posteriori* pode transparecer. A verdade é que, em alguma medida, ambas as estratégias coexistiram em determinados momentos nos planos estatais. Pode-se dizer que, em certa medida, essas estratégias complementaram-se mutuamente. Para saber mais sobre instrumentos de incentivo à exportação durante o governo Rhee ver Data-Chaudhuri (1981).

Em 1961, a indústria respondia por apenas 15,3% do PIB coreano e empregava somente 8,2% da força de trabalho<sup>64</sup>. A agricultura representava 40,2% do PIB e empregava 54,8% da força de trabalho ao passo que o setor de serviços representava 44% do PIB e empregava 23,8%. Havia, portanto, uma grande distância entre a indústria e os outros setores da economia. Frente a isso, o governo logo vislumbrou a necessidade de ampliar o capital industrial da economia.

Do ponto de vista da contabilidade social, o produto nacional de uma economia é dividido, segundo a ótica da despesa, entre o consumo e o investimento, de agentes privados e do governo, e o saldo líquido das exportações. O governo almejava aumentar o nível de investimentos da economia, seja ele privado ou público. Em outras palavras: o governo deveria ajustar os componentes do dispêndio público de forma que os investimentos aumentassem em relação ao consumo.

Sobre o consumo, a política do governo foi tentar canalizar esse dispêndio para incrementar a poupança nacional de forma a financiar os investimentos. Assim, o governo procedeu uma política de supressão do consumo, impondo barreiras legais e econômicas. Também aqui utilizou um discurso ideológico da “necessidade de estabelecer um bom padrão de consumo” (CHANG, 1993, p. 109). Os bancos eram orientados a não aprovarem empréstimos à consumidores. Impostos sobre consumo eram extremamente elevados – utilizando majoritariamente impostos indiretos. Importação de produtos de luxo, quando não eram banidos, tinham altas taxas e tarifas. Além de introduzir impostos altos, o governo impôs barreiras legais para o consumo. A venda de televisores a cores só foi permitida no país em 1980, ainda que as industriais coreanas já fabricassem esse produto desde 1976 para exportação. O mesmo ocorreu com outros produtos de luxo como fonógrafos, telefones celulares e casacos de pele (SONG, 2003, p.86). Outro exemplo de restrição legal ao consumo é o fato de que viagens de turismo ao exterior eram proibidas até o final da década de 1980. Por conta disso, a Korean Air, empresa estatal de aviação fundada em 1962, foi a única companhia aérea a operar no país até 1988. Com essas medidas o governo logrou diminuir o consumo e aumentar o percentual da poupança doméstica em termos relativos. Em percentual do PIB, a poupança privada aumentou de 8,4% em média entre 1953-1961, para 10,4% entre 1962-1971, 15,3% entre 1972-1975 e 21,8% entre 1976-1986 (Tabela 2, no capítulo

---

<sup>64</sup> Dados extraídos de Chung (2007). Ressalta-se que sobre a rubrica “indústria” considera-se a soma de “manufacturing” e “mining”. O desemprego em 1961 era de 13,2%.

anterior). Quanto ao saldo líquido de exportações, não havia muito o que o governo pudesse fazer num primeiro momento. Quando Park chegou a poder, a Coréia acumulava vultosos déficits na balança comercial. Em parte, a razão dos déficits era por conta das importações que abasteciam com insumos a indústria nacional<sup>65</sup>.

Uma vez que o governo conseguiu fazer aumentar a poupança nacional, cabe agora compreender como o governo coordenou a canalização da poupança interna e externa para os investimentos nos setores exportadores da indústria coreana.

O controle de capitais e o do sistema financeiro foi o instrumento de política econômica mais importante utilizado pelo Estado coreano para desenvolver a indústria exportadora (WOO, 1991). “In a country like Korea”, diz Chang (1993, p. 108), “where private firms depend almost totally on the state-run banking sector for their investment funds, the state’s channeling of money into public enterprises can have a very visible impact on private initiative”. Assim o governo poderia direcionar os investimentos aos setores prioritários dentro de um plano de longo prazo. Em outras palavras: através do controle de capitais, o governo poderia efetivamente exercer uma política industrial discricionária, operando nos setores chave da economia. “At the core of state power”, escreve Woo (1991, p. 2), “is its channeling of the flow of money”.

O controle sobre o sistema financeiro e sobre a canalização dos recursos para empresas estratégicas não era algo inteiramente novo na Coréia. O governo colonial japonês já havia utilizado esse expediente para atrair os zaibatsus para a Coréia entre 1930 e 1945. Depois, o governo Rhee também lançou mão dessa estratégia para operar o plano de substituição de importações durante o seu mandato. Incentivos financeiros e acesso a empréstimos subsidiados já era uma prática recorrente no passado recente coreano. Entretanto foi com o General Park que o controle efetivo sobre o sistema financeiro se transformou num poderoso instrumento de barganha e de coordenação econômica. Durante o governo Rhee, o Estado coreano recebia as ajudas financeiras e lhes dava o destino desejado, mas não sem a influência do governo norte americano, o principal doador. Rhee não gozava de sólida base política ou legitimidade popular e por isso, os recursos eram em grande parte destinados conforme critérios políticos. Além disso, Rhee enfrentou a guerra e a reconstrução do país, não havendo muita margem para execução de

---

<sup>65</sup> Esse ponto será melhor discutido no próximo capítulo.

política industrial de longo prazo através dos recursos de ajuda externa. Boa parte desses aportes financeiros ajudavam a financiar as importações do país<sup>66</sup>. Todavia, o governo inicia práticas que depois vão ser fundamentais na política industrial do governo Park: concessão de crédito subsidiado para setores específicos e para finalidades específicas como importação de maquinário ou insumos não produzidos no mercado interno.

Em 1957, através do *Act Establishing the Bank of Korea*, o governo coreano aprova uma reforma financeira, sob pressão do governo americano, que previa a criação de um banco central independente nos mesmos moldes do Federal Reserve e a privatização dos bancos. A criação do banco central independente nunca saiu do papel, mas a privatização dos bancos ocorreu. Em 1961, entretanto, o governo Park anula as privatizações e promove a reestatização dos bancos. Sem um banco central independente, o governo detinha total autoridade sobre o sistema bancário. Com a estatização do sistema bancário nacional Park tinha em mãos os instrumentos necessários para fazer sua política industrial discricionária<sup>67</sup>. O governo podia canalizar os recursos, tanto da poupança interna quanto da poupança externa, para os setores escolhidos da economia. O sistema bancário ficou sob a administração do Ministério das Finanças que reinstituíu um sistema bancário especial para cada setor econômico.

For all the sound and fury of the 1961-1963 reforms, the most durable and significant was the reorganization of the banking sector. (...)The banking sector was the only exception to the guarantee of nonconfiscation that the state had promised to businessmen. In fact, all commercial banks were swiftly nationalized, and all financial intermediaries were quickly lined up under the direction of the Ministry of Finance. The *raison d'être* of the banks became that of seconding and executing national macroeconomic goals, not profit-mongering through lucrative money lending. (WOO, 1991, p. 84)

---

<sup>66</sup> "(...) in the early 1950s, loan priority went to those related to defense, relief, and reconstruction: production of military supplies, food production, loans for purchasing aid goods, government agencies and public institution, enterprises guaranteed by the government, and fishery and marine industries". (WOO, 1991, p. 63)

<sup>67</sup> Banks were allowed no voice over the allocative decisions, and had to passively accommodate the loans irrespective of their portfolio strategies. Moreover, in a milieu where real interest rates were negative (inflation is higher than interest rates) and where the state exercised ubiquitous control over all allocative decisions, all institutional loans should have been considered policy loans. In this situation, the state may then give large manufacturers greater access to bank loans than that of small and medium manufacturers, push the export sector rather than the domestic market, and favor heavy industrial sectors over light manufacturing. (WOO, 1991, p. 12)

Assim, instituições de crédito agrícola foram reforçadas, um banco especializado em crédito para o comércio e pequenas firmas foi fundado e o Korean Development Bank teve suas funções ampliadas, agora podendo captar empréstimos no estrangeiro e servir como fiador dos empréstimos internacionais obtidos pelas empresas nacionais. Essa última função foi fundamental para a política industrial e para a consolidação da aliança entre Estado e capitalistas: a condição de único e obrigatório fiador das empresas nacionais legava ao Estado um poder discricionário importantíssimo na alocação de recursos. O Estado também criou fundos de financiamento específico para a indústria exportadora. Assim, conclui Chung (2007, p. 137), “the allocation of credit was by far the most important single instrument of the government’s microeconomic control of investment”.

Do ponto de vista macroeconômico, a diretriz era a criação de um ambiente de expansão econômica, em contraste com políticas de estabilização, mesmo que isso pudesse incorrer em pressões inflacionárias – o que de fato ocorreu<sup>68</sup>. Entre 1953 e 1981, a inflação média anual do país foi de 17,3% (CHUNG, 2007, p. 98). A política de juros na Coreia do Sul foi expansiva na maior parte do período<sup>69</sup>. Isto é, as taxas de juros oficiais normalmente eram determinadas à níveis inferiores das de mercado. Chung (2007) denomina a política de juros coreana como “financial repression policy”. A característica mais relevante da política de juros desse período, entretanto, são as taxas discricionárias, aplicadas a setores e indústrias tidas como estratégicas. As taxas de juros em termos mais favoráveis foram instrumentos importantes para beneficiar, principalmente, setores exportadores, mas também abrangia empréstimos para aquisição de máquinas e equipamentos.

---

<sup>68</sup> “Rampant inflation, for instance, was tolerated until about 1981 for the sake of economic development”. (CHUNG, 2007, p. 38). Um ano antes do General Park assumir o governo, ou seja, 1960, a inflação atingiu a marca de 8,3%. Já em 1963 ela dispara para 20,7%. Entre 1961 e 1981, a Coreia do Sul terá inflação anual de dois dígitos por toda a série, com a única exceção de 1973 quando obteve 3,2%. Durante esse período, destacamos os picos de 1964 (29,5%), 1975 (25,2%) e 1980 (28,7%). Em grande medida os altos índices inflacionários são reflexos da forma de financiamento interno do investimento. O governo financiava boa parcela de seus gastos através da criação de moeda pelo Banco Central coreano.

<sup>69</sup> A política de juros teve fases distintas entre 1961 e 1991. Entre 1961 e 1965 o governo manteve uma taxa de juros artificialmente baixa. Em 1964 a Lei de Reforma da Taxa de juros é promulgada, mas só entraria em vigor em 1965. A lei elevou a taxa básica e criou múltiplas faixas da taxa de juros. A taxa de juros cobrada por empréstimos em bancos comerciais sobe de 16 para 26% ao ano. A taxa paga para depósitos sobe de 15 para 30% ao ano. Já a taxa de juros cobrada sobre empréstimos às empresas reduziu de 12 para 8% ao ano. Essa reforma fez aumentar substancialmente o valor dos depósitos. A poupança triplicou em apenas um ano. Em 1965 os depósitos em poupança representavam 3,8% do PIB. Atingiram 21,7% em 1969. Em 1972 o governo volta a reduzir as taxas de juros para níveis abaixo do nível de mercado.

Another feature of the government's interest rate policy during most of the early period was the application of different rates to different groups of borrowers in different economic sectors and industries. The rates also varied depending on the use of loans and even among different firms within the same sector. Rates also depended in part on the degree of competition for particular types of credit, the interest of the government in promoting a particular type of investment, the political climate or financial exigencies of the ruling political party, and the political influence of the borrower. (...) Among the varied features of the government's interest rate policy on business loans, the application of low interest rates to targeted industries and businesses, including foreign aid loans, and import, export, and "policy loans", had the most significant impact on the nation's investment. (CHUNG, 2007, p. 169)

A política cambial seguiu a mesma linha: na maior parte do período entre 1961 e 1990 o governo controla a taxa de câmbio para favorecer a indústria exportadora<sup>70</sup>.

Assim, os instrumentos de política macroeconômica eram subordinados aos objetivos e metas da política industrial. Chang (1993, p. 110) bem resume ao afirmar que "(...) Korean macroeconomic policy may be more appropriately understood as 'investment management' rather than as 'aggregate-demand management'". As políticas microeconômicas, portanto, teriam ascendência sobre a política macroeconômica<sup>71</sup>.

O governo direcionou os instrumentos tradicionais de política econômica à operarem como instrumentos auxiliares da política industrial. A política industrial, por sua vez, pode ser dividida em três categorias a depender dos tipos de instrumentos utilizados. As categorias são: proteção, otimização de escala produtiva e produtividade (CHANG, 1993).

Os instrumentos de proteção à indústria eram: restrição de importações de produtos estrangeiros concorrentes<sup>72</sup>; redução de tarifas na aquisição de insumos;

---

<sup>70</sup> A taxa de câmbio foi mantida artificialmente baixa entre 1953 e 1961. O governo do General Park, todavia, ao adotar uma orientação econômica de exportação, altera essa política e gradualmente aumenta a taxa de câmbio. De 62,5 won por dólar em 1960, gradativamente sobe até chegar em 270 won por dólar em 1965. Entre 1963 o governo adota múltiplas faixas de câmbio, favorecendo mais uma vez os setores exportadores. Mas logo em 1965 o governo volta para o sistema de taxa única.

<sup>71</sup> "When the aim of macroeconomic stability clashed with the aim of upgrading the industrial structure, the latter was usually allowed to dominate (...) even when the increase in the overall money supply was contained, the priority sectors were guaranteed financing at the cost of non-priority sectors". (CHANG, 1993, p. 110-111)

<sup>72</sup> "As late as 1982, 93 per cent of total imports (in value terms) were subject to one or more such restrictions. (...) prohibitive inland taxes were often used virtually to ban the importation of luxury consumer items that were subject only to non-prohibitive tariffs. (...) there was widespread foreign-exchange rationing, which often meant that importation of a certain item was impossible not because it was illegal to do so, but because it was impossible to obtain the foreign exchange to pay for it". (CHANG, 1993, p. 98-99).

controle de preços<sup>73</sup>; controle sobre o investimento estrangeiro direto; e subsídios fiscais.

Os instrumentos de otimização de escala produtiva eram: restrição de entrada de novas empresas; restrição à aumentos de expansão de capacidade produtiva; fusão de empresas; arranjos de divisão de segmentos de mercado;

Os instrumentos de produtividade eram: alocação preferencial de crédito subsidiado para aumento de capacidade; preferência nas importações de máquinas e equipamentos e insumos para indústria exportadora<sup>74</sup>; apoio logístico e administrativo do Estado; subsídios e apoio à pesquisa e desenvolvimento tecnológico;

Com a combinação dessas políticas econômicas o governo logrou atingir não só um crescimento do PIB expressivo – elevando o crescimento real do PIB de 3,7% ao ano entre 1953 e 1961 para 8,7% ao ano, em média, entre 1962 e 1971 –, mas também um rápido desenvolvimento industrial.

The small per capita capital stock endowment in the manufacturing sector at the end of Korean War, which produced goods mostly for domestic use, expanded rapidly after about 1962 with recently built industrial facilities that introduced new lines of products as well as those reconstructed after the Korean War. (CHUNG, 2007, p. 62)

Com a forte expansão dos investimentos, o setor manufatureiro coreano teve uma incrível performance. Entre 1963 e 1972, a indústria leve teve crescimento médio de 17,9% ao ano, com destaque para o setor têxtil com crescimento de 25,3% no período. A indústria química teve crescimento médio de 17,6% anual, com destaque para setor de produtos plásticos com crescimento de 50,3% ao ano. A indústria pesada cresceu em média 13,9% ao ano, com destaque para o setor de equipamentos elétricos (22,4% ao ano em média)<sup>75</sup>.

A magnitude dos investimentos em setores capital intensivo e com alta tecnologia, fica evidente ao analisar a evolução na participação dos setores. A

---

<sup>73</sup> “In addition to restrictions on the prices of foreign exchange and credit (that is exchange rates and interest rates), there was a legally implemented direct price control over all marketed products up to 1973. And even after 1973 the state reserved the right to impose a price ceiling when necessary”. (CHANG, 1993, p. 108).

<sup>74</sup> Cabe notar, entretanto que a importação de máquinas e equipamentos era permitida com severas restrições. Chang (1993, p. 102) afirma que “The importation of machines was heavily controlled in order to promote the domestic machinery industry, which was seen as the vital ingredient in building a well-integrated economy”.

<sup>75</sup> Dados extraídos da tabela 4.4 em Chang (1993, p. 95).

indústria leve que em 1965 correspondia a 61,8% da produção manufatureira, contra 38,2% da indústria química e pesada, perdeu participação e já em 1971 correspondia a 54,7% contra 45,3% da indústria química e pesada<sup>76</sup>. Resta evidente que não houve apenas uma transformação de uma economia agrícola para uma economia industrial, mas uma mudança estrutural no próprio perfil industrial do país.

Esses foram os principais instrumentos de política econômica utilizado pelo governo sul coreano no período entre 1961 e 1991. Em diferentes momentos, alguns instrumentos tiveram prioridade sobre outros e ajustes foram sendo feitos ao longo do período para aperfeiçoar a forma de atuação estatal na economia. Nesse sentido, o governo também passou por um processo de “learn-by-doing” na medida em que os resultados efetivos das medidas tomadas eram analisados para certificar a eficácia dos instrumentos. Em certa medida, a forma geral de utilização dos instrumentos de política econômica utilizados na Coreia foi inspirada pela experiência japonesa nas décadas de 1930 a 1950. Em Taiwan, a utilização do sistema financeira centralizado no Estado também foi um forte instrumento de política econômica. É preciso ressaltar, todavia, que em Taiwan o governo recorreu fortemente a criação de empresas públicas que, no caso coreano, não foi muito utilizado.

All three countries [Japan, South Korea and Taiwan] have in common an intense and almost unequivocal commitment on the part of government to build up the international competitiveness of domestic industry – and thereby eventually to raise living standards. This commitment led all three governments to create rather similar policies and organizations for governing the market. (WADE, 1990, p. 7)

Conclui-se que o governo sul coreano utilizou ampla gama de instrumentos de política econômica para conduzir a economia a um processo de desenvolvimento econômico com ênfase em grandes indústrias de exportação. Dentre esses instrumentos, os mais importantes foram aqueles que permitiram ao governo coordenar a alocação de capitais no setor produtivo. As políticas econômicas eram determinadas pelos Planos Quinquenais. Através de tentativas acertadas e erradas, o governo fazia as avaliações necessárias e constantemente reestruturava, criava ou extinguiu instituições de atuação econômica.

---

<sup>76</sup> Ibid. Tabela 4.5 (p. 96).

Ao final da década de 1980, com o enfraquecimento político do Estado, as políticas econômicas e, por consequência, os instrumentos utilizados foram paulatinamente mudando de característica, abrindo mão da coordenação e do planejamento econômico. Em 1991, não é mais possível afirmar que esses instrumentos, bem como a configuração política e social que lhe dava suporte, vigoravam no país.

#### 4. AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Apresentamos anteriormente uma revisão sobre o processo histórico de desenvolvimento capitalista da Coreia do Sul e uma explicação sobre o modelo do *Developmental State*. Passaremos agora a analisar os fatores externos relacionados ao desenvolvimento econômico sul coreano.

Vimos que o projeto de desenvolvimento nacional coreano pode ser caracterizado pela busca de “ganho de autonomia externa” (FURTADO, 1994, p.41). A experiência do *Developmental State* encontrada no leste asiático alcançou o desenvolvimento através de uma estratégia de “*export-oriented industries*” (SETH, 2011, p.396). O sucesso das realizações desenvolvimentistas desses países “somente se explica no contexto das relações econômicas e do sistema político internacionais” (HERRLEIN, 2014, p.13). Então é necessário analisar como se configurou a atuação do Estado coreano em relação as políticas de relações econômicas internacionais. Do ponto de vista da balança comercial, espera-se que encontremos elementos que suportem as políticas de promoção a exportação a partir de 1961. A análise da conta de capitais deve refletir a forma de financiamento externo do projeto desenvolvimentista coreano.

Os fatores ligados ao comércio exterior e ao fluxo de capitais podem ser analisados sob três óticas: as políticas macroeconômicas, as políticas microeconômicas, e os aspectos institucionais. Sob esses aspectos também podemos avaliar o contexto das relações econômicas internacionais durante esse período. Por último, é importante notar que os resultados econômicos analisados através da balança de pagamentos não podem ser atribuídas, *per se*, como resultado de políticas públicas deliberadas. Por isso, faz-se mister a análise dos fatores institucionais, que fazem a conexão entre os resultados e a atuação própria do Estado.

A Coreia do Sul acumulou déficits em Conta Corrente em 24 dos 31 anos entre 1961 e 1991 (Tabela 3). Todavia, em apenas 5 anos logrou obter superávits expressivos (superior a 1% do PIB). Foram eles: 1961 (1,5%) e os anos entre 1986 e 1989 quando o superávit em Conta Corrente correspondeu em média a 4,2% do PIB. Os dois maiores déficits ocorreram em 1974 (10,4%) e 1980 (10,5% do PIB). Não por acaso, são os anos subsequentes as duas crises do petróleo (que ocorreram em 1973 e 1979).

Tabela 3 - Balança de Pagamento, FDI, Ajuda Externa e Dívida Externa (1953 - 1991)

	ANO	Balança de Pagamentos			Balança Comercial			FDI		Ajuda Externa	Taxa de Câmbio	Dívida Externa
		Conta Corrente	Conta Capital e Financeira	Reservas Internacionais	Importações	Exportações	Saldo	% do PIB	% do Investimento	Total	Won/Dólar	% do PIB
		% do PIB	% do PIB	% do PIB	% do PIB	% do PIB	% do PIB			% do PIB	% do PIB	
Pós-Guerra	1953	-6,6	8,6	8,4	11,8	3,0	-8,8	-	-	14,9	-	-
	1954	-12,0	1,9	7,2	6,3	1,6	-4,6	-	-	11,0	-	-
	1955	-19,0	-0,2	6,9	5,9	1,3	-4,6	-	-	16,9	-	-
	1956	1,7	-1,6	7,0	27,2	1,8	-25,4	-	-	21,8	-	-
	1957	-0,2	0,1	6,8	23,0	1,1	-21,8	-	-	22,5	-	-
	1958	2,0	-2,0	7,7	18,1	0,9	-17,2	-	-	16,9	-	-
	1959	0,8	-0,8	7,4	13,7	1,0	-12,7	-	-	11,7	-	-
	1960	0,7	0,4	7,9	15,3	1,6	-13,6	-	-	12,6	-	4,3
1961	1,5	-3,3	9,4	12,9	1,9	-11,0	-	-	9,5	-	4,0	
1º Plano	1962	-2,3	0,2	7,0	16,3	2,3	-14,0	0,02	0,21	10,1	-	3,9
	1963	-5,1	-3,1	4,7	17,8	3,1	-14,7	0,09	0,54	8,0	-	5,8
	1964	-0,9	-1,1	4,5	12,2	4,0	-8,2	0,14	1,04	5,2	255,8	6,1
	1965	0,2	-1,2	4,7	13,6	5,6	-7,9	0,27	1,89	4,4	266,6	6,8
	1966	-2,7	-8,2	6,5	17,9	6,6	-11,3	0,27	1,32	2,8	271,1	10,7
2º Plano	1967	-4,4	4,1	8,1	20,7	7,6	-13,1	0,35	1,67	2,3	270,5	15,1
	1968	-8,2	8,1	7,2	24,5	9,0	-15,5	0,38	1,54	2,0	276,7	22,9
	1969	-8,1	8,2	8,1	24,3	9,7	-14,6	0,30	1,09	1,7	288,3	27,7
	1970	-7,6	7,8	7,4	22,0	10,8	-11,2	0,37	1,52	1,0	310,6	28,0
	1971	-8,9	8,8	6,0	22,9	11,9	-11,0	0,32	1,27	0,5	347,7	30,8
3º Plano	1972	-3,4	3,1	6,8	20,8	15,5	-5,3	0,47	2,24	-	392,92	33,5
	1973	-2,2	2,1	7,9	27,8	23,7	-4,1	0,59	2,35	-	398,33	31,3
	1974	-10,4	10,2	5,4	33,1	23,2	-9,9	0,53	1,67	-	404,53	31,4
	1975	-8,7	9,7	7,1	30,8	23,1	-7,7	0,72	2,51	-	484,00	39,6
	1976	-1,1	1,9	9,9	28,2	26,2	-2,0	0,52	1,97	-	484,00	36,2
4º Plano	1977	0,0	0,1	11,2	27,5	26,2	-1,2	0,28	1,00	-	484,00	33,9
	1978	-2,0	2,6	9,2	27,0	23,7	-3,3	0,19	0,60	-	484,00	28,3
	1979	-6,5	7,0	8,9	29,7	22,9	-6,8	0,20	0,57	-	484,00	32,4
	1980	-10,5	9,7	10,1	33,2	23,1	-10,1	0,16	0,50	-	607,44	43,3
	1981	-8,9	6,8	9,5	33,4	24,9	-8,6	0,15	0,51	-	681,27	46,3
5º Plano	1982	-7,1	5,8	9,0	29,7	21,5	-8,2	0,10	0,33	-	731,49	46,6
	1983	-4,0	4,2	7,9	26,9	21,8	-5,0	0,09	0,29	-	776,15	48,8
	1984	-1,8	1,7	7,9	25,5	23,1	-2,4	0,13	0,41	-	806,00	47,2
	1985	-2,1	3,9	7,7	23,0	20,7	-2,2	0,26	0,85	-	870,53	49,6
	1986	2,4	-2,7	6,9	25,1	27,0	1,8	0,41	1,41	-	881,33	41,0
6º Plano	1987	6,0	-7,7	6,3	25,8	29,9	4,1	0,45	1,50	-	822,41	26,1
	1988	6,6	-7,0	6,3	23,6	28,6	4,9	0,48	1,56	-	730,53	17,1
	1989	1,7	-2,3	6,3	22,6	23,8	1,2	0,34	1,02	-	671,38	13,2
	1990	-0,9	1,3	5,3	22,6	21,4	-1,2	0,31	0,84	-	707,97	12,5
	1991	-2,3	2,2	4,2	22,8	20,7	-2,1	0,41	1,04	-	733,60	13,3
	Médias											
1º PQ	1962-1966	-2,2	-2,7	5,5	15,5	4,3	-11,2	0,16	1,00	6,1		6,7
2º PQ	1967-1971	-7,4	7,4	7,4	22,9	9,8	-13,1	0,34	1,42	4,54		24,9
3º PQ	1972-1976	-5,2	5,4	7,5	28,1	22,3	-5,8	0,57	2,15	3,34		34,4
4º PQ	1977-1981	-5,6	5,2	9,8	30,2	24,2	-6,0	0,20	0,64	2,64		36,8
5º PQ	1982-1986	-2,5	2,6	7,9	26,0	22,8	-3,2	0,20	0,66	1,96		46,6
6º PQ	1987-1991	2,2	-2,7	5,7	23,5	24,9	1,4	0,40	1,19	1,50		16,4
	1961-1991	-3,3	2,3	7,3	24,0	17,5	-6,5	0,3	1,2	1,3		26,9
	1953-1991	-3,4	2,0	7,4	22,2	14,2	-7,9	0,31	1,18	1,07		26,2

Fonte: Chung (2007); Korea Statistical Yearbook (diversos anos); Bank of Korea Economic Statistic System.

Nota: Existe uma descontinuidade metodológica na apuração dos valores da "Conta Capital e Financeira". Até 1979, os dados referem-se a conta "Capital and Monetary Gold" encontrada nos demonstrativos de Balança de Pagamentos dos Korea Statistical Yearbook. De 1980 em diante, os dados se referem a conta "Financial Account" da Balança de Pagamentos extraída do Bank of Korea Economic Statistic System.

Analizados os resultados em Conta Corrente por Plano Quinquenal veremos que no Primeiro Plano (1962-1966) o déficit em Conta Corrente foi, em média, de 2,2% do PIB ao ano. O Segundo Plano (1967-1971) foi o que apresentou maior média de déficits: 7,4% do PIB ao ano. Nos Planos seguinte o déficit foi reduzido para 5,2 e 5,6% em média no Terceiro (1972-1976) e Quarto Plano (1977-1981), respectivamente. O Quinto Plano (1982-1986) fez diminuir a média dos déficits em Conta Corrente: 2,5% do PIB ao ano. O Sexto Plano (1987-1991) foi o único que logrou alcançar superávit médio: 2,2% do PIB ao ano.

A seguir investigamos quais foram os fatores determinantes que influíram na trajetória da balança de pagamentos da Coréia do Sul. Começaremos analisando a balança comercial do país. A balança comercial é o registro das importações e exportações de bens e serviços de um país. Para iniciar a discussão sobre a balança comercial, apresentaremos um breve panorama da evolução do comércio internacional durante esse período.

#### 4.1. O COMÉRCIO INTERNACIONAL E A CORÉIA DO SUL

Entre 1950 e 1990 houve grande crescimento no comércio internacional<sup>77</sup>. As relações comerciais entre países tiveram um aumento considerável a partir da década de 50. Entre 1950 e 1973 o volume de mercadorias exportadas aumentou em média 7,88% ao ano e entre 1973 e 1998 aumentou 5,07% ao ano (MADDISON, 2001, p. 127). Foi uma expansão muito maior do que a registrada entre 1913 e 1950, quando o volume de mercadorias transacionadas entre os diversos países do mundo cresceu em média apenas 0,9% ao ano.

Dados da World Trade Organization mostram que entre 1961 e 1976 o valor total das exportações no mercado mundial registrou crescimento médio anual de 14,67% - muito superior ao crescimento médio do PIB mundial durante o mesmo período que foi de 4,83% ao ano<sup>78</sup>. Durante o mesmo período as importações coreanas tiveram crescimento médio de 27,3% ao ano, ao passo que as exportações cresceram em média 42,88% ao ano. Entre 1977 e 1991, o crescimento médio anual das exportações mundiais de bens arrefeceu, mas continuou crescendo a taxas maiores do que o crescimento médio do PIB mundial: 9,19% ao ano em média contra um crescimento do PIB de 3,16%. Na Coréia, neste mesmo período, as importações cresceram, em média, 16,69% ao ano, e as exportações, 16,5%. Entre 1961 e 1991 as importações coreanas cresceram quase o dobro do que a média mundial enquanto as exportações cresceram quase três vezes mais do que as exportações mundiais.

---

<sup>77</sup> Os dados sobre economia mundial dessa seção são do excelente estudo em estatísticas econômicas históricas de Angus Maddison (2001) publicado pela OCDE, da World Trade Organization Statistical Database (<http://stat.wto.org/>) e do World DataBank (<http://databank.worldbank.org/>). Os dados são calculadas a partir de valores correntes, a não ser quando declarado em contrário.

<sup>78</sup> Os dados sobre PIB mundial são do sistema de estatísticas do Banco Mundial (World DataBank).

Dados fornecido pelo World Databank mostram que entre 1961 e 1991 as exportações coreanas, calculadas a valor constante pelo dólar de 2005, cresceram em média 19,71% ao ano, ao passo que as importações cresceram 16,67% durante o mesmo período. Entre 1961 e 1973, as exportações cresceram em média 30,56% ao ano enquanto as importações cresceram 22,48%. Já entre 1974 e 1991 o ritmo do crescimento das exportações caiu bastante e as importações passam a crescer num ritmo um pouco mais acelerado: 12,49% ao ano para as exportações contra 12,79% das importações.

As exportações mundiais de bens como proporção do PIB mundial também subiram consideravelmente. Os dados de Maddison (2001), calculados em preços constantes pelo dólar de 1990, mostram que em 1913 as exportações correspondiam a 7,9% do PIB mundial. Em 1950, essa relação cai para 5,5% indicando que o crescimento do PIB mundial, entre 1913 e 1950, foi superior ao crescimento do total exportado no mesmo período. Já em 1973 as exportações passam a corresponder por 10,5% do PIB mundial e em 1998, a 17,2%.

Os dados do World DataBank, calculados em valores correntes, apresentam cifras diferentes, mas que ainda assim apontam a tendência de crescimento da relação exportações/PIB. Em 1961 as exportações totalizavam 9,5% do PIB mundial, 12,6% em 1973 e em 1987 alcançaram 14,75% do PIB mundial. Esses dados demonstram uma tendência a elevação no grau de integração econômica entre os países<sup>79</sup>. Na Coreia do Sul as exportações de bens e serviços correspondiam a 6,3% do PIB em 1961, abaixo, portanto, da média mundial. Em 1973, na vigência do Terceiro Plano Quinquenal, que iniciou a industrialização pesada e químicos, as exportações já correspondiam a 29,7% do PIB do país. Em 1987, o valor das exportações chegou a incríveis 41,1% do PIB sul-coreano. Por outro lado, as importações representavam 14,9% do PIB em 1961, 33,5% em 1973 e 35,3% do PIB em 1987.

É importante também considerar a participação das importações e exportações da Coreia no mercado mundial. Em 1961, as importações coreanas correspondiam a 0,22% do total das importações no mundo, ao passo que as exportações representavam apenas 0,03% das exportações mundiais. Já em 1991,

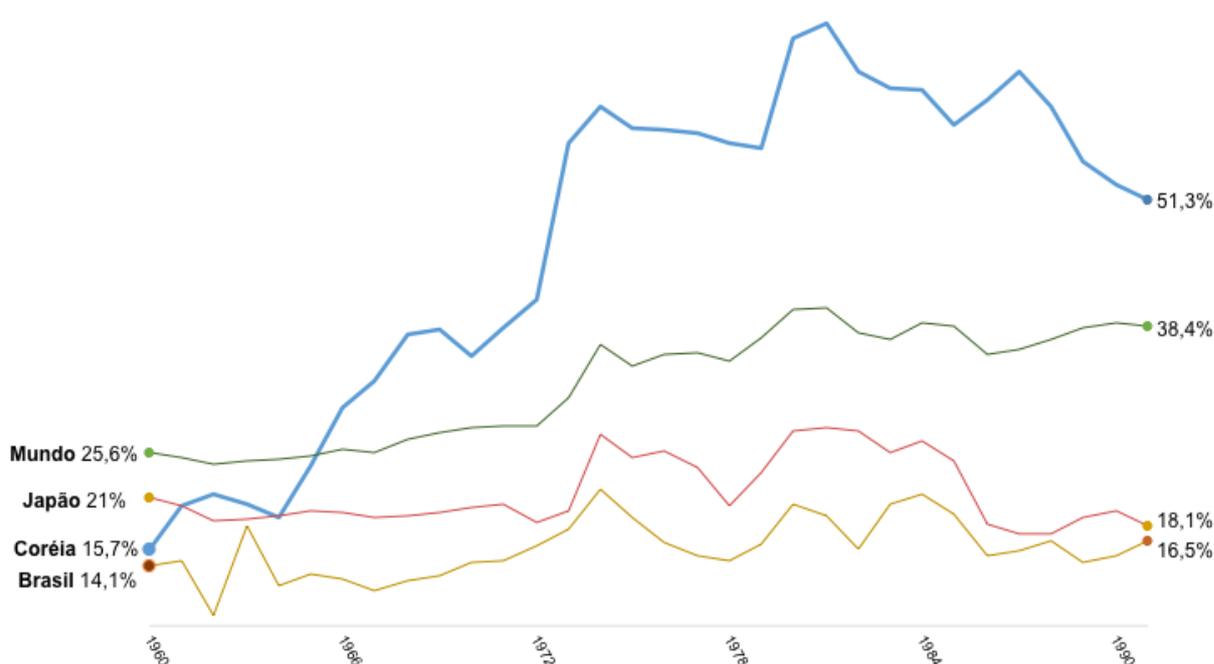
---

<sup>79</sup> Ver também Palma (2009)

as importações coreanas correspondiam 2,25% das importações mundiais, enquanto as exportações respondiam por 2,05% das exportações mundiais.

Assim, a Coréia do Sul ampliou substancialmente a participação do comércio de bens e serviços em relação ao PIB do país. Enquanto países como Japão e Brasil mantiveram a relação comércio exterior/PIB constante entre 1961 e 1991 (Gráfico 2), a Coréia ampliou consideravelmente o nível de comércio exterior em relação ao PIB.

**Gráfico 2 - Comércio Exterior (% do PIB) (1960 - 1991)**



Fonte: World Development Indicators (2015).

Esses dados demonstram que o aumento do comércio internacional da Coréia superou a tendência de aumento do comércio internacional. Ainda que o comércio internacional tenha se expandido consideravelmente nesse período, os números demonstram claramente que a dimensão do crescimento do comércio internacional da Coréia do Sul foi bastante superior. Os números, portanto, sugerem que a política agressiva, orientada pelo Estado, de inserção no mercado internacional obteve sucesso.

Seguiremos agora para analisar aspectos da balança comercial da Coréia, através da evolução da pauta de exportação e importação, dos principais parceiros

comerciais e outros dados relevantes. A análise desses itens dará informações qualitativas sobre como essa inserção no mercado internacional ocorreu.

## 4.2. BALANÇA COMERCIAL

Começaremos a análise da balança comercial através da exposição de aspectos referentes as exportações. Posteriormente verificaremos as importações, depois os saldos da balança comercial e, por último, os principais parceiros comerciais da Coréia durante esse período.

### 4.2.1. EXPORTAÇÕES

Em 1961 as exportações coreanas respondiam por 1,9% do PIB (Tabela 3). A partir do Primeiro Plano Quinquenal (1962-1966) começam a ganhar relevância, atingindo 6,6% do PIB no último ano do Plano. Entre 1970 e 1976 elas passam de 10,8% do PIB para 26,2%. Se no Segundo Plano (1967-1971) as exportações correspondiam à 9,8% do PIB, no Terceiro Plano (1972-1976) elas passaram a corresponder, em média, à 22,3% do PIB. A participação das exportações no PIB coreano continuaria a subir pelos planos seguintes – médias de 24,2% ao ano no Quarto Plano (1977-1981). O Quinto Plano Quinquenal (1982-1986) registrou exportações médias inferiores às do Quarto Plano (22,8% do PIB). Mas no último ano do Quinto Plano as exportações atingiriam o maior valor da série até então (27%). Os dois primeiros anos do Sexto Plano (1987-1991) apresentaram exportações de 29,9% (o maior da série histórica analisada) e 28,6% do PIB. Com esses dois resultados, mesmo registrando exportações inferiores nos anos seguintes, o Sexto Plano logrou obter a maior média de participação das exportações dentre todos os Planos: 24,9% do PIB.

É possível observar modificações na pauta de exportações da Coréia ao longo dos trinta e um anos analisados<sup>80</sup>. Conforme vimos anteriormente, o processo de industrialização respeitou etapas tecnológicas. Iniciou por setores de pouca

---

<sup>80</sup> Ver Apêndice A.

tecnologia e trabalho intensivo e, posteriormente, atingiu setores de tecnologia avançada e capital intensivo. Em alguma medida, essa experiência se reflete na pauta de exportações da Coreia do Sul.

Em 1961 o item 2 da pauta de exportação<sup>81</sup>, “Matérias-primas Não Comestíveis”, respondia por 51,27% do total das exportações do país. “Matérias-primas Não Comestíveis” são basicamente matérias-primas, bens primários não comestíveis como borracha, madeira, fibras têxteis, minérios metálicos, couro, peles, sementes oleaginosas etc. Em suma, produtos alimentares e commodities primárias de baixo valor agregado. No mesmo ano, o item 0, “Alimentos e Animais Vivos”, correspondia a 21,89% da pauta de exportações. Esses dois itens tiveram participação significativa na pauta de exportação pelo menos até 1968, quando juntos representaram 23,28% das exportações do país.

Todavia, se observa uma crescente participação dos produtos manufaturados intensivos em trabalho já na metade da década de 1960. Em 1961, o item 6, “Bens Manufaturados” correspondia apenas a 9,79% das exportações do país. O item 8, “Artigos Manufaturados Diversos” – que inclui artigos de vestuário e acessórios como bolsas, sapatos, tênis, aparelhos fotográficos e instrumentos óticos, mobiliários, aparelhos médicos e veterinários, etc. –, representava apenas 1,94% das exportações. Em 1965 o item 6 e o item 8 eram responsáveis por 37,93% e 19,7%, respectivamente, das exportações. Portanto, as manufaturas, já em 1965, respondem por mais da metade das exportações do país. Destaque para a indústria têxtil<sup>82</sup> e para a indústria de manufaturados de madeira que naquele ano corresponderam a 26,87% e 10,41% das exportações do país, respectivamente.

Esses dados mostram que a Coreia conseguiu transformar sua pauta de exportação rapidamente na primeira metade da década de 1960. Em apenas quatro anos os artigos primários, que representavam 73,16% do total de exportações em 1961, perdem participação para artigos manufaturados de baixa tecnologia e intensivos em trabalho. A indústria têxtil foi, sem dúvida, um dos setores líderes

---

<sup>81</sup> A numeração que identifica os tipos de produtos segue a classificação da Standard International Trade Classification (SITC). Os termos foram traduzidos para o português.

<sup>82</sup> A indústria têxtil está dividida entre o item 6 e o item 8 da classificação da SITC. Em 65 temos os produtos manufaturados “textile yarn, fabrics, made-up articles and related products”. No item 84 encontramos “Articles of apparel and clothing accessories”. Em 84 estão relacionados os produtos finais da indústria têxtil, roupas, bolsas e acessórios. O item 65 está mais relacionado a produtos têxteis intermediários, como fios, tecidos, artigos confeccionados. Assim, os artigos constantes no item 84 aparentemente tem maior valor adicionado do que os do 65. Doravante, a não ser que mencionado em contrário, “Indústria têxtil” será a soma dos itens 65 e 84.

dessa mudança. O seu desempenho durante esse período reflete os objetivos do Primeiro Plano Quinquenal que privilegiou indústrias de bens de consumo, em especial a indústria têxtil. O setor iria atingir o seu pico em 1971, quando alcançou 41,41% das exportações do país – sendo 28,5% referente ao item 84<sup>83</sup>. Nesse mesmo ano, a indústria de calçados passa a figurar com alguma relevância na pauta de exportações (3,51%). Nos próximos vinte anos, o setor calçadista representaria, em média, 4,7% das exportações do país, em um nível mais ou menos constante.

A partir do Terceiro Plano Quinquenal (1972-1976), o item 7 dos registros de exportação, “Maquinários e Equipamentos de Transporte”, passaria a ganhar relevância. O item 7 corresponde a artigos de tecnologia mais avançada do que as manufaturas dos itens 6 e 8. São equipamentos para indústrias metalúrgica, maquinário têxtil, agrícola, equipamentos para processamento de comida, equipamentos de engenharia, motores elétricos, equipamentos de geração de energia, etc. São, portanto, tanto bens de consumo durável como bens de capital. Conforme vimos anteriormente, o Terceiro Plano é caracterizado pela promoção das “Heavy and Chemical Industries” (HCI). Em 1971, “Maquinários e Equipamentos de Transporte” representava 8,19% do total das exportações do país. No último ano do Terceiro Plano (1976), mais do que dobra a sua participação, passando a responder por 17,92% das exportações coreanas. A partir do Terceiro Plano a indústria naval sul coreana começa a adquirir relevância na pauta de exportações do país. Em 1972, a exportação de barcos, embarcações e estruturas flutuantes<sup>84</sup> representava apenas 0,04% das exportações do país. Ao final do Plano, em 1976, viria a ser um dos principais itens da pauta, chegando a participação de 3,59%. Ao longo dos anos seguintes cresceria sua participação até atingir o pico em 1985 quando correspondeu a 16,64% do total das exportações coreanas, tornando-se um dos principais itens da pauta de exportação do país. A principal empresa do setor naval coreano era a Hyundai Heavy Industries (HHI), subsidiária do Grupo Hyundai<sup>85</sup>. Segundo Amsden (1989, p. 270) a indústria naval coreana detinha 2,5% do market share mundial em 1976. Em 1986 o país já detinha 18,9% do total de encomendas de navios mundiais, perdendo apenas para o Japão, país com longa tradição no setor que, no mesmo ano, detinha 37,1% das encomendas mundiais.

---

<sup>83</sup> Ver nota de rodapé 84.

<sup>84</sup> Item número 793 pela SITC. Está compreendido dentro de 79, “Equipamentos de Transporte”.

<sup>85</sup> O desenvolvimento da Hyundai Heavy Industries e sua história na produção de navios e embarcações é longamente discutido no capítulo 11 do livro de Alice Amsden (1989).

Ainda que o Terceiro Plano tenha dado especial atenção a indústria química, o reflexo em termos de exportação não foi muito significativo. Em 1972, os produtos derivados da indústria química representavam 2,21% das exportações da Coreia e mantiveram-se estáveis até 1980, quando atingiram 4,31% - o segundo maior pico da série histórica. Esse dado sugere que a indústria química não foi constituída para exportação, mas direcionada a suprir a necessidade da indústria nacional a medida que esta avançava a sua produção para produtos de tecnologia mais complexa, necessitando de bens intermediários mais específicos. A indústria química parece ter cumprido essa finalidade.

O final da década de 1970 e o início da década de 1980 é caracterizado pela consolidação das exportações de bens de capital e bens de consumo durável – principalmente equipamentos de transporte. A partir de 1985, equipamentos de telecomunicação e som ganham relevância alcançando 10,53% das exportações em 1987. A exportação de maquinário industrial também avança até alcançar o valor máximo no ano de 1991 quando respondeu por 13,07% das exportações.

A análise da evolução da pauta de exportações sugere a existência de três fases, cada uma caracterizada por tipos de produto que requerem o emprego de diferentes graus de tecnologia. Entre 1961 e 1965 houve a predominância absoluta de artigos agrícolas, matérias primas e bens intermediários. Entre 1966 e 1982, a predominância de bens de consumo durável, que empregam uma tecnologia superior e que exigem maior proporção de capital e escala produtiva. O processo de transformação de uma economia baseada em recursos naturais para uma economia de manufaturados foi extremamente rápido. A partir de 1983 até 1991, bens de capital assumem uma parcela considerável na pauta de exportação. Com isso a pauta de exportações do país se diversifica, mas prepondera os artigos de tecnologia intensiva como equipamentos de telecomunicação, transportes e outros manufaturados de alto valor agregado. Segundo Chung (2007) a exportação de manufaturados subiu sua participação na pauta de exportação de 50% em 1964 para 85% em 1977 para 90% em 1985. Chung ainda observa que em 1965 as exportações da indústria leve representavam 48% do total das exportações enquanto as exportações da indústria pesada representavam apenas 15%. Já em 1985, a participação da indústria leve e da indústria pesada e química no total das exportações era praticamente idêntico.

Uma característica da economia coreana ressaltada por alguns autores é a flexibilidade do setor exportador em responder as variações da demanda internacional. A flexibilidade é resultado do alto grau de diversificação dos bens produzidos pelo parque industrial coreano. A capacidade dos grandes conglomerados empresariais em avançar sobre diferentes tipos de produtos, assumindo riscos que médias e pequenas empresas não poderiam, proporcionou que as indústrias pudessem se adaptar a evolução do padrão de comércio internacional daquele período, caracterizado pela hipersegmentação dos mercados. Palma (2009) sugere que uma alteração na estrutura da demanda dos países da OCDE favoreceu o sucesso dos países do leste asiático e, em especial, da Coreia. Palma mostra que entre as décadas de 1960 e 1990, os países da OCDE reduziram, proporcionalmente, sua demanda por produtos de commodities primárias e petróleo (itens 0, 1, 2 e 4 da SITC) de 41% do total importado em 1963 para pouco mais de 11% em 1990. Enquanto a importação de manufaturados manteve-se estável (item 6 da SITC), a importação de máquinas e equipamentos de transporte (item 7) cresceu de 18% em 1963 para aproximadamente 35% em 1990. Além disso, Palma (2009) demonstra que, nos países da OCDE, a taxa de crescimento da participação de produtos com alto emprego de tecnologia nas importações aumentou em mais de 300% entre 1963 e 2000. A participação da demanda por carros aumentou 160% no mesmo período enquanto os produtos primários tiveram sua participação diminuída em 71%. Nesse sentido, a indústria coreana apresentou uma extraordinária capacidade de se ajustar a essa alteração estrutural de demanda, perseguindo constantemente progresso tecnológico, o que teve claro reflexo na pauta de exportações conforme vimos anteriormente. “In fact”, escreve Palma (2009, p. 12), “one could argue that the real comparative advantage acquired by East Asia during this period was not on a set of products, but on learning how to develop a flexible export productive capacity”.

#### 4.2.2. IMPORTAÇÕES

Em 1961 as importações coreanas correspondiam a 12,9% do PIB do país (Tabela 3). A média de importações do Primeiro Plano Quinquenal (1962-1966) foi de 15,5%. A partir de 1967 as importações começam a ganhar maior relevância na

economia, atingindo 20,7% do PIB naquele ano e 24,5% em 1968. As importações se mantiveram mais ou menos estáveis até 1973 quando pulam para 27,8% do PIB e, no ano seguinte, chegam a 33,1% do PIB. A partir deste ano, elas declinam até 1979, quando atingem 29,7% do PIB. Em 1980 salta novamente para 33,2% e 33,4% do PIB no ano seguinte – a maior relação da série analisada. A partir de 1981, as importações como proporção do PIB caem paulatinamente até estabilizarem em 1985. Em 1986 e 1987 elas corresponderam a 25,1 e 25,8% do PIB. No último Plano Quinquenal (1987-1991) ela corresponderam, em média, a 23,5% do PIB. Se analisarmos as médias das importações por Plano Quinquenal, podemos observar que elas cresceram sua participação constantemente desde o Primeiro Plano até o Quarto Plano (1977-1981). A partir do Quarto Plano, a participação das importações cai sucessivamente até atingir os 23,5% do último Plano.

É possível observar uma mudança no perfil da pauta de importações da Coreia do Sul entre 1961 e 1991<sup>86</sup>. Identificamos a existência de três fases. Essas fases se distinguem pelo grau de tecnologia dos produtos predominantes da pauta de importação e pela destinação e função que esses produtos tiveram no processo produtivo interno.

No início dos anos sessenta, os principais itens da pauta de importação do país eram fertilizantes, cereais e fibras têxteis - doravante referidos como GRUPO 1. Esses itens possuem baixa tecnologia e, com exceção dos cereais, eram utilizados como bens intermediários na produção de alimentos e na indústria têxtil.

Entre 1967 até 1991, há a predominância da importação de máquinas e equipamentos de transporte – item 7 na classificação da SITC. Entretanto, durante o intervalo entre 1974 e 1984 outro grupo de produtos compete *pari passu* com a importação de maquinário: petróleo e químicos<sup>87</sup> (exceto fertilizantes) – doravante referidos como GRUPO 2.

No início da década de 1960 o GRUPO 1 foi o principal conjunto de importados da Coreia. A soma desses itens correspondeu a 41,92% das importações totais do país em 1964. Entre 1961 e 1966, a participação do GRUPO 1 na pauta de importações nunca foi menor do que um terço do total. Em 1967, a

---

<sup>86</sup> Ver Apêndice B.

<sup>87</sup> Item 5 pela classificação da SITC, “Produtos Químicos”, compreende produtos químicos orgânicos e inorgânicos, materiais de tingimento e coloração, fertilizantes e adubos, medicamentos e produtos farmacêuticos, plásticos em forma primária e não primária, óleos essenciais, resinoides etc.

soma da importação desses itens despenca para 20,16% das importações totais. Em parte, essa diminuição é resultado da forte queda das importações de fertilizantes. Entre 1962 e 1966, a importação de fertilizantes correspondia, em média, a 12,75% das importações totais. Em 1966, ela correspondeu a 12,41% e em 1967 cai para apenas 4,41% e no ano seguinte, 1968, cai novamente para 2% do total das importações. Não houve só uma redução relativa, mas uma redução brusca nos valores absolutos e nas quantidades importadas de ureia e fertilizantes fosfatados. Entre 1966 e 1967 houve uma queda de 50% no valor absoluto da importação de fertilizantes. Entre 1969 e 1991 a importação de fertilizantes correspondeu em média a 0,32% do total de importações do país. Esses dados sugerem que o Primeiro Plano Quinquenal, na medida em que deu ênfase, entre outras coisas, ao processo de substituição de importações nesse setor em particular teve considerável sucesso.

A partir de 1967 a importação de máquinas e equipamentos de transporte passa a ser preponderante. Em 1961, o item 7, “Maquinários e Equipamentos de Transporte”, correspondia a 16,54% do total importado. Até 1966, correspondeu em média a 18,82% das importações. Mas em 1967, salta para 31,14%. Entre 1967 e 1991 o item 7 responderia em média por 30,42% das importações do país, sendo 1967 e 1988 os picos quando atingiu 36,79% e 35,21%, respectivamente, do total importado.

Curioso notar que o item 793, “Navios, Embarcações e Outras Estruturas Flutuantes”, teve participação importante nas importações do país entre 1983 e 1985, a despeito do ingresso da Coreia na produção desses bens. Neste último ano, chegou a 11,11% do total das importações da Coreia – praticamente um terço do total do item Máquinas e Equipamentos de Transporte. Alice Amsden (1989, p. 271) explica que as empresas de transporte marítimo coreanas frequentemente importavam suas frotas ao invés de comprar navios e embarcações coreanas. Segundo a autora, as empresas importavam navios e barcos usados, com entrega mais rápida e com condições financeiras de compra mais atraentes. Segundo Amsden, no início da década de 1980, 80% da demanda interna por navios e embarcações era abastecida por importações.

Todavia, o predomínio de maquinários e equipamentos de transporte na pauta de importações é ameaçado pelo aumento da participação do GRUPO 2 entre 1974 e 1984. A importação de químicos durante esse período correspondeu em

média a 8,99% das importações anuais da Coreia. Mas o fator predominante da ascendência da participação do GRUPO 2 é o aumento da participação do petróleo na pauta de importações. Em 1973, a importação de petróleo correspondeu a 7,02% do total de importações. No ano seguinte, salta para 14,93%. Em termos absolutos e em valores constantes, a importação de petróleo salta de U\$297 milhões de dólares em 1973 para U\$1.022 milhões em 1974. Entre 1974 e 1979, a importação de petróleo correspondeu em média a 17,31% das importações anuais da Coreia. Em 1980 há um novo salto: de 16,84% em 1979 para 27,75% em 1980. Entre 1980 e 1985 a importação de petróleo correspondeu, em média, a 24,46% do total das importações anuais do país. A partir de 1986, a participação do petróleo despencou e até o ano de 1991, corresponderá em média por 11,1% das importações anuais do país. Esse movimento não significa um aumento proporcional na quantidade importada. Ele é consequência do primeiro (1973) e do segundo choque do petróleo (1979). Esses dois eventos resultaram num grande aumento do preço do produto. Em 1973 o preço médio do barril de petróleo era de aproximadamente U\$3, passou para U\$11 no ano seguinte. Manteve-se constante até 1979, no Segundo Choque do Petróleo, quando novamente dispara, atingindo U\$29 dólares por barril. O preço então manteve-se nesse nível até 1986 quando volta para um patamar inferior, alcançando aproximadamente U\$13. Conforme vimos, essa variação de preços tem impacto considerável na pauta de importações da Coreia do Sul.

Existem ainda outros aspectos importantes a serem destacados da análise da pauta de importações da Coreia. A participação da importação de bens manufaturados na pauta de importações passou por três fases. Durante os três primeiros Planos Quinquenais (ou seja, entre 1962 e 1976) correspondeu em média a 15,48% das importações totais. Nos dois Planos seguintes (1977-1981 e 1982-1986) alcançou médias de 12,82 e 12,12% respectivamente. No último plano, voltou para o patamar anterior, correspondendo a 15,6% das importações totais. Ao longo de todo o período (1961-1991) correspondeu em média a 14,43% das importações anuais. O item 2 da SITC, "Matérias-primas Não Comestíveis", tem tendência declinante ao longo do período. Atinge o pico em 1964, quando correspondeu a 24% do total das importações. De lá declina lentamente até atingir a importância de 10,92% em 1991, o menor da série analisada. O item 5, "Produtos Químicos", quando excluído o item 56, "Fertilizantes Manufaturados", tem importação mais ou menos estável por todo período, com leve tendência a crescimento. Entre 1962 e

1974, correspondeu em média a 7,37% das importações. Já no período entre 1975 e 1991, a média sobe para 9,47%. Esse dado reforça ideia expressa na seção anterior de que a indústria química incentivada pelo governo coreano durante os anos 1970 não teve tanto impacto no comércio exterior.

A natureza dos bens importados também se altera. Desde o início da década de 1960, a uma redução na importação de bens de consumo, enquanto bens intermediários e bens de capital tem sua participação aumentada. Segundo Chung (2007) a participação de bens de consumo no total das importações cai de 24,1% em 1962 para 9,8% em 1986. Já a importação de máquinas, equipamentos de transporte e bens de capital representaram 32% do total das importações em 1985.

#### 4.2.3. SALDO DA BALANÇA COMERCIAL

Conforme vimos anteriormente, o governo coreano adotou um modelo de industrialização que privilegiava empresas exportadoras. Isso pode sugerir que a balança comercial apresentasse uma inclinação a gerar superávits, isto é, que existisse uma tendência de que o valor total das exportações extrapolasse o valor total das importações. Entretanto, não é isso o que podemos observar. Ainda que as exportações tenham de fato crescido, as importações também cresceram consideravelmente.

Durante os trinta e um anos compreendidos entre 1961 e 1991, em apenas quatro anos a Coreia atingiu superávit na balança comercial (Tabela 3). Entre os anos de 1986 e 1989, o país logrou atingir os únicos superávits comerciais de toda a série. Considerando que a política de industrialização por exportações teve início em 1961, de fato poder-se-ia esperar que os resultados dessa política exportadora tivessem um tempo de carência para surgir efeito, principalmente no saldo da balança comercial. O que se observa é que já durante o Primeiro Plano Quinquenal (1962-1966) há uma clara tendência de crescimento até 1977 das exportações em proporção do PIB. Ocorre que essa tendência também é acompanhada pelas importações. Aparentemente, os saldos positivos da balança comercial ocorrem porque, após atingirem o nível máximo em 1981, as importações, medidas em proporção do PIB, começam a declinar e estabilizar sua participação a partir da metade da década de 1980. Já as exportações crescem até 1976 e depois começam

a declinar. Mas a partir de 1986 as exportações voltam a crescer. Em 1987 elas corresponderam a 29,9% do PIB – o maior valor da série histórica. Entre 1980 e 1985 os déficits em balança comercial diminuem até a ocorrência do primeiro superávit em 1986. O superávit de 1986 foi de 1,8% do PIB e de 4,1% em 1987. Em 1988, o superávit comercial atinge a proporção de 4,9% do PIB, o maior da série histórica. Em 1989 ocorre o último superávit dessa série (de 1,2% do PIB). A partir de 1990, a Coréia volta a apresentar déficits (2,1% do PIB em 1991).

Os resultados da balança comercial da Coréia refletem uma questão interessante da estratégia de desenvolvimento do país. Ainda que as exportações tenham crescido em ritmo acelerado, as importações também cresceram resultando em déficits consecutivos até 1985. A explicação se deve em parte a necessidade histórica de importação de recursos naturais, em especial de petróleo e insumos necessários para a produção industrial. A importação de máquinas e equipamentos também registraram crescimento já nos primeiros anos do projeto desenvolvimentista a medida que a industrialização do país avançava por setores capital intensivo. A forma como o governo utilizou os instrumentos de política econômica também respondem pelo crescimento das importações. Ainda que o governo tenha imposto barreiras às importações, as restrições eram abrandadas para as indústrias de exportação, pois necessitavam importar máquinas, equipamentos e matérias-primas para produção<sup>88</sup>. Song (2003, p.125) comenta que “because Korean manufacturers rely heavily on foreign raw materials and machinery, the import of these items was crucial for manufacturing firms”. Ou ainda como aponta Chung:

South Korea's trade pattern thus clearly shows that the earnings from exports were used to purchase the machinery and equipment needed to expand industrial capacity and pay for the imported raw materials used to manufacture exports. In this way, relatively abundant labor was exchanged, in effect, for relatively scarce capital goods and raw materials. (CHUNG, 2007, p. 31-32)

Já entre 1986 e 1989, quando do início do processo de liberalização e com uma base industrial bem estabelecida, a dependência das importações era menor.

---

<sup>88</sup> “Korean growth was accompanied by a balance-of-payments deficit until 1985. This was caused to some extent by Korea's resource poverty, but was principally due to the policy of allowing exporting firms to import raw material, parts, and machinery required for the production of export goods on a large scale. This has been called a ‘negative import substitution policy’. (SONG, 2003, p. 89)

Além disso, o preço do petróleo e de outros recursos naturais estavam baixos no mercado internacional, o que reduziu consideravelmente o custo das importações. Song (2003) justifica que os superávits do final da década de 1980 são resultado de condições internas e externas. As condições internas seriam as reformas econômicas que começaram a ocorrer no início da década, cujos principais objetivos eram reduzir a inflação e aumentar a eficiência das firmas para competir no mercado externo. De fato, o Quinto Plano Quinquenal teve como um dos principais objetivos a redução da inflação. E o governo obteve sucesso nesse ponto. Depois de uma longa série de inflação acima dos dois dígitos e, principalmente, com os picos de inflação após os dois choques do petróleo, o governo logrou reduzir a taxa de inflação de 21,5% ao ano em 1981 para apenas 7,1% em 1982 e 3,4% em 1983 (ver Tabela 1 no capítulo anterior). A média da inflação entre os quatro primeiros Planos foi de 16,1% ao ano. No Quinto Plano Quinquenal a taxa de inflação média cai para 3,6% ao ano. Segundo Song, a estabilidade de preços aliada com reformas liberalizantes do início dos anos 1980 – que incluíram a privatização de alguns bancos e empresas públicas, a diminuição de restrições de importação<sup>89</sup> e outras medidas institucionais como o Fair Trade Act – tornaram as empresas sul coreanas mais competitivas no mercado externo, ajudando a tornar o saldo da balança comercial positivo.

Korea's import liberalization ratio was 68,6 per cent in 1980, but increased to 94,8 per cent by the time of the 1988 Seoul Summer Olympics. The government also liberalized foreign investments through a 'negative list' system under which the industries not on the negative list were opened to foreign investment". (SONG, 2003, p. 242).

Song (2003) ainda destaca fatores externos que contribuíram para a ocorrência de superávits no final da década de 1980. Segundo o autor, os "three lows", isto é, os baixos preços do petróleo e outros recursos naturais, dos juros internacionais e baixo preço do dólar criaram condições favoráveis, em comunhão com os fatores internos, para a ocorrência dos superávits. Kang (2007) também ressalta o impacto do Plaza Accord, de 1985, que apreciou o *yen* japonês em relação ao *won* sul coreano, melhorando os termos de troca coreano. Com isso, alguns produtos coreanos conseguiram conquistar mercados que antes eram abastecidos por produtos japoneses.

---

É possível analisar item por item da pauta de exportações e importações quais categorias de bens tiveram saldo positivo ou saldo negativo. O item 0 da classificação SITC, “Alimentos e Animais Vivos”, tem saldo líquido negativo ao longo de toda a série entre 1961 e 1991, com exceção dos anos 1977 e 1978 e o período entre 1986 e 1988 – anos cujo saldo da balança comercial foi positivo. O item 2 na classificação da SITC, “Matérias-primas Não Comestíveis”, e o item 3, “Combustíveis e Lubrificantes Minerais”, são itens deficitários da balança comercial coreana ao longo de todo o período entre 1961 e 1991. Esse dado demonstra claramente a condição de importador de matérias-primas e produtos primários. O item 5, “Produtos Químicos”, também é deficitário ao longo de todo o período. Esse dado sugere que mesmo que a Coreia tenha ingressado num processo de “Heavy and Chemical industries” no início dos anos 1970, a demanda interna por esses produtos, que compreende basicamente produtos intermediários para a indústria, é superior a capacidade de oferta da indústria nacional. A grande transformação na estrutura produtiva da economia coreana é refletida nos itens 6, “Bens Manufaturados”, 7, “Maquinários e Equipamentos de Transporte”, e 8, “Artigos Manufaturados Diversos”. Esses três itens eram deficitários no início da série. O item 8 foi deficitário entre 1961 até 1963, e a partir de 1964 passa a ser superavitário por toda a série. O item 6, era deficitário entre 1961 e 1971 e a partir de 1972 torna-se superavitário e assim se mantém até 1991. O item 7 é deficitário entre 1961 até 1981. A partir de 1982, torna-se superavitário até o final do período analisado, isto é, até 1991, com exceção do ano de 1990 quando apresenta um pequeno déficit. O item que apresenta os maiores superávits na pauta de importação/exportação é o item 8, seguido pelo item 6 e, por último, o item 7. Em 1988 – ano do maior superávit da série histórica – o item 8 apresentou saldo positivo de U\$15,8 bilhões de dólares, para um superávit na balança comercial de U\$8,8 bilhões.

Além de analisar os saldos da balança comercial por tipos de produtos, também é importante observar os saldos comerciais por país e por região.

O número de países com os quais a Coreia do Sul tinha saldos positivos no comércio foi se ampliando ao longo do período entre 1965 e 1991. Em 1965 a Coreia tinha superávits na relação comercial com 53,49% dos países com os quais ela comercializava. No ano seguinte, dos 42 países com os quais tinha relações comerciais, a Coreia teve superávit com 19 deles (45,2%). Após 1966, a Coreia vai melhorando a sua posição gradualmente. Em 1976, a Coreia tinha saldo positivo na

relação comercial com 70,25% dos países com os quais comerciava. Essa relação atinge o seu pico em 1982 quando logrou ter saldos positivos com 128 dos 166 países com os quais tinha relações comerciais (índice de 77,11%). Entre os anos de 1986 e 1989, os anos superavitários da balança comercial, a Coréia teve saldo positivo com 72,4% dos países.

Durante toda a série analisada entre 1965 e 1991 a Coréia teve déficits comerciais com o Japão. Em proporção ao PIB, o maior déficit foi em 1968 e depois desse ano a tendência foi de redução do déficit – ainda que em valor nominais o déficit tenha aumentado. Após 1986 até o final da série, os déficits apresentam o menor valor em proporção ao PIB.

Em relação aos Estados Unidos, a Coréia passou da situação deficitária entre 1965 e 1975, para superavitária até o final da série, com exceção dos anos 1979, 1980 e 1981. Como proporção do PIB, o maior superávit foi em 1987, e depois declina até 1991, mantendo-se, todavia, superavitário.

Entre os países da região, a Coréia conseguiu manter saldos positivos da balança comercial com metade deles. Com exceção de Taiwan e Indonésia (e, a partir de 1975, a China), países com os quais tinha uma posição deficitária recorrente, a Coréia conseguiu manter superávits com Hong Kong, Singapura e Tailândia. Com as Filipinas, a Coréia saiu de uma situação deficitária entre 1965 e 1981, para uma situação superavitária entre 1982 e 1991. Hong Kong foi um recorrente importador sul coreano. Durante toda a série, a Coréia manteve saldos positivos no comércio com o país, com exceção do ano de 1976. Por outro lado, a Coréia teve a déficits na relação com Taiwan ao longo de toda a série, com as exceções dos anos de 1976 e 1991.

Em relação aos países europeus, a Coréia teve posição superavitária na maior parte do período com todos eles, com a exceção da França, com quem teve 21 déficits durante os 27 anos analisados. A Coréia teve recorrentes superávits com a Holanda, a Suécia e o Reino Unido. Com a Holanda e o Reino Unido, a Coréia foi deficitária em alguns anos no início da série, mas a partir dos anos 1970 teve sua posição superavitária consolidada. Alemanha e Bélgica alternaram períodos de saldos positivos e saldos negativos. Durante os 27 anos analisados, a Coréia foi deficitária em relação a Alemanha em 13 anos – nos anos 1960 e de 1989 em diante.

Nota-se, portanto, que a Coréia do Sul que transformou sua condição frente ao mercado internacional. Ao final do processo de transformação econômica, a Coréia é um exportador de bens finais e de bens de capitais e um importador de matérias-primas, commodities naturais e bens intermediários. Também sua posição superavitária em relação a outros países foi se ampliando, principalmente com os países europeus e com os Estados Unidos.

#### 4.2.4. PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS

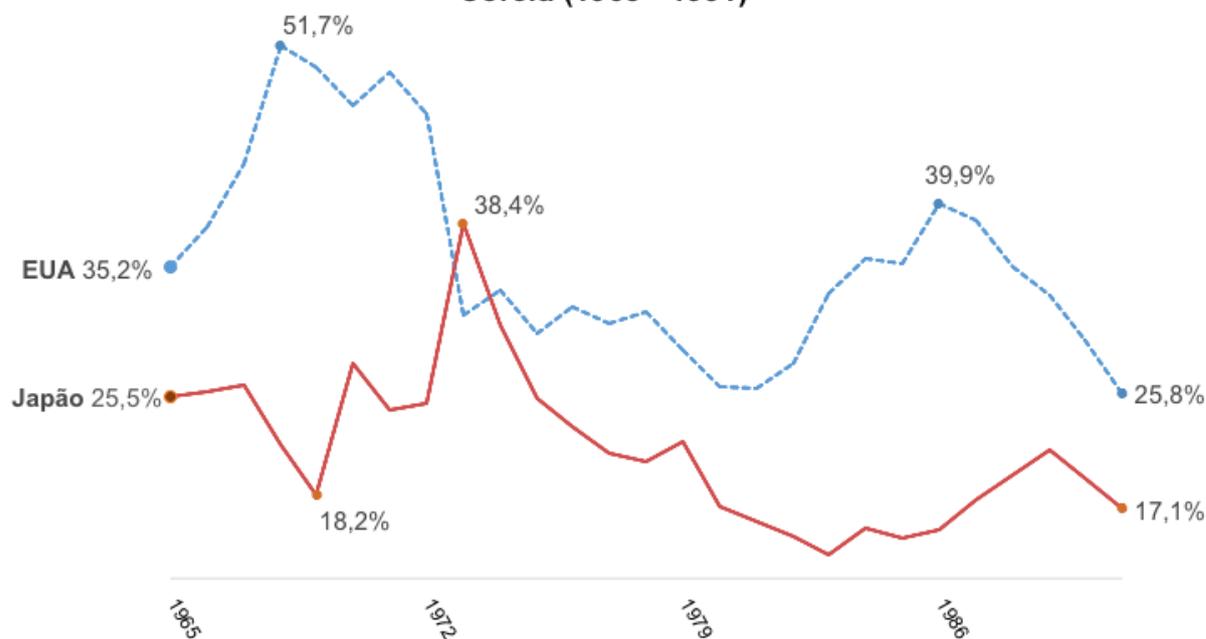
Desde o surgimento da Coréia do Sul, os Estados Unidos tem sido o maior parceiro comercial do país – principalmente em relação ao destino das exportações. Em segundo lugar aparece o Japão, de onde boa parte das importações são procedentes. Historicamente, a Coréia manteve saldos negativos com o Japão. Em relação aos Estados Unidos, a sua posição foi se alterando de deficitário para superavitário na balança comercial. No início dos anos 1960, a Coréia era extremamente dependente do comércio com esses dois países. Mas ao longo do processo de desenvolvimento vai gradativamente aumentando o número de parceiros comerciais e diminuindo a sua dependência em relação ao Japão e os Estados Unidos.

Em 1965 os Estados Unidos eram os grandes responsáveis pela importação de bens coreanos no mundo. 35,24% do total das exportações da Coréia era adquirido pelos americanos, enquanto os japoneses compravam 25,5%<sup>90</sup> (Gráfico 3). Os parceiros regionais (excluindo o Japão) mais importantes eram Hong Kong (6,22%), Tailândia (2,48%) e Taiwan (1,17%). Dentre os países europeus destacavam-se a Suécia (3,11%), Holanda (2,52%), Reino Unido (2,34%), Bélgica (2,21%) e Alemanha (2,05%). Em 1991, os principais importadores de produtos coreanos foram Estados Unidos (25,82%), Japão (17,19%), Hong Kong (6,64%), Alemanha (4,44%), Singapura (3,76%), Reino Unido (2,46%), Canadá (2,33%) e Taiwan (2,24%). Entre 1965 e 1991 o Canadá foi o destino de 2,87% das exportações coreanas, em média por ano.

---

<sup>90</sup> Os dados sobre comércio por país são do Korea International Trade Association. Acesso em <http://kosis.kr>. Os registros da série se iniciam em 1965 e contabiliza as transações com uma lista de 247 países.

**Gráfico 3 - Participação de EUA e Japão nas exportações da Coréia (1965 - 1991)**



Fonte: Korean Statistical Information Service (2015).

Em relação as exportações, o auge da dependência do comércio com Japão e Estados Unidos foi em 1970 quando somados os dois países adquiriram três quartos das exportações coreanas. Entre 1972 e 1973 os Estados Unidos tem sua participação reduzida de 46,7% para 31,6%, ao passo que o Japão amplia a sua participação na compra de exportados coreanos de 25,1% para 38,5%. O ano de 1973 é o único da série entre 1961 e 1991 em que os Estados Unidos não é o principal destino dos produtos coreanos. Entre 1973 e 1982, a participação dos Estados Unidos é de 30% do total exportado – média inferior ao período entre 1965 e 1972 quando foi de 45,2%. Ao final da série, em 1991, os Estados Unidos eram responsáveis por adquirir um quarto das exportações do país. A participação do Japão também é declinante ao longo do tempo. Atinge o pico em 1973, tem sua participação diminuída paulatinamente até 1983 quando adquiriu 13,7% do total das exportações coreanas. Entre 1984 e 1991, oscilou sua participação na média de 17%. Esses dados mostram o quão dependente a Coréia do Sul era em relação a esses dois países. Ainda que tenha conseguido diluir essa dependência ao longo do período, somados esses dois países nunca responderam por menos de 42% das exportações sul coreanas.

A participação dos principais parceiros europeus<sup>91</sup> na compra de produtos coreanos mantém-se mais ou menos estável ao longo do período. A partir de 1971, quando juntos eram o destino de 7,16% das exportações coreanas, começam a crescer em participação até alcançar 14,5% em 1975. Até o final da série, os países europeus participariam em média como destino de 12% das exportações coreanas.

Os principais parceiros asiáticos<sup>92</sup> também tiveram sua participação mais ou menos inalterada durante boa parte do período. No final da série, todavia, apresentam tendência de aumento – puxados por Singapura, o início do processo de abertura econômica chinesa e por Hong Kong. Entre 1965 e 1987, esses países importam, em média, 8,6% do total das exportações coreanas. Mas entre 1988 até 1991, tem sua participação ampliada até atingir 18,7% em 1991 – média de 15% nesses quatro anos. Esses dados mostram uma gradual diminuição da dependência da exportação coreana em relação a Japão e Estados Unidos. Todavia um selecionado de países europeus e asiáticos manteve mais ou menos sua participação constante. Isso sugere que a Coreia do Sul teve o número de parceiros comerciais ampliado, ao invés de aumentar sua participação no comércio regional ou na Europa.

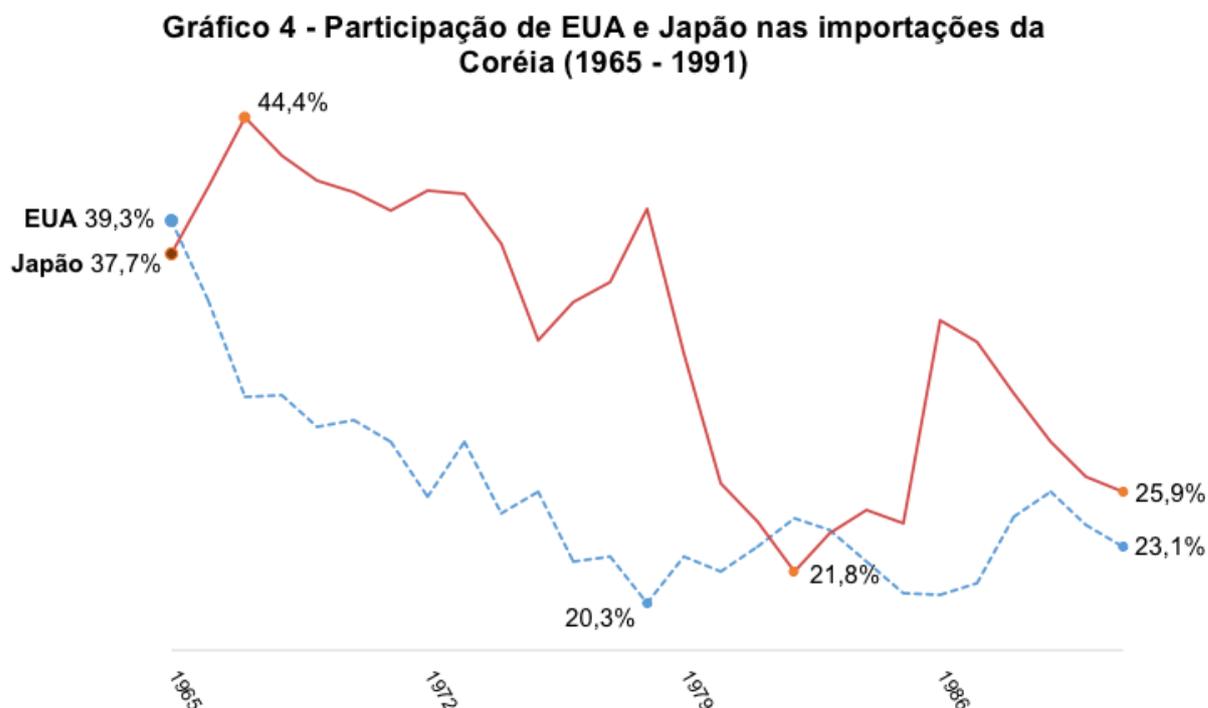
Na ótica das importações coreanas, é possível também observar uma redução da dependência sobre Japão e Estados Unidos (Gráfico 4). Nesse caso, o maior parceiro é o Japão. Entre 1965 e 1979, em média, 39% das importações coreanas vinham do Japão. Em 1967, quase metade das importações coreanas foram abastecidas por produtos japoneses. Mas entre 1980 e 1985, a participação japonesa cai para uma média de 24%. Em 1986 atinge um novo pico (34,4%), mas vai perdendo participação até fechar a série em 1991 com 25,9%. Os Estados Unidos têm, entre 1965 e 1991, sua participação nas importações coreanas lentamente reduzida. Em 1965, 39% das importações coreanas vinha dos EUA. Até 1978 tem sua participação reduzida para 20,3% e a partir de então, mantém-se numa média de 22% até 1991. Destacamos ainda a Alemanha, que tem média mais ou menos estável, fornecendo 3,38% do total das importações da Coreia ao longo de todo o período; e a Austrália, que a partir de 1973 passa a ser um parceiro importante, responsável, em média, por 3,16% das importações coreanas entre 1973 e 1991. Dos países produtores de petróleo destaca-se a Arábia Saudita. Entre

---

<sup>91</sup> São considerados Suécia, Holanda, Reino Unido, Alemanha, França e Bélgica.

<sup>92</sup> São considerados Taiwan, Tailândia, Singapura, Hong Kong, China, Filipinas e Indonésia.

1973 e 1991, 6,6% das importações coreanas, em média, eram oriundas do país árabe.



Fonte: Korean Statistical Information Service (2015).

A média de importações coreanas oriundas dos principais parceiros comerciais europeus entre 1965 e 1991 ficou estável: em torno de 8% do total importado pela Coreia. Os países asiáticos também tiveram sua participação estável até 1984, quando começa a ganhar importância como fornecedor de produtos para a Coreia. Entre 1965 e 1983, os países asiáticos forneceram 8,39% das importações coreanas. Entre 1984 e 1991 essa participação sobe para 12%, em média.

Os países da OPEC (Organization of the Petroleum Exporting Countries) tem sua participação ampliada durante o período dos dois choques do petróleo. Entre 1974 e 1983, os países da OPEC forneceriam 18,4% do total das importações coreanas do período. Em 1980, mais de um quarto das importações coreanas vieram de países da OPEC.

Segundo os dados da Korea International Trade Association, numa lista de 247 países, em 1965 a Coreia exportava para apenas 42 deles. A partir de 1970, todavia, o número de países que recebem exportações coreanas começa a aumentar significativamente. Em 1970, 95 países adquirem bens coreanos – um

aumento de 50% em relação ao ano anterior. E já em 1972 a Coréia exporta seus produtos para 131 países. Até o ano de 1991, a Coréia vai ampliando seus parceiros comerciais até alcançar 199 países importadores de seus produtos.

A mesma tendência podemos observar quanto a diversificação de fornecedores das importações coreanas. Em 1965, a Coréia importava bens de apenas 36 países, dentre os 247 listados. Esse número quase dobra em 1970 (67 países) e a partir de então começa a subir lentamente – mais lentamente do que no caso das exportações. Em 1973, a Coréia importa produtos de 101 países diferentes. O crescimento do número de parceiros segue até alcançar 177 países fornecedores de bens para a Coréia em 1991.

Outro dado aponta também para a diversificação de parceiros comerciais. Em 1965, apenas 12 países tinham participação superior a 1% das exportações coreanas. Esse número chega a reduzir para 8 em 1972, mas vai paulatinamente aumentando. Atinge 20 países em 1982 e termina a série em 1991 com 19 países. Esse dado aponta que mais países vão adquirindo maior relevância na compra de produtos coreanos, tornando o país menos dependente de um único parceiro comercial. O mesmo movimento é observado nas importações coreanas. Em 1965, apenas 7 países tinham participação maior de 1% nas importações coreanas, o que constata um alto grau de dependência. Esse número dobra em 1971, chega a 20 em 1985 e termina a série com 18 países com participação maior de 1% nas importações coreanas.

#### 4.3. FLUXOS DE CAPITAIS

Passamos agora para a análise da conta capital do balanço de pagamentos da Coréia do Sul. A conta capital contabiliza os fluxos de capitais e as transferências unilaterais entre países. Ela reflete a forma de financiamento internacional do país. Quando a entrada (ou importação) de capitais é superior a saída (ou exportação) há entrada de poupança externa no país.

No início da década de 1960 a Coréia do Sul acumulou déficits na conta capital. Em 1966, esse déficit chegou a 8,2% do PIB, o maior da série histórica. Entre 1967 e 1985 a Coréia acumula uma longa série de superávits. Destaca-se o período do Segundo Plano Quinquenal (1967-1971) quando o superávit na conta

capital foi de 7,4% do PIB, em média, por ano. A partir do Segundo Plano, os superávits vão sendo reduzidos ao longo dos Planos seguintes, até o Sexto Plano (1987-1991) quando acumula um déficit médio na conta capital de 2,7% do PIB ao ano. Destaque para os anos de 1974 e 1980, anos subsequentes a crise do petróleo, quando houve grande afluxo de capitais estrangeiros para dentro do país. Nesses anos registrou-se superávit de 10,2 e 9,7% do PIB, respectivamente. Entre os anos de 1986 e 1989 (período em que logrou ter superávits na balança comercial e na conta corrente) a Coreia registrou déficits médio em conta capital de 4,9% do PIB ao ano.

Começaremos a análise detalhada da conta capital pelas transferências unilaterais, mais especificamente as ajudas financeiras advindas de outros países. Depois analisaremos poupança e dívida externa e, por fim, os investimentos estrangeiros diretos.

#### 4.3.1. AJUDAS FINANCEIRAS

A Coreia do Sul foi um dos países que, ao longo do século XX, mais receberam aportes financeiros de organizações internacionais e de países aliados – principalmente dos Estados Unidos. Segundo Seth (2011, p. 395), de todo o gasto norte-americano destinado a ajuda financeira para outros países, entre 1946 e 1976, a Coreia foi a terceira maior beneficiada, em termos per capita, perdendo apenas para Israel e o Vietnã do Sul. Durante esse período foram providos U\$12,6 bilhões em assistência financeira para a Coreia do Sul enquanto o continente africano recebeu U\$6,85 bilhões e a América Latina U\$14,89 bilhões.

A literatura registra diferentes interpretações sobre a eficácia dos programas de assistência financeira estrangeira na Coreia do Sul ainda que exista consenso no diagnóstico de que, ao menos no período de reconstrução do pós-guerra e no início dos anos 1960, houve um impacto positivo na reconstrução do país.

Entre 1961 e 1971 a média de anual de ajuda financeira foi na ordem de 4,3% do PIB em média. Entre 1961 e 1963, esses valores ajudaram a financiar mais da metade das importações coreanas. Do ponto de vista macroeconômico, o governo adotou, pelo menos até 1961, uma taxa de câmbio oficial abaixo do valor de mercado como forma de maximizar o volume de recursos. A ajuda financeira

internacional também financiou parte dos gastos militares do país. Por conta da sua situação geopolítica, os gastos militares consumiam boa parcela dos gastos governamentais. Grande parte das ajudas financeiras oriundas dos Estados Unidos e do Japão tiveram como destino o custeio do sistema de defesa da Coreia.

Um importante aspecto dos programas de assistência foi o suporte técnico que acompanhou. Conforme Chung (2007), “some Korean officials protested that aid was accompanied by a large influx of American advisers and experts” (p. 394). Em 1961-62 o número de oficiais americanos em um programa de assistência chegou a 297 técnicos e burocratas. Ademais, a ajuda financeira americana acompanhada de supervisão técnica contribuiu para estabelecer laços comerciais duradouros que permitiram a Coreia acesso ao mercado norte-americano, que normalmente via com ceticismo relações econômicas com países muito pobres, como era o caso da Coreia nas décadas de 1950 e 1960.

Parte da ajuda financeira americana estava atrelada a importação de bens produzidos nos Estados Unidos (os chamados *tie-in aid*). Entretanto, muitos desses bens tinham preços acima dos preços encontrados nos mercados internacionais, aumentando os custos de importação. “Tie-in aid, which was based on the ‘buy-and-ship-American’ policy of the grantor country, not only limited the recipient country’s choice as to the most suitable sources of supply but also forced it to buy almost exclusively from the United States, especially after 1961, at prices higher than those in the world market” (CHUNG, 2007, p. 393).

#### 4.3.2. POUPANÇA EXTERNA E DÍVIDA

A poupança externa é uma medida da absorção de recursos externos para financiar os gastos internos. Nas contas nacionais, a poupança externa é a diferença entre o investimento e a poupança doméstica. Se os investimentos são superiores a poupança doméstica, o país importará poupança externa para cobrir o valor dos investimentos. Na balança de pagamentos, a poupança externa é o saldo em transações correntes com sinal invertido. Saldos negativos em transações correntes significam uma entrada de poupança externa no país.

Ao longo do seu período de desenvolvimento econômico, a Coreia do Sul foi uma importadora de poupança externa. O país obteve saldos negativos em conta

corrente em 24 dos 31 anos entre 1961 e 1991. Em apenas sete anos obteve saldos positivos em conta corrente. Destes sete, apenas em cinco anos os saldos foram significativos. Entre 1986 e 1989, quando atingiu os primeiros superávits comerciais da série histórica, a Coréia obteve saldo positivo em transações correntes. Em 1987 e 1988 o saldo foi superior a 6% do PIB. Entre 1961 e 1985, a Coréia acumulou um déficit médio anual em conta corrente de 4,61% do PIB.

Entre 1953 e 1986, 80% do total de poupança externa líquida era importada dos Estados Unidos e do Japão. No início dos anos 1960, os Estados Unidos eram os principais fornecedores de poupança externa para a Coréia. Mas após a normalização das relações diplomáticas entre Japão e Coréia, o país asiático assume a liderança. O Japão contribuiu com aproximadamente 70% da poupança externa importada pela Coréia durante os anos 1980.

A dívida externa de um país é um indicador importante da sua condição financeira. No caso coreano, a dívida externa era extremamente baixa no início dos anos 1960. Em 1961, a dívida externa total correspondia a apenas 4% do PIB.

Com os sucessivos déficits em transações correntes na balança de pagamentos, a dívida externa alcançou o maior valor da série histórica em 1985, U\$46,8 bilhões, o que correspondia a 49,6% do PIB naquele ano. Naquele momento, a Coréia chegou a ser o quarto país mais endividado do mundo (CHUNG, 2007, p.325). Apenas dois anos depois, com a ocorrência dos superávits na balança comercial a dívida cai para U\$35,6 bilhões. Historicamente, os investimentos superavam os volumes de poupança interna e a diferença era suprida com poupança externa, aumentando a dívida (Tabela 2). Com o aumento da poupança interna, em meados dos anos 80, a necessidade de financiamento externo foi menor. Além disso, o Quinto Plano Quinquenal deu alta prioridade ao controle da dívida externa, com metas para reduzir a razão do serviço da dívida de 13,2% para 11,1% até o final de 1986 (SONG, 2003, p.164).

Houve alguma alteração no perfil da dívida externa coreana ao longo do período. No período inicial, entre 1960 e 1965, por conta da fragilidade econômica do país, boa parte dos empréstimos eram de curto prazo<sup>93</sup> - correspondiam a mais de três quartos do total. Por conta da ajuda financeira internacional, havia pouca necessidade de contrair empréstimos externos antes de 1960. Quando a economia

---

<sup>93</sup> Empréstimo de curto prazo são aqueles com prazos de vencimento de três anos ou menos, ao passo que empréstimos de longo prazo são os que tem vencimento maior do que três anos.

coreana começou um ciclo de crescimento, houve uma mudança no perfil e os empréstimos de longo prazo tiveram preponderância – entre 1966 e 1974, mais de 85% dos empréstimos internacionais eram de longo prazo.

O primeiro empréstimo externo contraído pelo governo sul coreano foi proveniente do Development Loan Fund (DLF), fundo de origem norte-americana, em 1959. Entre 1959 e 1970, empréstimos públicos contraídos de fundos do governo americano correspondeu a 59% do total, ao passo que empréstimos públicos contraídos de fundos do governo japonês correspondeu a 12,5% do total no mesmo período. A influência japonesa continuou ao longo da década de 80. Em 1983, um empréstimo de U\$4 bilhões foi acordado entre o governo japonês e coreano, o que correspondia a 5% do PIB da Coreia naquele ano. Além de serem os maiores parceiros comerciais e financiadores, Japão e Estados Unidos foram os países que ofereceram os melhores termos e condições para empréstimos à Coreia. Chung (2007) destaca:

Among all the loan-granting countries, the United States typically provided the most generous loans terms, with low interest rates and long maturity dates, followed by Japan, which provided loans that often had a concessionary component, especially favorable terms for agricultural and public sector projects (p. 331).

Entre as agências internacionais que forneceram empréstimos à Coreia, destacam-se o Banco Mundial, a Associação Internacional de Desenvolvimento e o Banco Asiático de Desenvolvimento. Grande parte dos empréstimos concedidos por essas agências internacionais eram de longo prazo, e tiveram particular importância nos períodos de turbulência econômica internacional como, por exemplo, após o primeiro choque do petróleo, em 1973, quando as taxas de juros tiveram aumento considerável no mundo inteiro, dificultando a renovação ou obtenção de empréstimos. Particular importância teve o Banco Mundial, cujos contratos de empréstimo passaram de U\$5 milhões em 1968, para U\$150 milhões em 1973 e U\$371,5 milhões em 1976. Após 1973, os prazos de vencimento também ficaram menores: Chung (2007, p.330) aponta que, em média, os empréstimos contratados entre 1959 e o início dos anos 1970 tinham vencimento em 40 anos, sendo que nos 10 primeiros anos com taxas de juros entre 0 e 2% ao ano. No período posterior, a média do prazo de vencimento diminuiu e o custo dos empréstimos aumentou consideravelmente.

Os empréstimos externos tiveram basicamente dois destinos: num primeiro momento, financiar obras de infraestrutura, como usinas de energia elétrica, sistema de transportes, comunicação e construção. Posteriormente, serviu para financiar grandes projetos industriais e importação de bens de capitais. Entre 1961 e 1991, a poupança externa financiou 16% do total do investimento no período. Entre o período de 1961 e 1971, todavia, chegou a corresponder a metade dos investimentos do país<sup>94</sup>. Boa parte do programa de industrialização pesada e química (HCI) foi financiado por empréstimos externos. Chung (2007) afirma que “of the U\$960 million devoted to HCIs between 1972 and 1981, U\$580 million, or 60 percent of the total, came from foreign loans” (p.331). Mais especificamente, os empréstimos externos ajudaram a financiar, por exemplo, a Pohang Iron & Steel Company e o primeiro complexo estaleiro coreano.

#### 4.3.3. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO

Um dos aspectos microeconômicos importantes quando tratamos de relações econômicas internacionais são os investimentos estrangeiro diretos (na sigla em inglês, FDI, de “foreign direct investment”). Não é possível compreender a importância que tiveram os investimentos estrangeiros diretos no desenvolvimento econômico da Coreia analisando apenas os montantes ingressados no país. Durante todo o período, os investimentos estrangeiros diretos jamais alcançaram sequer 1% do PIB. Oscilaram entre 0,02 e 0,72% do PIB - esse índice máximo ocorreu em 1975. Entre 1972 e 1976, anos de vigência do Terceiro Plano Quinquenal, foi o período em que o FDI alcançou as maiores magnitudes – justamente o Plano que iniciou os projetos de indústria pesada e química. O FDI saltou de 0,32% do PIB em 1971 para 0,47% em 1972. Seguindo em 1973 em 0,59%, 1974 em 0,53%, em 1975, 0,72% e finalmente em 1976 para 0,52% do PIB. Durante o Terceiro Plano, os investimentos estrangeiros direto corresponderam a 2,15% do total investido no país e a 0,57% do PIB. Entre 1962 e 1991, o total de investimentos estrangeiros direto

---

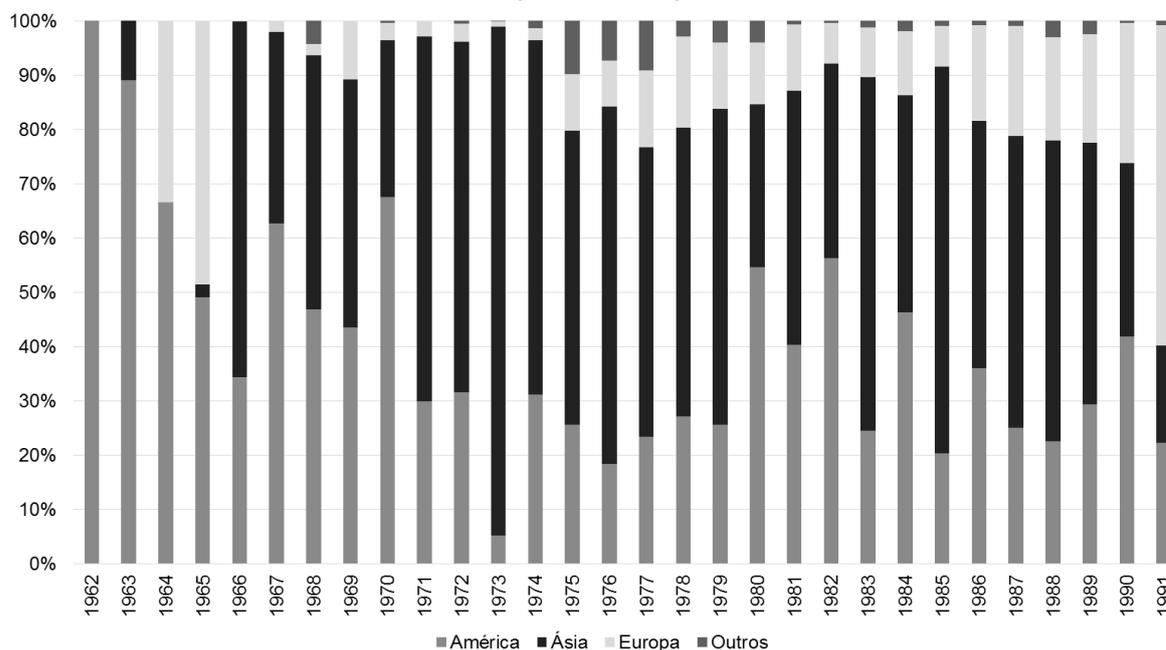
<sup>94</sup> “The inflow of foreign resources/savings thus became crucial for supplementing the country’s investment for economic development as the need for investment mounted and domestic savings failed to meet all the needs (...). Foreign capital inflows, which came primarily from the United States and Japan thus narrowed the significant gap between investment needs and domestic savings in South Korea. After 1970s, the contribution of foreign savings to investment gradually waned” (CHUNG, 2007, p. 303).

correspondeu 1,18% dos investimentos totais do país. A maior parte desses investimentos eram feitos com capital norte-americano e, a partir de 1965, japonês (ver Gráfico 5 abaixo). Apesar da baixa relevância dos investimentos estrangeiros diretos no montante total de investimento do país, a sua importância no processo de desenvolvimento da Coreia está na qualidade desses investimentos. Novas tecnologias em setores específicos e estratégicos foram incorporadas graças aos investimentos estrangeiros. A respeito disso Chung afirma que:

Among the foreign savings imported, FDI played a unique role. (...) In spite of FDI being small in volume and being carried out in small firms, it became an important source of introducing new technologies to the country's industry (CHUNG, 2007, p. 303-304).

Antes de 1959 os investimentos estrangeiros diretos eram proibidos na Coreia do Sul. Em 1960 houve a publicação do Foreign Capital Promotion and Inducement Act, lei que passou a permitir o FDI em escopo limitado, mas com incentivos fiscais e garantias de remessas de lucros. Os projetos de investimento estrangeiro teriam de ser aprovados pelo governo. Entretanto, a instabilidade política e as dúvidas a respeito da economia sul coreana impediram que grandes projetos tivessem investimento via FDI. Apenas em 1962 ocorreu o primeiro investimento estrangeiro direto, via joint venture, na indústria têxtil, com capital americano, para produção de filamentos de nylon. O setor de fertilizantes também foi agraciado logo em seguida. A Dow Chemical Company e a Chungju Fertilizer Company formaram uma *joint venture* para produzir fertilizantes para o mercado interno. Em 1963 a lei foi emendada para obedecer às diretrizes do Primeiro Plano Quinquenal. Investimentos em setores exportadores, com foco em produtos semiacabados, ou projetos de substituição de importações, especialmente que substituíssem a importação de matérias-primas, passariam a ter preferência. Ao final do Primeiro Plano, 39 projetos foram aprovados, somando um total de U\$47,7 milhões em investimentos.

**Gráfico 5 - Investimento Estrangeiro Direto por Continente de Origem (1962 - 1991)**



Fonte: Bank of Korea, Economic Stastisc System (ECOS).

Em 1966, com o início do Segundo Plano, para incentivar o ingresso de mais investimentos, algumas das restrições de entrada foram abrandadas. A Foreign Capital Inducement Law ainda instituía que técnicos e *managers* estrangeiros seriam isentos de imposto de renda. Outros incentivos, como descontos na compra de terrenos industriais e a ausência de legislação trabalhista, tornaram-se importantes fatores para a atração de capital estrangeiro. Além do mais, até 1970, o governo extinguiu a exigência de participação de capital local, isto é, não haviam restrições quanto a empreendimentos de propriedade estrangeira, os investimentos estrangeiros não precisavam estar vinculados a projetos de propriedade coreana. Com a edição dessa nova lei, o governo logrou alcançar maior volume de ingressos de FDI na Coréia. Entre 1967 e 1971, 219 projetos de FDI foram aprovados pelo governo.

A partir de 1973, houve nova modificação na orientação dos investimentos estrangeiros. O governo passou a restringir mais severamente os setores que poderiam ser contemplados. Investimentos em setores de substituição de importações somente seriam aceitos se os produtos a serem substituídos fosse bens intermediários para a indústria exportadora. Nessa nova etapa, os FDIs foram direcionados para as indústrias químicas e pesadas que seriam o foco da nova

diretriz econômica governamental. Os investimentos estrangeiros diretos, com exceção de alguns poucos setores e em raras condições, ficaram condicionados a propriedade estrangeira não superior a 50% do capital do empreendimento, privilegiando, portanto, as *joint ventures*. “As a result, as of the mid 1980s, only about 5 per cent of TNC [*transnational corporations*] subsidiaries in Korea were wholly owned” (CHANG, 2004, p.703). A aprovação dos investimentos estrangeiros ainda dependia das características tecnológicas do empreendimento: investidores propensos a transferir tecnologias de ponta tinham prioridade. Com essas medidas, os investimentos estrangeiros diretos tiveram grande desempenho no Terceiro Plano Quinquenal (1972-1976). Durante esse período foi predominante o ingresso de investimentos asiáticos: 68,7% dos FDIs ingressantes no país foram de origem asiática – majoritariamente vindos do Japão. O número de projetos aprovados quadruplicou em relação ao período anterior, totalizando 879 projetos aprovados durante o Terceiro Plano – destes, 536 foram efetivados. Entre 1977 e 1981, 800 projetos de FDI foram efetivados, uma média de 160 projetos por ano.

O ritmo de entrada de investimentos estrangeiros cai no final da década de 1970. Atribui-se essa queda ao segundo choque do petróleo de 1979 e ao fato de que a Coreia do Sul era um dos poucos países em desenvolvimento que mantinham severas restrições à entrada de capitais (CHUNG, 2007, p. 276). Entre 1973 e 1983 os investimentos estrangeiros diretos tiveram participação de 1,21% do total de investimentos no país e corresponderam a 0,33% do PIB.

Em 1984 o governo novamente altera a sua política de atração de capital externo. O governo passa a relaxar as restrições. Ao invés de uma lista de setores em que os FDIs seriam permitidos, agora o governo adota uma lista negativa, isto é, uma lista de setores em que os investimentos não poderiam ocorrer. Basicamente, o governo proibiu investimentos em setores que poderiam interferir na competição com as firmas coreanas no mercado externo ou que pudessem perturbar a demanda interna e o fornecimento de bens intermediários. A lista negativa ainda seria revisada em 1985 e 1987, liberando mais setores para receber investimentos. Numa lista de 999 itens, 339 constavam na lista negativa em 1984. Esse número cai para 211 em 1987. Essas revisões incluíram um relaxamento nas restrições de remessas de lucro e no limite de participação estrangeira nas firmas. O governo também criou um sistema de incentivos para atrair FDIs em áreas onde tecnologias avançadas eram requeridas. Essas revisões abriram o mercado bancário e o setor de serviços –

antes estritamente restrito – ao acesso de investidores estrangeiros. O governo também reduziu o valor mínimo dos investimentos, numa tentativa de atrair pequenos investimentos em tecnologia intensiva. Com essas medidas, o número de investimentos estrangeiros diretos aprovados salta de 721 entre 1977-1981 para 1.767 entre 1982-1986.

Em dezembro de 1987 o governo anuncia planos para aprofundar ainda mais a liberalização de investimentos estrangeiros. Em 1991, de uma lista de 522 industriais manufatureiras, apenas 6 setores eram proibidos e outros 6 tinham restrições específicas. Os 510 setores restantes eram liberados para receber investimentos estrangeiros. O governo também permitiu a entrada de capital estrangeiro no setor primário. Em uma lista de 411 setores da agricultura, pesca, mineração e silvicultura, 254 eram liberados para receber investimentos – 32 setores foram proibidos e outros 125 tinham restrições. Repatriação de capital e dividendos foi totalmente liberada. O governo, entretanto, cortou benefícios fiscais para os investimentos estrangeiros diretos, com exceção de investimentos feitos em firmas exportadoras ou em setores de tecnologia avançada. O governo diagnosticou que os incentivos fiscais antes fornecidos aos FDIs poderiam debilitar as firmas nacionais e sua capacidade de concorrer no exterior. O governo também abriu para que firmas nacionais entrassem nos mercados de ações estrangeiros. Com essas ações o governo conseguiu ampliar a participação dos FDIs na economia. Durante o Sexto Plano Quinquenal (1987-1991) os investimentos estrangeiros diretos corresponderam a 0,4% do PIB e contribuíram com 1,19% dos investimentos totais do país.

Os Estados Unidos tiveram papel importante no fluxo de capitais para a Coréia. A maior parte dos FDIs no país foi de origem norte-americana, seguidos por investimentos japoneses. Todavia, o perfil do investimento direto oriundo desses dois países era distinto. Enquanto as firmas americanas eram mais capital-intensivo, empresas que necessitavam importação de insumos, as japonesas eram tinham perfil exportador e utilizavam mais trabalhadores por unidade de capital do que as americanas.

U.S. FDI was concentrated primarily in petrochemicals, transportation equipment, and electronics, while Japanese investments were heavily weighted toward hotel services, electronics, petrochemicals, and textile and garments. (...) the proportion of capital goods in U.S. investments was

significantly higher than that of the Japanese. Japanese firms hired more than three times as many workers (CHUNG, 2007, p. 389-390).

Ademais, é interessante notar as diferenças na transferência de tecnologias entre os FDI dos dois países. Enquanto os investimentos americanos proporcionaram um maior número de patentes para a Coréia do Sul, os investimentos japoneses forneceram máquinas e equipamentos mais sofisticados.

The average fee for a Japanese license was less than half that paid to U.S. firms. Korean businesses paid an average of \$816,935 for each piece of U.S. technology and \$262,042 each for Japanese, which seems to indicate that the latter was rather modest and not as technologically advanced. (..) While proportionally more U.S. firms provided assistance in patented technology and technical assistance than did the Japanese firms, Japanese direct investments made a larger contribution to indigenous management know-how than did U.S. direct investments (CHUNG, 2007, p.390-391).

Dessa forma, os investimentos diretos de Japão e Estados Unidos, ao invés de competirem entre si, complementavam-se. Além do mais, investimentos japoneses estavam mais destinados a pequenas e médias indústrias, ao passo que investimentos americanos estavam mais voltados para grandes indústrias. Apesar da grande influência estatal em manejar e controlar os investimentos estrangeiros externos, a taxa de retorno dos FDI era consideravelmente alta, inclusive maior do que a taxa de retorno das empresas coreanas que executavam a contrapartida dos investimentos. Chung (2007, p. 390) mostra que a taxa de lucro média por valor adicionado era de 45,9% para as firmas estrangeiras e 40,5% para as firmas nacionais. Mais do que isso. Segundo Chung, “FDI in Korea was reported to have been more profitable than commercial loans” (p.390).

#### 4.4. INSTITUIÇÕES DE RELAÇÕES EXTERIORES

Veremos agora as medidas institucionais que afetaram as relações econômicas internacionais da Coréia, em especial na estratégia de produção voltada para exportação. Como vimos anteriormente, a guinada para uma estratégia de *Export-Led Growth* ocorreu em 1961 com a chegada ao poder do Coronel Park, que também coincide com o início do *Developmental State* segundo seus interpretes. Além disso, vimos também que uma característica essencial do *Developmental State*

é a construção de instituições de suporte ao desenvolvimento. Agora veremos como essa função foi coadunada com a “visão de futuro” e com a estratégia perseguida pelo governo.

Além de subsídios financeiros e apoio técnico administrativo, o governo coreano também buscou prover as indústrias exportadoras de suporte de informações sobre os mercados internacionais, cumprindo a função coordenadora do *Developmental State*. Para tanto, o governo lançou mão de agências de comércio internacional, como a Korea Trade Promotion Corporation (KOTRA) e incentivou associações de empresas exportadoras, como a Korea Traders Association (KTA) e a Federation of Korean Industries (FKI), como forma de abrir mercados e aumentar a competitividade dos produtos sul-coreanos.

A KOTRA foi estabelecida em maio de 1962 dentro do Primeiro Plano Quinquenal, com o objetivo de criar novos mercados para exportação, buscando oportunidades de negócios no exterior, e aumentar o valor de troca dos produtos coreanos, orientando as empresas nas melhores formas de aproveitarem essas oportunidades. No primeiro ano de atividade estabeleceu escritórios em Nova Iorque, Los Angeles, Hong Kong e Bangkok e nos oito anos seguintes já haviam pelo menos 39 escritórios em cidades importantes do exterior. Por outro lado, a KOTRA também tinha a prerrogativa de taxar as importações de produtos, revertendo as receitas para atividades de promoção das exportações. A união do controle de entradas e saídas de mercadorias concentradas numa mesma agência facilitava a estratégia *export-led*, permitindo uma maior unidade à função coordenadora do Estado. Em comunhão com a FKI e a KTA – essa última formalmente sob controle da KOTRA – ajudaram a impulsionar as exportações nesse período, em especial nos setores de manufaturas leves de consumo final (como calçados e sapatos) e intermediários (como componentes eletrônicos).

Tratados comerciais não foram prioridade na política internacional coreana. Em parte, porque a ocupação americana no pós-guerra estabeleceu um longo período de cooperação comercial entre Coreia e Estados Unidos. Quanto ao Japão, as relações nem sempre foram tão seguras. O sentimento antinipônico na Coreia após a colonização era forte e o restabelecimento de relações comerciais com o Japão foi bastante conturbado. Em 1965, a Coreia retoma as relações diplomáticas com o Japão, após longas negociações, permitindo que firmas coreanas e japonesas estabelecessem relações comerciais. A medida, a despeito de

extremamente impopular, foi importante para a economia permitindo uma aceleração do crescimento. Muitas empresas sul-coreanas tornaram-se grandes fornecedoras de empresas japonesas, permitindo uma expansão de escala nas firmas coreanas. Entretanto, o principal foi a importação de produtos japoneses que permitiu a absorção de tecnologias avançadas já em uso naquele país, aumentando os incentivos a inovação na Coreia. Os principais setores afetados por essa retomada foram os setores de componentes eletroeletrônicos, que mais adiante seriam alguns dos setores mais importantes da economia coreana.

A partir do início da década de 80 a Coreia do Sul começou a ampliar as relações econômicas com outros países. As Olimpíadas de Seul em 1988 tiveram impacto importante sobre a diplomacia sul coreana, em especial por promover a aproximação com os países comunistas, em especial, a China e a União Soviética. Segundo o relatório de impacto econômico dos Jogos Olímpicos produzido pelo Korean Development Institute, em 1988 o volume de comércio com países socialistas aumentou 80% em relação ao ano anterior, alcançando a cifra de U\$3,65 bilhões de dólares. Entre 1979 e 1988, o comércio entre Coreia do Sul e China multiplicou-se em 164 vezes, cinco vezes mais do que o comércio entre Coreia do Norte e China. Entre os setores que tiveram expansão resultante do evento destacam-se o artesanato, com aumento de 30% das exportações em 1988 (U\$536 milhões), e o eletrônico cujas exportações em 1987 alcançaram U\$11 bilhões de dólares, atingindo com três anos de antecedência a meta projetada para 1990, e no ano seguinte as exportações tiveram incremento de mais 31,2%.

A aproximação da Coreia do Sul com os países comunistas foi um fator importante para os superávits comerciais observados entre 1986 e 1988. Essa postura diplomática de aproximação ficou conhecida como *Nordpolitik* – referência a um discurso do Ministro das Relações Internacionais, Lee Bum-Suk, em 1983. O objetivo explícito dessa política era isolar a Coreia do Norte e buscar o reconhecimento de legitimidade perante seus parceiros. Por outro lado, o governo sul coreano enxergava a importância desses países como novos mercados para seus produtos como forma de ampliar parceiros e mitigar a dependência de Japão e Estados Unidos. Como resultado dessa aproximação, em outubro de 1989 a União Soviética retirou sua oposição a entrada da Coreia do Sul nas Nações Unidas.

Uma das medidas institucionais mais importantes da estratégia de desenvolvimento por fomento das exportações foi a criação de Free Export Zones,

zonas industriais para estabelecimento de indústrias exportadoras dotadas de boa infraestrutura. Nos anos 1960 foram estabelecidas as zonas de Seoul, Masan e Gumi, e outras seguiram nos anos 70. Dentro dessas zonas, as empresas teriam descontos na compra de terrenos para estabelecimentos industriais bem como acesso a tarifas subsidiadas de energia elétrica, água, transporte, comunicações e outros serviços necessários à exportação. Através dessas zonas industriais as políticas públicas de industrialização para exportação foram levadas a cabo e acabaram se tornando nos principais polos industriais da Coreia do Sul. Essas zonas contribuíram também por propiciar um ambiente de cooperação econômica entre as empresas.

Outra instituição de fomento às indústrias exportadoras foi a Conferência Mensal de Promoção das Exportações, iniciada em 1962. As conferências contavam com a presença pessoal do General Park. Ali eram discutidas as necessidades e as metas dos empresários, sendo um fórum importante de tomadas de decisões pelos empresários, governo e especialistas econômicos.

A política cambial teve distintas fases. No período anterior a 1961, o governo manteve a taxa de câmbio controlada abaixo do valor de mercado. Havia um sistema de câmbios múltiplos que o governo geria como forma de maximizar recursos de ajuda financeira internacional. A partir de 1961, já sobre o governo do General Park, houve a unificação das taxas de câmbio e um esforço de elevá-la gradualmente a valores de mercado<sup>95</sup>. Entretanto, a redução dos aportes de ajuda financeira no início dos anos 1960 asseverou a situação da balança de pagamentos e fez com que o governo retornasse à utilização de faixas múltiplas, com faixas exclusivas para empresas exportadoras. A partir de 1965, o governo reunifica novamente as taxas e flexibiliza o seu controle, ainda que eventualmente fizesse intervenções. Mas para favorecer a indústria de exportação, o governo adotou com alguma frequência a desvolarização do *won*. Em 1975 a taxa de câmbio oficial era 7% acima da taxa de mercado (CHUNG, 2003, p. 106). A partir de 1981 o governo abre mão de exercer controle direto sobre a taxa de câmbio e adere ao câmbio flutuante. Todavia, o governo ainda tinha alguma gerência sobre o câmbio na medida que restrições às importações eram constantemente revisadas e eventualmente as cotas de importação eram reforçadas. Essa influência indireta

---

<sup>95</sup> Ainda assim, durante esse período (1961-1965), a taxa de câmbio oficial flutuou, em média, por volta de 15% abaixo da taxa de mercado (CHUNG, 2003, p. 105)

perdurou até 1990, quando a Coréia aceita as condições do Fundo Monetário Internacional, abandonando as restrições quantitativas de importações.

Assim, do ponto de vista institucional o governo forneceu apoio técnico e administrativo para as empresas exportadoras. No campo macroeconômico, propiciou condições econômicas favoráveis através da política cambial, monetária e fiscal. Na parte microeconômica, as políticas industriais envolveram metas de desempenho, zonas industriais com boas instalações e infraestrutura e coordenação entre os investimentos e aquisição de máquinas e equipamentos, bem como uma política de incentivo de incorporação e inovação tecnológica.

#### 4.5. A CORÉIA NO JOGO DE FORÇAS DA GUERRA FRIA

A posição geopolítica ocupada pela Coréia do Sul no âmbito da Guerra Fria é bastante relevante para compreender sua posição econômica dentro dos mercados internacionais. A Guerra Fria foi o período de conflitos político e militar entre os Estados Unidos e a União Soviética entre o final da Segunda Guerra Mundial e a queda da URSS, portanto entre 1945 a 1989<sup>96</sup>. Marcou um período político de predominância de duas superpotências mundiais. De um lado os Estados Unidos, representantes da tradição judaico-cristã ocidental, de regime capitalista e democrático-liberal. Do outro lado a União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS), de inspiração marxista-revolucionária, de regime de partido único através do conceito de “ditadura do proletariado”. Dois projetos políticos e econômicos antagônicos que procuraram exercer influência em todas as regiões do globo, travando batalhas militares indiretas para garantir domínio político sob certos países.

Uma série de guerras surgiram dessa geopolítica bipolar, como a Guerra da Indochina (1946 – 1954), a Guerra do Vietnã (1957 – 1975), a Guerra do Afeganistão (1979 - 1989) e a Guerra Civil da Nicarágua (1979 – 1990). A própria Guerra da Coréia foi um capítulo deste conflito de interesses entre as duas potências mundiais. Conforme dito anteriormente, com a divisão da Coréia, o Sul ficou sob influência norte-americana ao passo que o Norte ficou sob influência soviética. A partir da Guerra da Coréia, os Estados Unidos intensificam a sua

---

<sup>96</sup> Não há consenso sobre as datas de início e término da Guerra Fria. Alguns historiadores argumentam que ela ocorreu entre 1947 e 1991.

participação no país, uma vez que o conflito na península coreana poderia desencadear grande instabilidade naquela região e prejudicar os aliados da região – principalmente o Japão. Naquele momento, a península da Coréia foi o palco principal das disputas entre os dois atores antagonistas. Os Estados Unidos estavam presentes na Coréia com tropas, bases militares, e uma grande estrutura administrativa.

Em termos de estratégia de desenvolvimento econômico na Coréia, a principal consequência da Guerra Fria foi o forte enfoque na segurança nacional. “Many economic decisions in Korea”, afirma Song (2003, p. 231), “have been made on the basis of security rather than economic considerations”. Esse efeito foi tão marcante na cultura coreana que pode ser identificada no discurso público. “The word *anbojeil* (‘security first’) and the phrase *anbojok chawon* (‘the security dimension’) have been popular catchwords among policymakers and national leaders” (*id.*).

Todos os aspectos das relações econômicas exteriores da Coréia foram profundamente influenciados pelas condições geopolíticas da Guerra Fria: a ajuda financeira internacional dos anos 1950 e início dos anos 1960; a consolidação dos Estados Unidos e do Japão como seus principais parceiros comerciais e; o fluxo de capitais. Meredith Woo-Cumings afirma que inclusive as diversas estratégias de desenvolvimento da Coréia durante o período pós-Guerra da Coréia – substituição de importações; industrialização via exportação e; a investida sob indústria pesada e química – formaram-se em reação às condições geopolíticas da Guerra Fria que moldaram as relações entre a Coréia e o núcleo central capitalista.

As relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a Coréia se estreitaram consideravelmente por conta da Guerra Fria. Apoio militar americano foi intenso. Essa conexão entre os dois países também foi determinante na estratégia de industrialização sul coreana.

During the Cold War, close security cooperation actually led to intimate political relations between the two countries [Korea and US]. The relative benefits of South Korea’s military alliance were not confined solely to the area of security but extended to the economic realm. (KIM, C., 2011, p. 477)

Após o período de reconstrução do país nos anos 1950, que contou com massivo aporte de ajuda financeira americana, o núcleo do conflito da Guerra Fria

passou para a Indochina, e a Coréia continuou se beneficiando da sua aliança com o eixo capitalista. Durante a Guerra do Vietnam, mais especificamente entre 1966 e 1973, a Coréia do Sul esteve presente, apoiando as tropas americanas, com mais de 300 mil coreanos enviados até o final da guerra. Em termos per capita a Coréia foi o país que enviou mais combatentes ao Vietnam até o final da guerra (WOO-CUMINGS, 1998, p. 329). Esse empenho foi devidamente recompensado com ajuda econômica e militar que, segundo Woo-Cumings, ultrapassou um bilhão de dólares. Além disso, os coreanos participaram também da reconstrução do Vietnam, enviando técnicos, trabalhadores e construtores. Cumings (1984) afirma que “the Vietnam War played for the ROK the role that the Korean War played for Japan; labeled ‘Korea's El Dorado’, it accounted for as much as 20 percent of foreign exchange earnings in the late 1960s”. A participação coreana na Guerra do Vietnam cumpriu assim duas tarefas: consolidar a aliança com os Estados Unidos e abrir novos mercados para produtos e firmas sul coreanas.

“In the 1966 Brown Memorandum, the U.S. formally agreed that South Korean firms were to be given lucrative contracts to supply goods and services to the South Vietnamese, American, and allied military forces. South Korean firms constructed many military installations, helping to establish a new overseas industry for South Korea that proved useful for earning foreign exchange. [...] After 1965, Hyundai Construction received many contracts to build in Southeast Asia during the Vietnam War, and in the 1970s in the Middle East”. (SETH, 2011, p. 386 - 390)

A Economic Cooperation Administration, o braço administrativo norte americano do Plano Marshall, atuou mais intensamente na Coréia do que em qualquer outro lugar do mundo. A USAID, programa de ajuda a países amigos dos Estados Unidos, enviou seus melhores técnicos para Seoul para ajudar a formar os planos econômicos do país. Não só a Coréia recebeu esse tipo de apoio financeiro e técnico. Japão e Taiwan também receberam maciços recursos e apoio técnico e militar. Isso ajudou a criar uma dinâmica regional de cooperação militar e desenvolvimento econômico. O aspecto regional da Guerra Fria é especialmente importante quando consideradas as relações Coréia-Japão. Os dois países tinham conflitos recentes e uma rivalidade histórica. Graças a dinâmica implantada pelos Estados Unidos na região, a aproximação entre esses dois países foi possível. Mais por interesses estratégicos, tanto militar quanto econômico, do que por afinidade

cultural ou mudança de concepção das duas sociedades. Sobre esa dinâmica, Dani Rodrik (1994) escreveu que “(...) the United States underwrote the export expansion first of Japan, and later of the rest of the East Asian group, as part of a broader security strategy involving the entire region” (p. 9).

Quando a Coréia adotou uma estratégia de substituição de importações nos anos 1950, essa estratégia era uma resposta clara a essa dinâmica econômica regional formada a partir da influência americana<sup>97</sup>. Com a recuperação japonesa e o arrefecer do conflito na península coreana, os volumes de ajuda financeira começaram a declinar. Com isso, a Coréia do Sul altera sua política e inicia a industrialização com foco nas exportações. “The export-led program in the 1960s”, escreve Woo-Cumings (1998, p. 331), “was less the result of the American technical advice than a function of declining US aid”. Posteriormente, o ingresso nos setores da indústria pesada e química também foi uma consequência da Guerra Fria. Alguns episódios marcaram uma nova atitude do governo sul coreano em relação ao desenvolvimento militar e econômico: o fracasso da incursão americana no Vietnam e o início da retirada das tropas nos anos 1970; o aumento das infiltrações de guerrilhas norte coreanas no sul; a tentativa de assassinato do General Park por tropas norte coreanas em 1968; o incidente com o navio norte americano Pueblo, capturado pelos norte coreanos, em 1968, e a derrubada de um avião americano pelo exército norte coreano e; a Doutrina Nixon, que representou na prática um recuo dos esforços militares norte-americanos na proteção dos aliados asiáticos. A quebra da aliança Soviética-Chinesa fez com que os americanos repensassem sua política para região, reduzindo tropas e apoio financeiro. Em 1971, os Estados Unidos retiraram vinte mil soldados da Coréia e a retirada das tropas restantes deveria ocorrer durante os próximos cinco anos.

Esses episódios reforçaram a posição governista de que a Coréia precisava avançar mais forte na sua própria defesa militar. A reação de Park a esses episódios foi enérgica. Se os americanos não mais defenderiam a Coréia do Sul, então ela teria que se defender sozinha. Essa resposta militar foi a essência do programa de

---

<sup>97</sup> The early phase of ISI in South Korea for much of the 1950s was not an ill-thought product of home-grown economists (...) but a catch-as-catch-can method to absorb foreign aid dollars in infrastructural and industrial projects and to keep the foreign aid spigot open (...). Syngman Rhee was well aware of the American plan to solve two intractable problems at once – the revival of the Japanese economy, and the maintenance of viability in the two Cold War wards – by linking them in a regional market, which meant recycling US aid dollars through Taiwan and South Korea to buy goods from Japan. This was the spectre of another Co-Prosperity Sphere. (WOO-CUMINGS, 1998, p. 330).

industrialização pesada e química – que Meredith Woo-Cumings (1998) se refere como “military self-sufficiency defense-related heavy industrialization”. Park convoca uma milícia de dois milhões e meio de homens para serem equipados com armas fabricadas na Coreia do Sul. Assim, a Coreia embarcou na produção de armas e munições através de joint ventures com empresas americanas ou através de empréstimos internacionais, marcando o início da indústria de defesa. O objetivo do governo foi

To make a Big Push with massive investments in steel, shipbuilding, machine building, chemicals and metals. The development of heavy industries implied a strong defense industry, thus ending dependence on American largess in weaponry and various political prices that came with it (WOO-CUMINGS, 1998, p. 333).

Outro aspecto do contexto da Guerra Fria que moldou o desenvolvimento coreano foi o ambiente internacional para política comercial e industrial. Segundo Chang (2009), graças ao contexto da Guerra Fria, os países centrais foram permissivos às políticas de subsídios aos setores exportadores e as restrições de importação na Coreia. A necessidade de defender os países pobres ameaçados pelo conflito de ideologias, que se situavam na fronteira da influência comunista, obrigou os países do bloco capitalista a participarem de forma mais ativa do desenvolvimento econômico dessas regiões. Durante os anos de vigência do GATT (General Agreement on Tariffs and Trade),

Os Estados Unidos lideraram outros países ricos no auxílio ou, pelo menos, na permissão de que os países pobres desenvolvessem suas economias por meio de políticas nacionalistas. (...) os Estados Unidos e outros países ricos permitiram que os países em desenvolvimento protegessem e subsidiassem seus produtores de forma mais ativa que os países ricos (CHANG, 2009, p. 60).

Ou seja, a Guerra Fria, além de proporcionar a aproximação da Coreia com o principal país do centro capitalista, que era a liderança econômica do mundo ocidental, também propiciou um ambiente de “abertura econômica” e “permissividade” com estratégias de desenvolvimento altamente protecionistas. Esse ambiente combinado com a orientação exportadora da economia do país, permitiu o uso dos instrumentos econômicos analisados no capítulo anterior, sem a imposição de sanções pelos países centrais.

Concluimos que a Guerra Fria influenciou pelo menos três aspectos do desenvolvimento coreano. Consolidou a aproximação entre Coréia e Estados Unidos, criando um ambiente regional de desenvolvimento econômico que aproximou os países da região. E, por fim, moldou um ambiente internacional propício para exportações e políticas econômicas protecionistas.

#### 4.5.1. RELAÇÕES COM ESTADOS UNIDOS E JAPÃO

Historicamente a Coréia foi um dos países mais isolados do mundo durante o último período da dinastia Joseon (1392 – 1897). As invasões promovidas pelo Japão e pela Dinastia Qing da Manchúria, durante o século XVII, levaram o país a uma rígida política de isolamento que perdurou até a segunda metade do século XIX. O isolamento terminou somente em 1876 quando o Japão forçou a Coréia a abrir três de seus portos para comércio e declarar extraterritorialidade para japoneses<sup>98</sup>.

O primeiro contato “diplomático” entre sul coreanos e norte americanos não foi nada promissor. Ocorreu em 1866, quando um navio norte-americano, chamado General Sherman, subiu o rio Taedong em direção a Pyongyang – hoje capital da Coréia do Norte – com o objetivo de firmar um tratado comercial. Abordados por oficiais coreanos antes de chegar a cidade, acredita-se que por um erro de comunicação, contrariando ordens de não seguir em frente, os americanos continuaram caminho até abarcaram em Pyongyang. O ato foi visto como uma provocação e um conflito teve início. O número de mortos é incerto, mas nenhum tripulante americano sobreviveu e o navio foi queimado. O conflito ficou conhecido como o “Incidente do General Sherman”. Em 1871, os americanos voltaram a Coréia e invadiram a ilha de Ganghwa matando duas centenas de coreanos em retaliação ao evento de 1866.

Desconsiderando esse desafortunado acontecimento, as relações diplomáticas entre a Coréia e os Estados Unidos tiveram início em 1882, com a assinatura do primeiro tratado comercial entre os dois países. Logo após esse

---

<sup>98</sup> Esse acordo, extremamente desfavorável para Dinastia Jeseon, ficou conhecido como o Tratado de Ganghwa. Historiadores apontam que o tratado foi o principal fator para o fim do reinado de 500 anos da dinastia.

tratado, missionários cristãos americanos chegaram a Seoul e Pyongyang onde construíram escolas, igrejas e hospitais (KIM, H., 2010). Com o início da Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), logo as relações entre os dois países ficaram abaladas. O imperador coreano solicitou a intervenção americana para tentar garantir a independência do país. O enviado oficial do imperador coreano aos Estados Unidos para tentar convencer os americanos de uma intervenção armada foi Syngman Rhee, que em 1948 seria eleito o primeiro presidente da Coreia do Sul. Ao final, os americanos acabaram apoiando os japoneses, que se sagrariam os vencedores da guerra.

Durante todo o período em que os japoneses dominaram a Coreia, o governo norte-americano ignorou a situação do país. Não ouviu os apelos para interceder em favor da independência do país e não reconheceu o governo provisional coreano em exílio montado em Shanghai em 1919. Foi apenas na Conferência do Cairo, em 1943, que os Estados Unidos alteraram sua política em relação a Coreia, comprometendo-se com a libertação do país.

Entre o final da Segunda Guerra e a Guerra da Coreia, em 1953, os Estados Unidos estiveram presentes no país e sem dúvida o governo americano foi uma força auxiliar na administração do país após a libertação do domínio japonês. Todavia, foi apenas após a Guerra da Coreia que os americanos efetivamente exerceram uma influência maior. Antes da divisão do país, a presença americana era vista com maus olhos por uma sociedade que ansiava por independência após um longo período colonial.

Entretanto, após a Guerra da Coreia a presença americana não só foi bem-vinda do ponto de vista econômico, como foi essencial na garantia da sobrevivência nacional. Os Estados Unidos ajudaram na sua reconstrução tanto com aportes financeiros quanto com ajuda técnica e militar. A influência americana durante esse período foi crucial para o restabelecimento da indústria nacional coreana, que fora quase completamente destruída durante a Guerra. A opção por uma estratégia de desenvolvimento por substituição de importações durante o governo Syngman Rhee foi, em certa medida, uma maneira de maximizar os aportes financeiros americanos. Todavia, a gênese do modelo de exportações posterior, principalmente em relação às instituições que deram suporte, podem ser rastreadas dentro deste período de forte influência americana.

The birth of Korean capitalism was directly linked to the post-World War II military alliance between Korea and the United States – at least in the sense that it came into being under the shield of the US and Korean governments. After the departure of the Japanese in 1945, the US military authority allowed some Koreans businessmen to obtain the assets of Japanese firms, many of which grew into the *chaebol* of the 1990s (KIM, C., 2011, p. 477).

O problema da defesa nacional e a posição americana na Guerra Fria foram dois fatores definitivos para a consolidação da aliança entre os dois países. Com a constante ameaça de conflito na península coreana, os Estados Unidos foram extremamente generosos com o desenvolvimento econômico coreano, aportando capitais, cedendo empréstimos sob ótimas condições e aportando enormes quantidades de ajuda financeira. Assim, os Estados Unidos se tornaram no principal parceiro comercial da Coreia, bem como, juntamente com o Japão, o principal investidor e financiador do desenvolvimento coreano.

For over sixty years, the Republic of Korea-US alliance has played a safety-pin role in preserving peace and stability on the Korean peninsula and in the Northeast Asian region. Based on common ideology and values, it also has functioned as an important institutional foundation for a strong bilateral economic and commercial relationship that underpinned mutual security and prosperity (KIM, C., 2011, p. 471)

Entretanto a posição americana foi se alterando na medida em que a Guerra Fria foi arrefecendo. Vimos que a Coreia modificou sua relação comercial com os Estados Unidos ao longo do período. Passou de uma situação deficitária para superavitária em meados da década de 1970. Em 1987, a Coreia alcança o maior superávit comercial com os Estados Unidos, em relação ao PIB.

No início dos anos 1980, a economia americana começa a incorrer em frequentes e cada vez maiores déficits comerciais. O governo Reagan passa a tomar medidas para reduzir esses déficits. Em 1987, o déficit comercial americano chega a 2,97% do PIB, o maior até então registrado<sup>99</sup> – não por acaso é o ano em que a Coreia tem o maior superávit na balança com os Estados Unidos tanto em valores absolutos como em proporção do PIB. Após 1987, o superávit comercial da Coreia com os Estados Unidos cai abruptamente até tornar-se deficitário em 1991. As exportações coreanas para os Estados Unidos que correspondiam a 38,73% do total exportado em 1987 caem para 25,82% em 1991. Em termos absolutos, as

---

<sup>99</sup> Os dados sobre balança comercial norte americana foram extraídos do World Development Indicators do sistema de estatísticas do Banco Mundial (World DataBank).

exportações para os Estados Unidos que em 1988 totalizavam 21,4 bilhões de dólares, foram de apenas 18,5 bilhões em 1991 em valores correntes. Em compensação, as importações de produtos americanos que corresponderam a 21,35% do total importado em 1987, subiram para 23,18% em 1991. Em termos absolutos, passou de 8,7 bilhões em 1987 para 18,8 bilhões em 1991. Eliot Kang (2007) nota que a queda da participação americana como destino das exportações coreanas é fruto de uma mudança política nos Estados Unidos no arrefecer da Guerra Fria.

“The United States (...) was becoming more free to pursuit its own economic interests; and Washington (...) increasingly less inclined to view the nation as an important military ally but more inclined to view the nation as a competitor and mercantilist state. (...) A large part of the trade balance shift was the result of increasing protectionism in the United States against South Korean products as well as pressure on South Korea to reduce and eliminate its barriers against U.S. goods and services” (p.80-81).

Note que além de mudanças internas na economia americana – como o aumento de restrições de importações imposto pelo governo Reagan – a sugestão de Kang é de que houve uma mudança de visão dos americanos em relação ao desenvolvimento coreano no final dos anos 1980. A condescendência para com as políticas nacionalistas e protecionistas estava chegando ao fim. Essa posição americana certamente influenciou o governo coreano na sua gradual abertura econômica, liberalização comercial e o desmantelamento do *Developmental State*. Na mesma época, mais precisamente em 1988, a Coréia teria sua democracia restaurada depois de quase três décadas de tirania ditatorial. Não por acaso todos esses acontecimentos ocorreram no mesmo período: o arrefecer da Guerra Fria; a mudança de posicionamento americano quanto a estratégia coreana e; a abertura democrática na Coréia do Sul.

É claro que os Estados Unidos continuariam a ser um dos principais aliados comerciais coreanos até os dias atuais. Em 1991, a Coréia do Sul era o sexto maior importador de produtos norte-americanos do mundo, perdendo para Canadá, Japão, México, Reino Unido e Alemanha. Entretanto, considerando esses países em termos per capita, isto é, o volume total de importações dividido pelo número de habitantes, a Coréia era o quinto maior importador de produtos americanos do mundo. Nesse mesmo ano, a Coréia era ainda o oitavo maior mercado de importação americano,

perdendo para Japão, Canadá, México, Alemanha, Taiwan, China e Reino Unido. Em termos per capita, todavia, era o quarto, perdendo para Canadá, Taiwan e Japão. Isso demonstra que não apenas os Estados Unidos eram um importante mercado para a Coreia, mas também a Coreia era um importante mercado para os norte-americanos. Todavia, essa relação estava, no final da década de 1980, se alterando qualitativamente. E essa mudança ocorre conjuntamente com o desmantelamento da estrutura do *Developmental State*.

A história das relações entre Japão e Coreia é marcada por conflitos. Vimos anteriormente que o período de dominação colonial japonês na Coreia foi bastante traumático, ainda que tenha semeado as bases do moderno Estado coreano. Por conta desse período, um forte sentimento antinipônico ainda perdura na sociedade coreana até os dias de hoje. Apesar da impopularidade da medida, em 1965, o governo do General Park retoma as relações diplomáticas depois de uma longa negociação que envolveu reparação financeira pelos prejuízos morais e financeiros do período colonial.

É importante compreender o papel do Japão como líder econômico regional no leste asiático. A palavra “liderança” pode ser entendida aqui em dois sentidos: o Japão foi o primeiro dos países da região a iniciar uma trajetória clara de desenvolvimento e; a significância econômica que o país adquiriu lhe permitiu exercer influência, ainda que indiretamente, sobre o comportamento e a trajetória dos seus vizinhos. O Japão foi pioneiro numa trajetória de desenvolvimento sobre a qual os outros países da região puderam trilhar e se beneficiar conjuntamente. Nesse sentido, a dinâmica de desenvolvimento regional é fruto da lógica econômica derivada do percurso japonês.

O Japão, assim como a Coreia posteriormente, seguiu uma dinâmica de desenvolvimento que compreendia a incorporação gradual de tecnologia, numa abordagem “step-by-step”, adaptando-se às condições externas, buscando elevar-se na divisão internacional do trabalho. Inicialmente o Japão era um importador de produtos manufaturados dos países desenvolvidos e um exportador de commodities primárias. Posteriormente, passa a ser importador de matérias-primas e bens de capital e exportador de manufaturas leves. Por fim, passa a ser importador de petróleo e produtos agrícolas e exportador de manufaturas da indústria pesada. Essa estratégia de desenvolvimento foi sendo adaptada em conformidade com o contexto

econômico internacional, num processo de tentativas e erros, moldando instituições conforme as etapas foram avançando.

Posteriormente, essa estratégia de desenvolvimento foi copiada ou seguida por outros países do leste asiático, o que resultou na criação de um padrão de comércio e de troca de experiências e tecnologia intra-regionais. O “Big Push” japonês proporcionou que os outros países da região decolassem junto, aproveitando-se do papel vanguardista do líder. Esse padrão é explicado pelo modelo dos “gansos voadores” – no inglês, “flying geese” (UNCTAD, 1996). Originalmente desenvolvido pelo economista japonês Kaname Akamatsu, esse modelo explica o papel do Japão como “ganso líder” do desenvolvimento regional. O modelo explica a evolução da divisão regional do trabalho no âmbito do leste asiático. Segundo esse modelo, os países da retaguarda se utilizam das tecnologias e das instituições da economia líder para impulsionar o seu desenvolvimento. Segundo o modelo, o desenvolvimento das nações retardatárias se daria em conformidade com uma hierarquia regional de produção de bens em que a produção de mercadorias continuamente se deslocaria do país mais avançado para os países mais atrasados na medida em que as etapas tecnológicas fossem sendo completadas.

(...) these countries have evolved along a dynamics comparative advantage path in which intra-regional trade and investment has led to a vertical as well as a horizontal division of labor. The model sustains a linked kind of development (KOSAI; TAKEUCHI, 1998, p. 314).

O sucesso dos países retardatários depende da sua capacidade em copiar instituições e a estrutura produtiva do país líder, adaptando-as em conformidade com suas características e tradições culturais internas. Mais do que isso, a capacidade dos países retardatários em movimentar-se ao longo da curva de aprendizado do país líder é o que determina a sua posição na trajetória herdada. Palma (2008) mostrou como a Coréia e Taiwan “herdaram” setores produtivos nos quais o Japão não mais podiam competir, seja porque são setores intensivos em trabalho ou porque esgotou-se o potencial de crescimento da produtividade. Palma mostra que os setores que mais tiveram perda de participação nas exportações japonesas a partir de 1963, foram justamente aqueles que tiveram rápida expansão na participação das exportações de Coréia e Taiwan. Portanto há um movimento de

“transferência” da produção de certos produtos do país líder para os países retardatários. Palma ainda demonstra que, posteriormente, quando esses mesmos setores, após atingir o pico, começam a perder participação nas exportações coreanas e taiwanesas, eles começam a ganhar participação nas exportações dos outros países asiáticos da “terceira leva”, Tailândia e Malásia.

The crucial issue here is that when productive capacity is transferred to the geese that are following them, these substitute the exports of the more advanced goose in world markets, creating a sequence of ‘inverted U-paths’ (PALMA, 2008, p. 19).

Portanto há, claramente, uma dinâmica regional de transferência de produção e de tecnologia das economias líderes para as retardatárias. Esse movimento mostra como foi crucial a transferência de tecnologia japonesa para a Coreia, que por sua vez justifica a sua posição importadora de bens de capitais japoneses.

Palma ainda destaca um outro componente do padrão “flying geese” que é o que chama de “movimento paralelo na curva de aprendizado”. São setores que apresentam alto dinamismo da demanda no comércio externo explorados pelo líder e que os países retardatários tentam “imitar” ou “anexar” a sua estrutura produtiva mesmo que o país líder não tenha esgotado sua produtividade. Nesse caso, os países retardatários copiam a trajetória do líder competindo com ele ao invés de substituí-lo. Palma chama esse processo de “imitation-with-a-lag”. Nesse processo por vezes o país líder abre mão da produção de insumos necessários para a produção desses produtos, repassando-os para os países retardatários, aumentando a integração regional das linhas produtivas.

O padrão do “flying geese” não é um movimento espontâneo de mercado. Para que exista benefício mútuo entre o país líder e o país seguidor, certas políticas públicas de intervenção devem existir, em ambos os países, para coordenar o processo de transferência. Caso contrário, o processo pode não necessariamente ser harmonioso, gerando competição e conflitos entre os países. Ademais, a transferência de setores do país líder para os demais depende de uma opção clara do país líder em progredir sua estrutura produtiva e abandonar setores que começam a estagnar por falta de competitividade. “Thus many of the positive international spillovers within East Asia have been ultimately generated because of the success of the industrial policies of the lead economies, rather than through a

purely market-generated process” (UNCTAD, 1996, p. 79). Da mesma forma, o país seguidor deve ser capaz de adaptar sua estrutura produtiva para comportar a produção desses novos setores. Frequentemente essa adaptação depende da criação de instituições que permitam a incorporação de tecnologia e o direcionamento de investimentos. Nesse sentido, o manejo dos investimentos estrangeiros diretos é fundamental nesse processo. Conforme vimos anteriormente, a partir da década de 1970, o Japão foi o principal país a aportar investimentos estrangeiros diretos na Coreia. Logo, o processo de normalização das relações foi essencial para que a Coreia pudesse usufruir desse padrão.

Vimos anteriormente a enorme influência que o Japão exerceu na Coreia – tanto no período colonial quanto na construção do *developmental state* – na forma de organização e atuação do Estado. Agora procuramos mostrar como o desenvolvimento japonês ajudou a criar uma dinâmica regional que beneficiou a Coreia do Sul. O padrão das relações econômicas entre Japão e Coreia do Sul é melhor interpretado quando se reconhece a liderança japonesa dentro de uma lógica produtiva regional. Os investimentos estrangeiros diretos do Japão na Coreia, bem como o déficit estrutural nas relações comerciais da Coreia com o Japão, são elementos cruciais da integração da Coreia nessa estrutura da divisão internacional do trabalho na região. A capacidade do Estado coreano em responder e se adaptar a essa oportunidade de desenvolvimento foi crucial para o sucesso do seu desenvolvimento econômico. Assim, o Japão não só influenciou no progresso coreano pela sua herança colonial – que ajudou a moldar o Estado coreano – ou pelo exemplo de organização industrial, mas também ao liderar uma integração econômica dinâmica regional.

## 5. CONCLUSÕES

Este estudo investiga os aspectos de relações econômicas internacionais que impactaram ou influenciaram o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul na segunda metade do século XX. A Coreia é um dos casos de desenvolvimento econômico mais notáveis da história do capitalismo justamente por ter conseguido superar uma condição de pobreza e estabelecer uma base material próspera e duradoura para sua população. Arrasada por uma guerra civil devastadora, a Coreia logrou, em trinta anos, emergir de uma situação calamitosa para consolidar uma economia industrial moderna e inserida no mercado internacional.

A partir dos anos 1980, com o sucesso da trajetória econômica japonesa e a cada vez mais evidente ascensão econômica de outros países do leste asiático, a comunidade acadêmica passou a investigar com especial atenção o fenômeno regional. Autores de diversas correntes do pensamento econômico investigaram o caso do desenvolvimento econômico do leste asiático e, em especial da Coreia do Sul, em busca dos fatores que pudessem explicar o que até aquele momento era um dos mais espetaculares casos de superação do subdesenvolvimento já observado. Dessa longa e interessante disputa acadêmica, a teoria do *Developmental State* surgiu e se consolidou como um modelo interpretativo que respondia satisfatoriamente às perguntas suscitadas pelos cientistas. Os teóricos do *Developmental State* mostraram como um Estado ativo economicamente exerceu funções específicas, utilizando uma ampla gama de instrumentos econômicos e mecanismos institucionais e políticos, que permitiram a alguns países do leste asiático transformar a sua economia.

No caso da Coreia do Sul, a indústria de exportação foi o setor econômico escolhido para uma vigorosa acumulação de capital orientada pelo Estado e materializada pelos *Chaebol*. Esse processo propiciou a transformação da estrutura produtiva do país, através de uma política de investimento maciça e coordenada, que fez consolidar um parque industrial moderno voltado para exportação. Os teóricos do *Developmental State* apontam que o Estado foi o condutor desse processo, exercendo funções como coordenador econômico, provedor de uma visão de futuro, criador de instituições e administrador de conflitos (CHANG, 1999).

Mostramos que entre 1961 e 1991, o Estado concentrou boa parte das ações econômicas – ainda que não diretamente – criando instituições de planejamento,

controle e incentivos que foram essenciais no direcionamento da economia. Além disso o Estado incutiu na sociedade uma ideologia de desenvolvimento e autonomia econômica. Também alinhavou o pacto político que deu suporte as transformações e distribuiu a participação dos atores sociais dentro desse objetivo. Todas essas medidas foram amplamente discutidas no terceiro capítulo deste trabalho.

A capacidade do Estado coreano em prover uma visão econômica de futuro e coordenar os agentes econômicos que efetivamente puseram em prática os planos são aspectos importantes da análise. A elaboração de projetos de longo prazo, dentro de um planejamento coerente e com objetivos desenvolvimentistas bem definidos, dependeu da autonomia do Estado em relação as pressões políticas dos diversos grupos sociais e da capacidade do Estado de estabelecer metas realistas, atingíveis e desejáveis. Por outro lado, a coordenação dos agentes econômicos para execução dos planos dependeu de uma engenharia institucional específica que moldou uma aliança estratégica entre os capitalistas e o Estado – uma vez que o Estado coreano optou por intervenção econômica indireta.

A criação de uma ideologia para o desenvolvimento foi um fator de coesão nacional que mobilizou a sociedade para superar uma situação de subdesenvolvimento. Através dela, o poder político assumiu papel preponderante para consecução desse objetivo. O Estado passou a coordenar o processo econômico que viria a promover o desenvolvimento do país. A ideologia para o desenvolvimento justificou um Estado forte e interventor como forma de atingir um objetivo desejável por todos os segmentos da sociedade. Assim, o Estado torna-se o principal agente econômico ao desenvolver e executar uma estratégia de transformação.

A capacidade de construir uma estratégia de desenvolvimento coerente esteve intimamente ligada as qualidades apresentadas pela burocracia pública. No caso coreano, destacamos duas características que lhe permitiram elaborar planos que de fato puderam transformar a estrutura produtiva do país e que estiveram em acordo com as potencialidades da nação. A burocracia pública coreana se aproximou do tipo ideal weberiano, isto é, coesa, capaz, com forte senso cooperativo e de unidade, provida de capital humano de alta qualidade etc. Além disso, a burocracia coreana apresentou a qualidade de “autonomia inserida”, isto é, a capacidade de estar inserida dentro da sociedade e assim conhecer as verdadeiras capacidades e potencialidades da economia do país ao mesmo tempo

em que é autônoma de interesses classistas ou particulares de agentes ou setores da sociedade. A construção dessa burocracia pública inicia-se durante o período colonial e seguiu aprimorando-se durante o governo Park. A presença de uma burocracia pública com essas características e a predominância do Estado na função de prover uma visão de futuro permitiram a criação de instrumentos de planejamento estratégico nacional, consolidados nos Planos Quinquenais. Os Planos Quinquenais foram o principal instrumento de coordenação econômica e sua eficácia foi fruto da coesão nacional para o desenvolvimento e da excelência da burocracia pública.

Alice Amsden (1989) mostrou como a aliança estratégica entre Estado e a classe capitalista foi essencial para a efetiva execução do planejamento econômico. O surgimento e consolidação dos *chaebol*, os grandes conglomerados industriais coreanos, foi fruto da íntima relação entre a elite política e a elite econômica. Através dos Planos Quinquenais, o governo estabelecia metas de produção, exportação e inovação tecnológica que eram respondidos pelos grandes empresários. A ambição dos planos e o sucesso em alcançar os objetivos fez consolidar uma classe de empresários com acesso privilegiado aos recursos estatais. O resultado dessa aliança foi a concentração de poder econômico em poucas grandes empresas. Para atender aos planos e as metas impostas, essas empresas tiveram de adaptar sua estrutura produtiva, o que por fim lhes permitiu adquirir experiência administrativa e operacional em diversos setores econômicos. Desta forma, essas grandes empresas puderam expandir sua produção de forma diversificada, produzindo uma gama enorme de produtos de diferentes intensidades tecnológicas e com finalidades econômicas distintas. A capacidade de diversificar a produção e se adaptar às metas e planos governamentais foi crucial para o sucesso do projeto coreano.

O Estado selecionou e cooptou a elite econômica através do controle do mercado financeiro do país (WOO, 1991; CASTRO, 2009; CHANG, 1993). O controle do mercado financeiro coadunadas com outras medidas institucionais permitiu ao Estado ser o agente econômico responsável pelo financiamento de grandes projetos industriais. Desta forma, a elite econômica sul coreana não tinha outra opção para financiar sua atividade. Os investimentos privados deveriam estar em acordo com os projetos estatais. Os financiamentos eram concedidos para projetos específicos, que respondiam a rígidas metas de produtividade, exportação e incorporação de tecnologia. Empresas que não atendiam às metas eram

“eliminadas” do pacto, e seu controle era repassado para outras empresas que tivessem demonstrado capacidade gerencial e sucesso em atingir as metas. Esse sistema de cooptação por crédito e seleção por mérito foi a base da construção do pacto entre capitalistas e o Estado e que permitiu o surgimento e a consolidação dos conglomerados industriais, os *chaebol*.

O Estado coreano utilizou uma gama de instrumentos de política econômica que permitiram aumentar o nível de investimentos e direcionar a alocação de crédito para os setores industriais chave. Com o controle sobre o setor financeiro, o Estado pode fornecer créditos subsidiados para projetos específicos dos Planos Quinquenais. Esses financiamentos eram concedidos aquelas empresas que concordassem em perseguir as metas que o governo impunha. O governo criou bancos de desenvolvimento específico por setor econômico, de forma a intensificar o acompanhamento dos resultados dos financiamentos. Para não perder o controle da economia, o governo selecionou e impôs severas restrições aos investimentos estrangeiros externos. Com intuito de aumentar a poupança interna – medida necessária para financiar os investimentos – o governo impôs restrições ao consumo para a população. Operações de crédito para consumo eram extremamente restritivas. Assim o governo utilizou diversos instrumentos de política econômica e criou instituições de forma que compuseram uma gama de incentivos e desincentivos econômicos para moldar o comportamento de consumo das famílias e o padrão de investimento das firmas. Todas essas medidas respondiam ao desejo da elite governante de superar o subdesenvolvimento e obter ganhos de “autonomia externa” frente a um ambiente internacional de ameaça da integridade nacional.

O modelo interpretativo do *Developmental State* mostra como essa conjunção de aspectos políticos, econômicos e sociais moldaram esse Estado forte e economicamente ativo. Foi o Estado quem promoveu a organização econômica, forneceu o plano nacional de desenvolvimento, angariou os recursos necessários, construiu as alianças políticas que deram suporte ao plano e coordenou o processo de transformação estrutural.

Um dos aspectos mais evidentes do desenvolvimento econômico sul coreano foi a sua rápida inserção no mercado mundial de tal forma que acabou por modificar a sua posição na divisão internacional do trabalho. A elite econômica coreana fez uma clara opção por um desenvolvimento “para fora”, ou “Export-led growth”. O processo de inserção no mercado mundial foi uma opção consciente e planejada,

que buscava obter vantagens através de ganhos do comércio exterior. A mobilização de recursos externos também foi um fator importante de financiamento do projeto de desenvolvimento. No capítulo quarto, analisamos os aspectos externos que influenciaram o desenvolvimento coreano.

Ao analisarmos o padrão institucional e econômico com o qual o Estado coreano conduziu as relações internacionais, resta evidente que o sucesso do desenvolvimento econômico coreano dependeu da articulação entre a sua estratégia de industrialização com o mercado externo através dos mecanismos do *Developmental State*.

Existe uma relação entre o desenvolvimento econômico, o *Developmental State* e as suas relações internacionais na medida em que: a) o financiamento externo permitiu o investimento em grandes projetos industriais em setores estratégicos; b) a entrada de investimentos estrangeiro direto ajudou na absorção de tecnologias; c) a ajuda financeira e a entrada de capitais permitiram à Coreia manter taxas de investimentos superiores a capacidade de financiamento interno via poupança; d) a estratégia econômica de inserção nos mercados mundiais, através de uma orientação exportadora da indústria ocorreu dentro de um contexto de forte crescimento do comércio internacional e contou com a permissividade dos países centrais em relação a políticas industriais e comerciais protecionistas; e) as instituições criadas pelo Estado permitiram o gerenciamento das relações econômicas exteriores da Coreia de forma integrada com o projeto de desenvolvimento coreano; f) a capacidade do Estado coreano em moldar instituições e rever estratégias foi fundamental na medida em que o Estado pode efetivamente responder as diferentes fases da Guerra Fria e as suas consequências econômicas e geopolíticas; g) a necessidade da defesa do Estado no contexto da Guerra Fria foi um fator de articulação importante da estratégia de desenvolvimento adotada durante o período analisado; h) A Guerra Fria abriu a possibilidade de uma integração econômica regional – que seria bastante improvável, dado o histórico conflituoso principalmente entre Coreia e Japão – que beneficiou os países conjuntamente, criando uma lógica econômica de desenvolvimento regional.

Recursos externos foram fundamentais para o desenvolvimento coreano na medida em que ajudou a financiar os grandes projetos industriais. Vimos que o a função de coordenação foi uma das características mais marcantes do *Developmental State* coreano. Essa função se aplica integralmente quanto a

alocação dos recursos externos. O governo foi cirúrgico ao manejar os recursos ingressados no país, dando-lhes destino em conformidade a sua estratégia de desenvolvimento com visão de longo prazo. Os investimentos estrangeiros diretos, por exemplo, foram direcionados para projetos que necessitavam grande aporte de capital. Essa característica é manifesta tanto nas fases iniciais do processo, quando recursos externos ajudaram a consolidar a indústria têxtil, quanto nas últimas etapas de desenvolvimento, com no estabelecimento de uma indústria naval.

Na primeira fase da industrialização promovida pelo governo Park, os recursos externos ajudaram a financiar os investimentos na indústria têxtil e na indústria de fertilizantes. A indústria têxtil, conforme vimos quando da análise da pauta de exportações, foi a principal indústria de exportação do início da década de 1960. A instalação de uma indústria de fertilizantes fez parte de um processo de substituição de importações de insumos básicos da agricultura. Ajudou a reduzir os custos da agricultura coreana e diminuir a pressão dos insumos agrícolas sobre a pauta de importações.

Nas fases seguintes, o financiamento externo proporcionou a instalação da indústria pesada e química (HCI), maquinário elétrico, equipamentos de transporte e na indústria naval. Todos esses setores tiveram impacto enorme sobre a pauta de exportação. Com fortes restrições ao ingresso de investimento estrangeiro direto no setor de serviços e o baixo potencial de lucros no setor primário, os investimentos foram direcionados quase que exclusivamente para o setor manufatureiro exportador.

Ainda que não tivesse impacto muito significativo no nível de investimento total da economia, a forma como o Estado coreano gerenciou a entrada de investimento estrangeiro direto foi fundamental para a incorporação de novas tecnologias. Um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento coreano foi a sua capacidade de rapidamente progredir na escala tecnológica da produção. Os investimentos estrangeiros diretos eram direcionados para setores específicos em que a tecnologia era a variável chave. Para forçar a assimilação das novas tecnologias, o governo obrigava que os investimentos estrangeiros diretos fossem efetivados através de *joint ventures* e em parcerias com firmas coreanas de maneira que os novos métodos e novos produtos pudessem ser incorporados pela indústria nacional. Assim, a Coreia do Sul pode obter máquinas, equipamentos, patentes de produtos e técnicos estrangeiros que permitiram ampliar sua fronteira tecnológica.

A mudança estrutural da base produtiva do país foi possível graças ao alto nível de investimentos no país. Entre 1961 e 1991 a Coreia manteve uma taxa média de investimento anual na base de incríveis 26,5% do PIB. Conforme vimos, o governo tomou medidas para aumentar a poupança interna como forma de financiar o investimento. Todavia, apenas as fontes internas de financiamento não poderiam ter sustentado esse nível de investimentos.

Assim, o país utilizou amplamente os recursos oriundos da ajuda financeira internacional (principalmente até 1965), de poupança e empréstimos externos para financiar investimentos e a importação de máquinas e equipamentos. Sob essa política, a Coreia do Sul chegou a acumular a quarta maior dívida externa do mundo em 1985. Sua condição de tomadora de recursos externos foi amenizada somente a partir do final dos anos 1980 quando finalmente obteve superávits na balança comercial. Um dos fatores que facilitou acesso aos recursos externos foi sua bem estabelecida parceria com os Estados Unidos e o Japão. Esses países concediam empréstimos sob condições bastante favoráveis para a Coreia. Entre 1961 e 1991 a poupança externa financiou 16% do total de investimentos do período. Entre 1961 e 1971, chegou a financiar metade dos investimentos do país (CHUNG, 2007). Além disso, a Coreia do Sul conseguiu apoio financeiro de outros países com condições favoráveis para importação de máquinas, equipamentos e insumos para indústria de exportação. Do primeiro empréstimo de alto concedido pelo Japão à Coreia, boa parcela do valor total foi destinada como créditos para importação de equipamentos japoneses.

Mostramos que, a partir da segunda metade do século XX, o comércio internacional se intensificou, alcançando taxas de crescimento muito superiores às da primeira metade do século. Tanto o volume quanto o valor das mercadorias aumentaram a taxas superiores do que o crescimento econômico mundial. Esse processo de integração comercial entre países privilegiou a estratégia de desenvolvimento para o mercado externo que a Coreia do Sul adotou. O país logrou aumentar sua participação no mercado externo em um ambiente de expansão do comércio internacional. Todavia o aumento da participação coreana não foi simplesmente um reflexo da tendência internacional, uma vez que sua participação no total do comércio internacional foi ampliada muito acima da sua participação no PIB mundial. Além da expansão do comércio, esse período foi caracterizado por uma maior permissividade dos países centrais em relação as políticas industriais

nacionalistas e práticas comerciais protecionistas adotadas pela Coréia. Assim, o contexto de expansão e liberdade de práticas comerciais nacionalistas foram benéficas para a Coréia e sua estratégia de desenvolvimento via exportações

O Estado coreano criou instituições que lhe permitiram integrar sua estratégia de transformação estrutural interna com sua inserção no comércio exterior. As agências de comércio exterior criadas pelo governo cumpriram essa função. Através de agências como a KOTRA, a KTA e a FKI as empresas coreanas, com auxílio do governo, puderam ampliar seu mercado, obter informações mais precisas sobre oportunidades de negócios, melhorar a imagem e a aceitação dos produtos coreanos. Essas agências aceleraram o processo de aprendizado comercial, na medida em que as experiências das empresas pioneiras serviam de orientação para novos exportadores. A criação dessas agências facilitou a coordenação e fiscalização das exportações. O controle sobre a oferta e sobre a qualidade dos produtos exportados fez com que a conquista de novos mercados fosse facilitada. O trabalho das agências de comércio exterior fez ampliar o número de parceiros comerciais da Coréia. Entre 1965 e 1991, o número de países que importavam produtos coreanos passou de 42 para 199. Ainda que a dependência do comércio com Estados Unidos e Japão seja uma característica de todo o período, se observou um processo de diversificação de parceiros tanto para exportações quanto para importações. A expansão do número de parceiros ocorreu concomitantemente com a ampliação dos trabalhos das agências. Entre 1962 e 1970, o número de escritórios da KOTRA em outros países subiu de quatro para trinta e nove.

Além das agências de comércio exterior, o governo também criou zonas de industriais específicas para fábricas exportadoras (Free Export Zones). Mais uma vez, a concentração das firmas exportadoras facilitou o controle da produção e da qualidade e a cooperação entre as empresas. As Free Export Zones fizeram reduzir o custo de implementação da política industrial uma vez que o apoio técnico, administrativo, logístico e a infraestrutura necessárias para grandes empreendimentos eram concentrados em poucos, porém grandes polos industriais.

Identificar o papel da Coréia dentro do jogo de forças da Guerra Fria é crucial para compreender como a política de desenvolvimento da Coréia se coadunou com os aspectos externos e o contexto geopolítico da época. A Coréia do Sul foi um dos principais atores da Guerra Fria. Em primeiro lugar, por ter sido ela mesma alvo das disputas de poder entre os polos capitalistas e comunistas. A Coréia do Sul esteve

muito próxima da extinção, e esse fator condicionou a cabeça das elites governantes e militares do país. A formação de uma ideologia desenvolvimentista, que foi crucial para a transformação econômica (um dos fatores mais importantes enfatizados pelos autores do *Developmental State*), foi resultado direto da condição do país dentro das disputas geopolíticas. Essa foi a primeira condição que a Guerra Fria impôs ao desenvolvimento sul coreano.

A estratégia de desenvolvimento através de um setor industrial exportador foi beneficiada pelas mudanças no padrão da divisão internacional do trabalho na região. Vimos que há uma correspondência entre os ciclos produtivos dos países do leste asiático com as distintas fases do processo de desenvolvimento coreano. Vimos que existiu uma hierarquia bem definida da divisão regional do trabalho. O Japão foi o país líder da região, seguido por Coréia e Taiwan, que por sua vez foram seguidos por Tailândia e Malásia. O padrão de produção e comércio intra-regional demonstra claramente como a produção de certos bens foram deslocados de um país a outro acompanhando uma sequência tecnológica. Na medida em que o desenvolvimento do líder tornava mais custosa a produção de certos bens, os países do segundo nível de hierarquia os incorporava no seu parque produtivo, substituindo o país líder. Esse processo de transferência de produção entre países acabou criando uma dinâmica não apenas de transferência da produção, mas também de conhecimentos técnicos e experiências institucionais que permitiram à Coréia acelerar o seu processo de desenvolvimento. Além disso, esse processo fez incrementar o comércio intra-regional, permitindo que a Coréia aumentasse a sua participação no comércio internacional.

As conclusões desse trabalho são relevantes pois complementam o debate sobre Desenvolvimento Econômico. Pesquisadores e estudiosos do *Developmental State* frequentemente estão preocupados na possibilidade da replicação desse modelo para outras economias. Peter Evans (1998) e Ha-Joon Chang (2010) apresentam lições extraídas do *Developmental State* coreano, japonês e taiwanês. Ao menos no caso coreano, é bastante claro que a combinação das funções estatais com uma estratégia de ganhos de autonomia externa e defesa nacional foi fundamental para promover o desenvolvimento. Entretanto esses fatores são estéreis se não analisados dentro do contexto da Guerra Fria. Como afirmou Chalmers Johnson:

Many writers in the United States concluded from these events that the Asian 'miracle' was a flash in the pan<sup>100</sup> [...]. Unfortunately for them, these American writers have seen only those aspects of the Asian economic crisis that neoclassical economics illuminates for them. They have refused to notice the cold war context in which the Asian economies flourished or how overextended they themselves are as the economic and military guarantors of the Asian system" (JOHNSON, 1999, p. 33, grifos nossos).

Sem dúvida as características enfatizadas pelos interpretes do *Developmental State* tiveram efeito notável sobre a trajetória de crescimento econômico do país. Não se trata de negá-las. Mas cabe ressaltar que o Estado teve a flexibilidade e a visão ampla de coadunar o contexto externo com os instrumentos internos, aproveitando-se do ambiente internacional para efetivar sua estratégia de desenvolvimento. Resta evidente que a questão da replicabilidade do modelo deve enfatizar a capacidade flexível do Estado que pode ajustar a trajetória econômica em conformidade com os aspectos externos. O Estado coreano foi hábil ao adaptar sua política de desenvolvimento e o uso dos instrumentos de política econômica sempre que o ambiente externo, político e econômico, se alterava. Enxergar as oportunidades e as barreiras que emergem do contexto internacional foi uma característica fundamental da burocracia pública e dos dirigentes políticos da Coreia do Sul.

Outro aspecto importante é a estreita relação econômica e política entre a Coreia e dois dos principais países capitalistas do mundo. O Estados Unidos foram, e continuam sendo, a grande liderança econômica mundial. O Japão veio a se consolidar como uma das mais importantes economias do mundo durante o século XX, tornando-se a principal liderança econômica do leste asiático. Seja por conveniência, seja por contingencia histórica, a aliança coreana com esses dois países foi, sob certo aspecto, pragmática. A rejeição popular à retomada das relações com o Japão era genuína, oriunda de um forte ressentimento da população. Por outro lado, a estreita relação com dos Estados Unidos com a Coreia do Sul durante as ditaduras de Park Chung-hee e Chun Doo-hwan fez consolidar um sentimento anti-americano bastante forte no país (SHIN, 1996). Nesse sentido se pode afirmar que a relação com Estados Unidos e Japão foi pragmática. Ainda que a Coreia apresentasse um alto grau de dependência no comércio, no fluxo de capitais e na segurança nacional, essa dependência se traduziu em grandes benefícios para

---

<sup>100</sup> "Flash in the pan" significa que não pode ser repetido ou replicado.

o país. Não só porque teve amplo acesso a esses mercados, aos aportes de capitais, à ajuda militar e técnica, mas também porque a trajetória econômica desses países foi segura por todo o período.

A grande lição que podemos extrair a partir da análise que propomos, que combina os fatores internos e externos, do processo de desenvolvimento coreano é que o plano de desenvolvimento nacional deve levar em consideração as condições políticas e econômicas internacionais. Essas condições não são, por sua vez, estáticas. Portanto a capacidade do Estado em fazer correções e adaptar sua estratégia geral à essas condições externas determina o sucesso ou o fracasso do plano.

## REFERÊNCIAS

AMSDEN, Alice. **Asia's next giant**: South Korea and late industrialization. Oxford: Oxford University Press, 1989.

BEESON, Mark. The rise and fall (?) of the developmental State: the vicissitudes and implications of East Asian interventionism. In: LOW, Linda. (ed.). **Developmental States**: relevancy, redundancy or reconfiguration?. New York: Nova Science Publisher, 2004. p. 29-40.

CASTRO, Lavinia B.. Financiamento do desenvolvimento: experiência comparada Brasil-Coreia (1950-1980). **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 5-46, dez. 2009.

CHANG, Ha-Joon. **The political economy of industrial policy**. London: Palgrave McMillan, 1993.

\_\_\_\_\_. The economic theory of the developmental State. In: WOO-CUMINGS, Meredith (Ed.). **The developmental state**. New York: Cornell University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Regulation of foreign investment in historical perspective. **The European Journal of Development Research**. Vol.16, n.3, p. 687-715. London: Taylor & Francis. 2004

\_\_\_\_\_. **The east asian development experience**: the miracle, the crisis and the future. New York: Zed Books, 2008.

\_\_\_\_\_. **Maus samaritanos**: o mito do livre comércio e a história secreta do capitalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

\_\_\_\_\_. How to 'do' a developmental state: political, organizational and human resource requirements for the developmental state. In: EDIGHEJI, Omano. (Ed.). **Constructing a democratic developmental state in South Africa**: potentials and challenges. Cape Town: Human Science Research Council Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Hamlet without the prince of Denmark: how development has disappeared from today's "development" discourse. In: KHAN, Shahrukh R.; CHRISTIANSEN, Jens. (Ed.). **Towards new developmentalism**: markets as means rather than master. Abingdon: Routledge, 2011.

CHANG, Ha-Joon; SHIN, Jang-Sup. **Restructuring Korea inc.**. London: Routledge Curzon, 2003.

CHUNG, Young-lob. **South Korea in the fast lane**: economic development and capital formation. New York: Oxford University Press, 2007.

CORÉIA DO SUL. Korea Statistical Yearbook. Seoul: Korea Statistical Association, vários anos.

CUMINGS, Bruce. The origins and development of the Northeast Asian political economy: Industrial sectors, product cycles, and political consequences. **International Organization**, v. 38, n. 1, p. 1-40, 1984.

\_\_\_\_\_. State building in Korea: continuity and crisis. In: LANGE, M.; RUESCHEMEYER, D. (ed.). **State and development: historical antecedents of stagnation and advance**. New York: Palgrave MacMillan, 2005. p. 211-235.

DATTA-CHAUDHURI, Mrinal K. Industrialization and foreign trade: the development experiences of South Korea and the Philippines. In: LEE, E. (Ed.). **Export-led Industrialization and Development**. Geneva: ILO, 1981, p. 46-77.

DEYO, Frederic. State and labor: modes of political exclusion in East Asian development. In: DEYO, F. (ed.) **The political economy of the new Asian industrialism**. Ithaca: Cornell University Press, 1987, p. 182-202.

ECKERT, Carter J. **Offspring of empire: the Koch'ang Kims and the colonial origins of Korean capitalism, 1876-1945**. Washington: University of Washington Press, 1991.

ECONOMIC STATISTIC SYSTEM (ECOS). Disponível em: <[http://ecos.bok.or.kr/EIndex\\_en.jsp](http://ecos.bok.or.kr/EIndex_en.jsp)>. Acesso em: 1 dez. 2015. Banco de dados do Bank of Korea.

EVANS, Peter. Class, state and dependence in East Asia: lessons for Latin Americanists'. In: DEYO, F. (Ed.) **The Political Economy of the New Asian Industrialism**, p. 203-226. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Predatory, developmental, and other apparatuses: a comparative political economy perspective on the third world State. **Sociological Forum**, v. 4, Special Issue: Comparative National Development: theory and facts for the 1990s. Springer, p. 561-587, 1989.

\_\_\_\_\_. O Estado como problema e solução. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n.28-29. CEDEC: São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Embedded autonomy: States and industrial transformation**. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Transferable lessons? Re-examining the institutional prerequisites of East Asian economic policies. **Journal of Development Studies**, London, v. 34, issue 6, Special Issue: East Asian Development: New Perspective. p. 66-86, 1998.

EVANS, Peter; HELLER, Patrick. Human development, State transformation and the politics of the developmental State. In: LEIBFRIED, S. (et al.) (Ed.). **The Oxford Handbook of Transformation of the State**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

EVANS, P.; RUESCHEMEYER, D.; SKOCPOL, T. (Ed.). **Bringing the State back in**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

GRAHAM, Edward M. **Reforming Korea's**: industrial conglomerates. Washington: Institute for International Economics, 2003.

FAJNZYLBER, Fernando. Some reflections on South-East Asian export industrialization. **Cepal Review**, Santiago, v. 15, p. 111-132, dez. 1981.

FISHLOW, Albert. Latin American failure against the backdrop of Asian success'. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Philadelphia, v. 55, The Pacific Region: Challenges to Policy and Theory, p. 117-128, 1989.

FONSECA, Pedro C. D. Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil. **Revista Pesquisa & Debate**, PUCSP, São Paulo, v. 15, n. 2 (26), p. 225-256, 2004.

FURTADO, Celso. A superação do subdesenvolvimento. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 3, dez. 1994.

HERRLEIN JR., Ronaldo. **A construção de um Estado democrático para o desenvolvimento no século XXI**. Texto para Discussão IPEA, n. 1935. Brasília: IPEA, 2014.

JEON, Yoong-Deok; KIM, Young-Yong. Land reform, income redistribution, and agricultural production in Korea. **Economic Development and Cultural Change**, Chicago, v. 48, n. 2, p. 253-268, jan. 2000.

JENKINS, Rhys. The political economy of industrialization: a comparison of Latin American and East Asian newly industrializing countries. **Development and Change**, London, v. 22, n. 2, p. 197-231, abr. 1991.

JOHNSON, Chalmers. **Miti and the Japanese miracle**: the growth of industrial policy, 1925-1975. Stanford: Stanford University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. The developmental State: odyssey of a concept. In: WOO-CUMINGS, Meredith (Ed.). **The developmental state**. New York: Cornell University Press, 1999.

KANG, C. S. Eliot. Segyehwa reform of the South Korean developmental state. In: KIM, Samuel S (Ed.). **Korea's globalization**. Cambridge: Cambridge University, 2007.

KIM, Chi-Wook. Toward a multistakeholder model of foreign policy making in Korea? Big business and Korea-US relations. **Asian Perspective**, Portland, v. 35, n. 3, p. 471-495, jul./set. 2011.

KIM, Hakjoon. A brief history of the U.S.-ROK alliance and anti-americanism in South Korea. **Shorenstein APARC**, v. 31, n. 1, may 2010.

KIM, Linsu; YI, Gihong. The dynamics of R&D in industrial development: lessons from the Korean experience. **Industry and Innovation**, v. 4, n. 2, p. 167-182, 1997.

KOHLI, Atul. Where do high-growth political economies come from? The Japanese lineage of Korea's "developmental state". In: WOO-CUMINGS, Meredith (Ed.). **The Developmental State**. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

KOREAN STATISTICAL INFORMATION SERVICE (KOSIS): banco de dados do governo sul coreano. Disponível em: <[http://kosis.kr/eng/statisticsList/statisticsList\\_01List.jsp?vwcd=MT\\_ETITLE&parmTabld=M\\_01\\_01](http://kosis.kr/eng/statisticsList/statisticsList_01List.jsp?vwcd=MT_ETITLE&parmTabld=M_01_01)>. Acesso em: 1 dez. 2015.

KOSAI, Yutaka; TAKEUCHI, Fumihide. Japan's influence on the East Asian economies. In: ROWEN, Henry S. (Ed.). **Behind East Asia growth: the political and social foundations of prosperity**. London: Routledge, 1998, p. 297-318

LEFTWICH, Adrian. Bringing politics back in: towards a model of the Developmental State. **The Journal of Development Studies**, London, v. 31, n. 3, p. 400-427, 1995.

\_\_\_\_\_. Forms of the democratic developmental State: democratic practices and development capacity. In: ROBINSON, Mark; WHITE, Gordon (ed.). **The democratic developmental State: politics and institutional design**. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 52-83.

MADDISON, Angus. **The world economy: volume 1, millennial perspective and volume 2, historical statistics**. Paris: OECD Publishing, 2001.

MINNS, John. Of miracle and models: the rise and decline of the developmental state in South Korea. **Third World Quarterly**, London, v. 22, n. 6, p. 1025-1043, 2001.

PALMA, José G. Flying geese and waddling ducks: the different capabilities of East Asia and Latin America to "demand-adapt" and "supply-upgrade" their export productive capacity. In: CIMOLI, M.; DOSI, G.; STIGLITZ, J. (eds.). **The political economy of capabilities accumulation: the past and future of policies for industrial development**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

EXTENDED PENN WORLD TABLES: banco de dados. Disponível em: <<https://sites.google.com/a/newschool.edu/duncan-foley-homepage/home/EPWT>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

RODRIK, Dani. King Kong meets Godzilla: the World Bank and the East Asian miracle. In: WADE, Robert (et al.) (ed.). **Miracle or design? Lessons from East Asian experience**. Policy Essay n. 11. Washington: Overseas Development Council, 1994. p. 15-54.

SETH, Michael J. **A history of Korea: from antiquity to present**. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, 2011.

SHIN, Gi-Wook. South Korean anti-americanism: a comparative perspective. **Asian Survey**, University of California Press, v. 36, n. 8, p. 787-803, 1996.

SONG, Byung-Nak. **The rise of the Korean economy**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

UNCTAD. **Trade and development report**, 1996. New York and Geneva: United Nations, 1996.

WADE, Robert. **Governing the Market: Economic Theory and the Role of Government in East Asian Industrialization**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. The market as means rather than master: the crisis of development and the future role of the state. In: KHAN, Shahrukh R.; CHRISTIANSEN, Jens. (Ed.). **Towards new developmentalism: markets as means rather than master**. Abingdon: Routledge, 2011.

WHITEHEAD, Laurence. Tigers in Latin America?. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Philadelphia, v. 55, The Pacific Region: Challenges to Policy and Theory, p. 142-151, 1989.

WOO, Jung-En. **Race to the swift: state and finance in the industrialization of Korea**. New York: Columbia University Press, 1991.

WOO-CUMINGS, Meredith Jung-En. National security and the rise of the developmental state in South Korea and Taiwan. In: ROWEN, Henry S. (Ed.). **Behind East Asia growth: the political and social foundations of prosperity**. London: Routledge, 1998, p. 319-337

\_\_\_\_\_. Miracle as prologue: the state and the reform of the corporate sector in Korea. In: STIGLITZ, J. E.; YUSUF, S. (Ed.). **Rethinking the East Asia miracle**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 343-377.

WORLD DEVELOPMENT INDICATORS: banco de dados do Banco Mundial. Disponível em: < <http://data.worldbank.org/data-catalog/world-development-indicators>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

## APÊNDICE A – Pauta de Exportação (1961 – 1991)

	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Total	40,878	54,813	86,802	119,058	175,082	250,334	320,229	455,401	622,516	835,185	1,067,607	1,624,088	3,225,025	4,460,371	5,081,016
0 Food and Live Animals	8,948	21,899	18,059	26,350	28,190	41,274	37,928	44,492	50,279	65,537	69,661	106,990	245,588	299,735	602,339
1 Beverages and Tobacco	184	141	250	184	898	6,892	7,019	8,621	14,850	14,231	15,277	14,006	22,947	47,514	67,565
2 Crude Materials	20,958	19,320	26,187	31,442	37,033	46,680	58,005	61,506	73,042	99,973	94,875	116,086	196,102	198,429	150,494
26 Textile Fibres (not manufactured)	3,444	4,428	5,274	7,103	7,716	12,857	16,972	20,023	27,091	42,575	44,556	59,339	80,635	69,716	33,226
27 Crude fertilizers and crude minerals	2,991	2,686	3,029	4,448	4,328	4,657	5,758	6,284	7,423	9,362	9,677	8,822	18,379	31,649	23,142
28 Metalliferous ores and metal scrap	9,614	7,923	10,481	13,246	17,740	21,003	21,568	25,750	26,372	31,814	23,731	23,580	23,749	31,240	34,784
3 Mineral fuels, lubricants and related materials	2,209	2,760	2,579	2,488	1,899	1,505	1,772	2,298	4,837	8,764	11,278	18,356	36,514	108,042	110,762
4 Animal and vegetable oils and fats	118	69	92	88	71	137	119	113	68	59	80	275	631	1,775	936
5 Chemicals	550	990	904	630	380	714	2,359	3,116	9,754	11,413	14,867	35,886	48,514	91,833	74,797
51-52 Chemical elements & Compounds			723	327	249	541	422	540	770	1,576	1,825	13,728	20,126	62,520	41,216
54 Medical & Pharmaceutical products			53	88	56	65	149	165	1,042	1,365	2,122	2,517	4,648	6,287	9,692
58 Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificial resins			5	19	12	80	1	220	1,368	1,825	1,905	5,338	11,901	13,261	8,780
6 Manufactured goods	4,004	6,177	28,115	42,310	66,414	84,176	101,382	143,599	173,826	220,887	328,356	519,835	1,102,937	1,475,543	1,484,646
63 Wood & Cork manufactures	1,217	2,289	6,341	11,503	18,227	30,642	36,626	65,919	80,480	93,484	128,923	170,438	305,162	199,400	227,597
65 Textile yarn fabrics made-up articles, and related	857	1,834	7,803	19,635	26,336	34,476	49,039	61,233	65,700	84,943	137,834	176,604	448,133	499,461	659,128
67 Iron and Steel	390	475	11,712	4,510	12,747	8,103	1,948	1,199	4,875	13,392	24,395	92,836	188,888	450,299	231,473
69 Manufactures of metal			506	862	2,169	4,191	6,976	9,699	9,758	12,167	13,938	22,134	64,401	120,583	126,624
7 Machinery & Transport Equipment	884	1,446	4,067	2,204	5,501	9,555	14,185	24,464	53,219	61,469	87,441	181,146	395,903	672,334	702,090
76 Telecommunication and sound recording equipment											15,140	35,838	122,065	192,202	202,397
77 Electrical machinery, apparatus & appliances			732	1,021	1,909	5,098	7,364	18,933	36,687	43,874	68,486	98,383	230,412	321,617	295,323
78-79 Transport Equipment			2,240	721	1,095	803	2,814	1,370	7,639	9,207	6,919	14,307	24,042	121,142	183,669
793 Ships, boats and floating structures											3,040	652	5,478	74,013	137,804
8 Miscellaneous manufactured articles	791	1,954	6,401	13,197	34,487	59,197	97,239	167,006	242,345	352,497	445,420	630,775	1,127,911	1,494,300	1,820,630
84 Clothing			4,644	6,614	20,713	33,386	59,208	112,232	160,770	213,566	304,265	439,784	749,598	956,889	1,147,848
85 Footwear			738	879	4,151	5,467	8,139	11,044	10,476	17,268	37,436	55,404	106,371	179,547	191,213
89 Miscellaneous manufactured articles			889	4,966	8,937	18,925	27,617	40,934	66,817	114,058	91,819	112,109	200,614	240,059	318,126

Nota: Em milhares de dólares e valores correntes.

	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
0 Food and Live Animals	21.89	39.95	20.80	22.13	16.10	16.49	11.84	9.77	8.08	7.85	6.52	6.59	7.62	6.72	11.85
1 Beverages and Tobacco	0.45	0.26	0.29	0.15	0.51	2.75	2.19	1.89	2.39	1.70	1.43	0.86	0.71	1.07	1.33
2 Crude Materials	51.27	35.25	30.17	26.41	21.15	18.65	18.11	13.51	11.73	11.97	8.89	7.15	6.08	4.45	2.96
26 Textile Fibres (not manufactured)	8.43	8.08	6.08	5.97	4.41	5.14	5.30	4.40	4.35	5.10	4.17	3.65	2.50	1.56	0.65
27 Crude fertilizers and crude minerals	7.32	4.90	3.49	3.74	2.47	1.86	1.80	1.38	1.19	1.12	0.91	0.54	0.57	0.71	0.46
28 Metalliferous ores and metal scrap	23.52	14.45	12.07	11.13	10.13	8.39	6.74	5.65	4.24	3.81	2.22	1.45	0.74	0.70	0.68
3 Mineral fuels, lubricants and related materials	5.40	5.04	2.97	2.09	1.08	0.60	0.55	0.50	0.78	1.05	1.06	1.13	1.13	2.42	2.18
4 Animal and vegetable oils and fats	0.29	0.13	0.11	0.07	0.04	0.05	0.04	0.02	0.01	0.01	0.01	0.02	0.02	0.04	0.02
5 Chemicals	1.35	1.81	1.04	0.53	0.22	0.29	0.74	0.68	1.57	1.37	1.39	2.21	1.50	2.06	1.47
51-52 Chemical elements & Compounds			0.83	0.27	0.14	0.22	0.13	0.12	0.12	0.19	0.17	0.85	0.62	1.40	0.81
54 Medical & Pharmaceutical products			0.06	0.07	0.03	0.03	0.05	0.04	0.17	0.16	0.20	0.15	0.14	0.14	0.19
58 Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificial resins			0.01	0.02	0.01	0.03	0.00	0.05	0.22	0.22	0.18	0.33	0.37	0.30	0.17
6 Manufactured goods	9.79	11.27	32.39	35.54	37.93	33.63	31.66	31.53	27.92	26.45	30.76	32.01	34.20	33.08	29.22
63 Wood & Cork manufactures	2.98	4.18	7.31	9.66	10.41	12.24	11.44	14.47	12.93	11.19	12.08	10.49	9.46	4.47	4.48
65 Textile yarn fabrics made-up articles, and related	2.10	3.35	8.99	16.49	15.04	13.77	15.31	13.45	10.55	10.17	12.91	10.87	13.90	11.20	12.97
67 Iron and Steel	0.95	0.87	13.49	3.79	7.28	3.24	0.61	0.26	0.78	1.60	2.29	5.72	5.86	10.10	4.56
69 Manufactures of metal			0.58	0.72	1.24	1.67	2.18	2.13	1.57	1.46	1.31	1.36	2.00	2.70	2.49
7 Machinery & Transport Equipment	2.16	2.64	4.69	1.85	3.14	3.82	4.43	5.37	8.55	7.36	8.19	11.15	12.28	15.07	13.82
76 Telecommunication and sound recording equipment											1.42	2.21	3.78	4.31	3.98
77 Electrical machinery, apparatus & appliances			0.84	0.86	1.09	2.04	2.30	4.16	5.89	5.25	6.41	6.06	7.14	7.21	5.81
78-79 Transport Equipment			2.58	0.61	0.63	0.32	0.88	0.30	1.23	1.10	0.65	0.88	0.75	2.72	3.61
793 Ships, boats and floating structures											0.28	0.04	0.17	1.66	2.71
8 Miscellaneous manufactured articles	1.94	3.56	7.37	11.08	19.70	23.65	30.37	36.67	38.93	42.21	41.72	38.84	34.97	33.50	35.83
84 Clothing			5.35	5.56	11.83	13.34	18.49	24.64	25.83	25.57	28.50	27.08	23.24	21.45	22.59
85 Footwear			0.85	0.74	2.37	2.18	2.54	2.43	1.68	2.07	3.51	3.41	3.30	4.03	3.76
89 Miscellaneous manufactured articles			1.02	4.17	5.10	7.56	8.62	8.99	10.73	13.66	8.60	6.90	6.22	5.38	6.26

Fonte: Korea Statistical Yearbook, diversos anos.

Nota: Porcentagem do total exportado

(Continuação)

	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
Total	7,715,107	10,046,457	12,710,642	15,055,453	17,504,864	21,253,757	21,853,393	24,445,054	29,244,861	30,283,122	34,714,471	47,280,928	60,696,388	62,377,174	65,015,731	71,870,121
0 Food and Live Animals	508,332	945,001	932,598	1,082,052	1,152,701	1,322,510	1,080,600	1,092,183	1,149,208	1,136,359	1,570,113	2,088,564	2,379,635	2,213,153	1,903,884	2,093,844
1 Beverages and Tobacco	78,279	108,390	113,608	95,460	124,165	119,264	127,787	125,817	119,234	106,779	95,332	89,701	131,195	113,620	123,085	116,209
2 Crude Materials	188,697	295,321	326,152	353,771	331,229	283,906	272,596	292,038	327,886	297,885	337,663	452,032	691,574	902,183	952,633	970,421
26 Textile Fibres (not manufactured)	30,740	83,956	76,745	54,839	67,893	55,902	50,097	53,004	91,079	90,040	67,436	116,160	215,508	296,829	354,114	407,536
27 Crude fertilizers and crude minerals	29,150	40,357	47,075	50,552	51,323	51,072	52,909	49,432	49,051	53,853	63,639	77,652	87,961	114,163	94,512	97,619
28 Metalliferous ores and metal scrap	36,081	37,887	32,364	42,320	40,731	37,100	40,681	55,950	34,585	20,662	22,192	27,285	26,154	41,814	62,452	52,934
3 Mineral fuels, lubricants and related materials	146,684	118,982	46,090	52,093	46,361	183,340	310,027	556,005	832,284	951,155	648,631	747,506	584,363	686,625	697,042	1,507,825
4 Animal and vegetable oils and fats	1,169	4,474	11,415	26,329	12,828	14,842	8,602	4,150	4,228	3,684	3,769	4,395	2,777	1,572	1,098	1,650
5 Chemicals	114,490	221,167	328,764	454,365	754,735	644,418	669,569	677,163	845,400	935,808	1,068,369	1,320,747	1,878,651	2,049,148	2,437,353	3,177,216
51-52 Chemical elements & Compounds	69,098	105,236	103,046	176,759	210,284	223,919	194,666	231,009	266,954	278,672	349,841	436,047	590,575	615,054	851,298	1,069,426
54 Medical & Pharmaceutical products	9,109	11,299	13,038	17,877	19,651	26,169	25,977	27,937	32,420	42,218	62,984	74,113	85,446	95,403	115,354	139,364
58 Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificial resins	11,276	15,037	24,206	37,436	132,900	137,121	173,014	166,103	221,496	309,888	347,061	440,670	293,391	294,997	309,917	372,348
6 Manufactured goods	2,347,156	3,032,377	3,795,793	4,831,586	6,251,917	7,231,568	6,649,814	6,956,887	7,377,456	7,063,845	8,173,263	10,197,835	12,644,974	13,717,106	14,260,135	15,816,446
63 Wood & Cork manufactures	365,663	423,688	457,425	497,942	404,797	441,415	245,167	160,445	111,456	70,807	87,244	93,198	89,790	81,430	88,653	81,928
65 Textile yarn fabrics made-up articles, and related	964,358	1,093,531	1,543,567	1,827,929	2,210,098	2,458,911	2,250,369	2,423,040	2,614,539	2,543,715	3,218,475	4,087,481	4,847,597	5,371,200	6,075,835	7,300,021
67 Iron and Steel	368,846	392,166	576,792	1,101,636	1,651,307	1,843,369	1,900,960	1,832,352	2,044,664	1,811,137	1,955,358	2,339,009	3,187,548	3,574,048	3,605,096	3,864,915
69 Manufactures of metal	233,805	581,267	539,258	623,101	773,662	1,103,667	1,122,791	1,407,977	1,420,451	1,499,957	1,423,096	1,611,946	1,973,251	1,925,715	1,799,693	1,855,807
7 Machinery & Transport Equipment	1,382,606	1,853,343	2,709,830	3,232,810	3,554,221	4,839,155	6,152,778	7,981,271	10,462,015	11,383,688	11,660,557	16,905,991	23,458,093	23,546,076	23,807,036	29,914,954
76 Telecommunication and sound recording equipment	424,581	519,205	754,764	1,011,435	1,086,667	1,283,222	1,111,388	1,540,492	1,857,006	1,963,910	3,108,792	4,980,773	6,209,542	6,078,100	6,273,344	6,536,476
77 Electrical machinery, apparatus & appliances	480,146	507,337	613,221	800,051	923,559	1,004,607	1,154,687	1,527,876	2,180,384	1,949,801	2,859,259	4,207,848	6,416,273	7,102,100	7,560,296	9,395,602
78-79 Transport Equipment	342,801	679,887	1,125,587	1,097,693	1,153,427	2,057,885	3,364,855	4,190,297	5,534,618	6,283,036	3,993,606	4,877,108	6,445,953	5,504,619	6,390,813	8,047,684
793 Ships, boats and floating structures	276,745	528,935	802,013	517,157	617,625	1,411,401	2,831,724	3,734,989	4,683,619	5,039,956	1,815,043	1,137,835				
8 Miscellaneous manufactured articles	2,924,924	3,426,092	4,414,306	4,865,431	5,191,612	6,501,193	6,534,362	6,721,082	8,093,126	8,372,329	11,094,057	15,348,720	18,729,635	18,967,836	15,619,639	17,599,751
84 Clothing	1,856,037	2,069,459	2,579,965	2,870,252	2,949,526	3,867,559	3,773,863	3,707,263	4,499,466	4,449,869	5,482,630	7,536,936	8,692,146	9,094,541	7,845,298	7,418,074
85 Footwear	398,521	487,626	686,169	737,821	874,537	1,024,099	1,154,410	1,234,826	1,351,646	1,534,310	2,059,189	2,755,871	3,800,658	3,587,462	1,420,622	3,835,944
89 Miscellaneous manufactured articles	349,389	484,301	613,245	723,457	725,122	821,156	893,106	954,784	1,295,249	1,442,166	2,252,251	3,132,492	3,957,054	3,952,741	4,071,663	4,024,255

Nota: Em milhares de dólares e valores correntes.

	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
0 Food and Live Animals	6.59	9.41	7.34	7.19	6.59	6.22	4.94	4.47	3.93	3.75	4.52	4.42	3.92	3.55	2.93	2.91
1 Beverages and Tobacco	1.01	1.08	0.89	0.63	0.71	0.56	0.58	0.51	0.41	0.35	0.27	0.19	0.22	0.18	0.19	0.16
2 Crude Materials	2.45	2.94	2.57	2.35	1.89	1.34	1.25	1.19	1.12	0.98	0.97	0.96	1.14	1.45	1.47	1.35
26 Textile Fibres (not manufactured)	0.40	0.84	0.60	0.36	0.39	0.26	0.23	0.22	0.31	0.30	0.19	0.25	0.36	0.48	0.54	0.57
27 Crude fertilizers and crude minerals	0.38	0.40	0.37	0.34	0.29	0.24	0.24	0.20	0.17	0.18	0.18	0.16	0.14	0.18	0.15	0.14
28 Metalliferous ores and metal scrap	0.47	0.38	0.25	0.28	0.23	0.17	0.19	0.23	0.12	0.07	0.06	0.06	0.04	0.07	0.10	0.07
3 Mineral fuels, lubricants and related materials	1.90	1.18	0.36	0.35	0.26	0.86	1.42	2.27	2.85	3.14	1.87	1.58	0.96	1.10	1.07	2.10
4 Animal and vegetable oils and fats	0.02	0.04	0.09	0.17	0.07	0.07	0.04	0.02	0.01	0.01	0.01	0.01	0.00	0.00	0.00	0.00
5 Chemicals	1.48	2.20	2.59	3.02	4.31	3.03	3.06	2.77	2.89	3.09	3.08	2.79	3.10	3.29	3.75	4.42
51-52 Chemical elements & Compounds	0.90	1.05	0.81	1.17	1.20	1.05	0.89	0.95	0.91	0.92	1.01	0.92	0.97	0.99	1.31	1.49
54 Medical & Pharmaceutical products	0.12	0.11	0.10	0.12	0.11	0.12	0.12	0.11	0.11	0.14	0.18	0.16	0.14	0.15	0.18	0.19
58 Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificial resins	0.15	0.15	0.19	0.25	0.76	0.65	0.79	0.68	0.76	1.02	1.00	0.93	0.48	0.47	0.48	0.52
6 Manufactured goods	30.42	30.18	29.86	32.09	35.72	34.02	30.43	28.46	25.23	23.33	23.54	21.57	20.83	21.99	21.93	22.01
63 Wood & Cork manufactures	4.74	4.22	3.60	3.31	2.31	2.08	1.12	0.66	0.38	0.23	0.25	0.20	0.15	0.13	0.14	0.11
65 Textile yarn fabrics made-up articles, and related	12.50	10.88	12.14	12.14	12.63	11.57	10.30	9.91	8.94	8.40	9.27	8.65	7.99	8.61	9.35	10.16
67 Iron and Steel	4.78	3.90	4.54	7.32	9.43	8.67	8.70	7.50	6.99	5.98	5.63	4.95	5.25	5.73	5.54	5.38
69 Manufactures of metal	3.03	5.79	4.24	4.14	4.42	5.19	5.14	5.76	4.86	4.95	4.10	3.41	3.25	3.09	2.77	2.58
7 Machinery & Transport Equipment	17.92	18.45	21.32	21.47	20.30	22.77	28.15	32.65	35.77	37.59	33.59	35.76	38.65	37.75	36.62	41.62
76 Telecommunication and sound recording equipment	5.50	5.17	5.94	6.72	6.21	6.04	5.09	6.30	6.35	6.49	8.96	10.53	10.23	9.74	9.65	9.09
77 Electrical machinery, apparatus & appliances	6.22	5.05	4.82	5.31	5.28	4.73	5.28	6.25	7.46	6.44	8.24	8.90	10.57	11.39	11.63	13.07
78-79 Transport Equipment	4.44	6.77	8.86	7.29	6.59	9.68	15.40	17.14	18.93	20.75	11.50	10.32	10.62	8.82	9.83	11.20
793 Ships, boats and floating structures	3.59	5.26	6.31	3.44	3.53	6.64	12.96	15.28	16.02	16.64	5.23	2.41				
8 Miscellaneous manufactured articles	37.91	34.10	34.73	32.32	29.66	30.59	29.90	27.49	27.67	27.65	31.96	32.46	30.86	30.41	24.02	24.49
84 Clothing	24.06	20.60	20.30	19.06	16.85	18.20	17.27	15.17	15.39	14.69	15.79	15.94	14.32	14.58	12.07	10.32
85 Footwear	5.17	4.85	5.40	4.90	5.00	4.82	5.28	5.05	4.62	5.07	5.93	5.83	6.26	5.75	2.19	5.34
89 Miscellaneous manufactured articles	4.53	4.82	4.82	4.81	4.14	3.86	4.09	3.91	4.43	4.76	6.49	6.63	6.52	6.34	6.26	5.60

Fonte: Korea Statistical Yearbook, diversos anos.

Nota: Porcentagem do total exportado

## APÊNDICE B – Pauta de Importação (1961 – 1991)

	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	
Total	316.142	421.782	560.273	404.351	463.442	716.441	996.246	1.462.611	1.823.611	1.983.973	2.394.320	2.522.022	4.240.277	6.851.848	7.274.434	
0 Food and Live Animals	40.128	48.647	120.607	68.273	63.505	72.365	94.115	167.538	301.675	319.362	399.536	357.512	569.592	818.245	946.508	
04 Cereals and cereal preparation (wheat, rice, barley, corn)	40.101	107.234	60.779	54.443	61.295	76.566	129.349	250.334	244.777	304.011	282.682	444.130	613.134	689.115		
1 Beverages and Tobacco	34	86	326	124	186	266	783	1.390	1.709	1.637	3.820	7.885	6.334	10.659	12.847	
2 Crude Materials	63.294	89.690	107.704	97.064	110.021	153.924	208.473	267.123	332.383	404.526	462.728	454.426	906.602	1.235.402	1.121.236	
24 Cork and wood	18.441	22.605	18.467	20.780	43.141	58.475	91.493	108.516	125.413	153.733	140.863	311.850	343.779	269.125		
26 Textile Fibres (not manufactured)	50.249	56.378	52.835	59.741	66.567	80.335	90.265	96.669	119.842	138.372	159.285	253.406	307.290	334.065		
27 Crude fertilizers and crude minerals	1.718	3.735	4.328	4.709	5.077	12.603	15.953	22.505	23.329	26.828	25.906	37.253	64.758	98.608		
28 Metalliferous ores and metal scrap	1.406	4.765	3.936	5.146	13.257	20.554	27.693	48.243	70.301	64.083	45.567	128.608	261.539	176.375		
3 Mineral fuels, lubricants and related materials	27.362	30.606	34.377	28.471	31.269	42.447	61.607	75.536	110.882	135.967	189.381	218.946	313.924	1.056.893	1.390.988	
33 Petroleum and Petroleum Product	28.369	32.149	25.940	28.882	40.604	59.834	72.849	107.618	132.931	187.106	217.746	297.653	1.022.658	1.343.164		
4 Animal and vegetable oils and fats	3.949	3.856	4.781	3.886	5.762	5.491	6.945	8.293	12.313	15.250	21.278	20.348	37.912	57.408	52.842	
5 Chemicals	61.654	94.314	79.980	84.335	103.425	134.547	113.043	128.459	136.660	163.781	201.006	223.531	340.000	623.122	781.893	
51-52 Chemical elements & Compounds	11.702	13.251	13.709	16.056	20.800	33.421	47.268	60.781	77.813	101.304	111.214	171.048	343.782	385.875		
54 Medical & Pharmaceutical products	5.768	4.540	3.783	4.928	6.105	7.516	11.833	13.087	15.219	13.633	12.972	17.869	24.801	27.483		
56 Fertilizer manufactured	62.310	47.967	55.897	65.762	39.526	43.945	30.622	11.901	4.083	7.118	11.145	17.869	31.386	52.900	139.884	
58 Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificial resins	5.355	3.343	6.459	7.910	10.882	16.226	25.160	36.996	44.813	45.247	60.686	92.752	91.578			
6 Manufactured goods	39.540	73.093	88.328	46.114	71.183	125.194	183.720	242.161	278.664	305.914	363.260	396.091	779.739	1.002.347	867.095	
65 Textile yarn fabrics made-up articles, and related	28.800	29.506	19.641	26.920	45.157	69.636	102.732	109.628	127.790	136.966	129.031	307.041	271.484	255.499		
67 Iron and Steel	32.460	14.845	24.739	39.526	56.078	69.272	84.486	89.591	128.658	167.802	314.385	464.029	344.604			
69 Manufactures of metal	4.918	7.681	2.990	7.083	18.814	26.723	34.274	45.468	43.945	49.149	40.911	55.843	64.721	74.085		
7 Machinery & Transport Equipment	42.392	69.783	115.569	69.520	73.143	171.720	310.195	538.044	593.172	589.523	685.419	761.750	1.174.984	1.865.093	1.926.419	
71 <sup>1</sup> Machinery other than electric	34.452	61.942	38.213	35.344	95.635	141.187	282.916	306.950	305.858	350.740	360.222	78.879	34.192	164.557	202.965	183.951
724 Textile Machinery parts and accessories	6.452	8.570	9.559	9.411	28.645	25.231	65.724	66.493	74.359	66.535	34.978	45.206	81.828	135.655		
71 <sup>1</sup> Power Generating Machinery and Equipment	145.917	116.773	254.767	321.652	317.555											
72 Machinery specialized for particular industries	117.969	143.752	180.272	226.400	287.374											
74 General industrial machinery and equipment	37.212	57.849	111.201	141.716	148.808											
76 Telecommunication and sound recording equipment	28.709	22.331	19.682	12.612	26.093	47.606	95.895	113.742	132.892	167.187	223.297	244.211	375.031	347.231		
77 Electrical machinery, apparatus & appliances	6.619	31.295	11.624	25.189	49.922	121.401	154.270	172.479	150.773	167.496	178.231	249.051	612.172	547.418		
78-79 Transport Equipment	294	3.556	2.081	20.835	39.622	57.202	61.652	65.828	46.685	62.033	79.721	51.023	392.239	245.629		
793 Ships, boats and floating structures	5.689	10.241	8.033	5.336	6.768	10.457	17.221	38.883	55.248	47.259	66.848	81.343	110.619	150.019	170.084	
8 Miscellaneous manufactured articles	213	324	232	450	480	174	377	476	503	8.113	18.841	10.884	5.724	3.783		
84 Clothing	6.393	4.848	2.653	3.877	5.428	9.502	14.687	19.923	21.613	37.700	40.189	56.462	92.100	111.629		
86 Professional, Scientific and controlling instruments																

Nota: Em milhares de dólares e valores correntes.

	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
0 Food and Live Animals	12,69	11,53	21,53	16,88	13,70	10,10	9,45	11,45	16,54	16,10	16,69	14,18	13,43	11,94	13,01
04 Cereals and cereal preparation (wheat, rice, barley, corn)	9,51	19,14	15,03	11,75	8,56	7,69	8,84	13,73	12,34	12,70	11,21	10,47	8,95	9,47	
1 Beverages and Tobacco	0,01	0,02	0,06	0,03	0,04	0,04	0,08	0,10	0,09	0,08	0,16	0,31	0,15	0,16	0,18
2 Crude Materials	20,02	21,26	19,22	24,00	23,74	21,48	20,93	18,26	18,23	20,39	19,33	18,02	21,38	18,03	15,41
24 Cork and wood	4,37	4,03	4,57	4,48	6,02	5,87	6,26	5,95	6,32	6,42	5,59	7,35	5,02	3,70	
26 Textile Fibres (not manufactured)	11,91	10,06	13,07	12,89	9,29	8,06	6,17	5,30	6,04	5,78	6,32	5,98	4,48	4,59	
27 Crude fertilizers and crude minerals	0,41	0,67	1,07	1,02	0,71	1,27	1,09	1,23	1,18	1,12	1,03	0,88	0,95	1,36	
28 Metalliferous ores and metal scrap	0,33	0,85	0,97	1,11	1,85	2,06	1,89	2,65	3,54	2,68	1,81	3,03	3,82	2,42	
3 Mineral fuels, lubricants and related materials	8,65	7,26	6,14	7,04	6,75	5,92	6,18	5,16	6,08	6,85	7,91	8,68	7,40	15,42	19,12
33 Petroleum and Petroleum Product	6,73	5,74	6,42	6,23	5,67	6,01	4,98	5,90	6,70	7,81	8,63	7,02	14,93	18,46	
4 Animal and vegetable oils and fats	1,25	0,91	0,85	0,96	0,81	0,77	0,70	0,57	0,68	0,77	0,89	0,81	0,89	0,84	0,73
5 Chemicals	19,50	22,36	14,28	20,86	22,32	18,78	11,35	8,78	7,49	8,26	8,40	8,86	8,02	9,09	10,75
51-52 Chemical elements & Compounds	2,77	2,37	3,39	3,46	2,90	3,35	3,23	3,33	3,92	4,23	4,41	4,03	5,02	5,30	
54 Medical & Pharmaceutical products	1,37	0,81	0,94	1,06	0,85	0,75	0,81	0,72	0,77	0,57	0,51	0,42	0,36	0,38	
56 Fertilizer manufactured	14,77	8,56	13,82	14,19	12,41	4,41	2,09	0,65	0,21	0,30	0,44	0,41	0,77	1,92	
58 Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificial resins	0,96	0,83	1,39	1,10	1,09	1,11	1,38	1,86	1,87	1,79	1,43	1,35	1,26		
6 Manufactured goods	12,51	17,33	15,77	11,40	15,36	17,47	18,44	16,56	15,28	15,42	15,17	15,71	18,39	14,63	11,92
65 Textile yarn fabrics made-up articles, and related	6,83	5,27	4,86	5,81	6,30	6,99	7,02	6,01	6,44	5,72	5,12	7,24	3,96	3,51	
67 Iron and Steel	5,79	3,67	5,34	5,52	5,63	4,74	4,63	4,52	5,37	6,65	7,41	6,77	4,74		
69 Manufactures of metal	1,17	1,37	0,74	1,53	2,63	2,68	2,34	2,49	2,21	2,05	1,62	1,32	0,94	1,02	
7 Machinery & Transport Equipment	13,41	16,54	20,63	17,19	15,78	23,97	31,14	36,79	32,53	29,71	28,63	30,20	27,71	27,22	26,48
71 Machinery other than electric	8,17	11,06	9,45	7,63	13,35	14,17	19,34	16,83	15,42	14,65	14,28				
724 Textile Machinery parts and accessories	1,53	1,53	2,36	2,03	4,00	2,53	4,49	3,65	3,75	3,29	1,36	3,88	2,96	2,53	
72 Machinery specialized for particular industries	6,09	4,63	6,01	4,69	4,37										
74 General industrial machinery and equipment	4,93	5,70	4,25	3,30	3,95										
76 Telecommunication and sound recording equipment	1,55	2,29	2,62	2,07	2,05										
77 Electrical machinery, apparatus & appliances	6,81	3,99	4,87	2,72	3,64	4,78	6,56	6,24	6,70	6,98	8,85	5,76	5,47	4,77	
78-79 Transport Equipment	1,57	5,59	2,87	5,44	6,98	12,19	10,55	9,46	7,60	7,00	7,07	5,87	8,93	7,53	
793 Ships, boats and floating structures	0,07	0,63	0,51	4,50	5,53	5,74	4,22	3,61	2,35	2,59	3,16	1,20	5,72	3,38	
8 Miscellaneous manufactured articles	1,80	2,43	1,43	1,32	1,46	1,46	1,73	2,66	3,03	2,38	2,79	3,23	2,61	2,19	2,34
84 Clothing	0,05	0,06	0,06	0,10	0,07	0,02	0,03	0,03	0,03	0,34	0,75	0,26	0,08	0,05	
86 Professional, Scientific and controlling instruments	1,52	0,87	0,66	0,84	0,76	0,95	1,00	1,09	1,09	1,57	1,59	1,33	1,34	1,53	

Fonte: Korea Statistical Yearbook, diversos anos.

Nota: (1) Porcentagem do total importado.

(2) O item 71 teve sua metodologia de mensuração alterada em 1973.

## (Continuação)

	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
Total	8.773.632	10.810.538	14.971.930	20.338.611	22.291.663	26.131.421	24.250.840	26.192.221	30.631.441	31.135.655	31.583.900	41.019.812	51.810.632	61.464.772	69.843.678	81.524.858
<b>0</b> Food and Live Animals	627.087	717.894	931.353	1.431.941	1.796.964	2.721.293	1.561.121	1.711.610	1.622.226	1.397.603	1.421.890	1.621.859	2.298.689	3.067.406	3.246.596	3.931.604
<b>04</b> Cereals and cereal preparation (wheat, rice, barley)	457.710	485.717	496.268	769.488	1.087.199	1.950.261	900.113	1.016.026	1.007.104	914.850	824.815	857.576	1.150.543	1.428.391	1.345.595	1.334.421
<b>1</b> Beverages and Tobacco	30.420	34.173	51.742	70.723	84.867	67.488	10.353	29.542	64.611	50.289	43.678	32.119	87.211	186.369	188.226	227.964
<b>2</b> Crude Materials	1.549.636	1.943.422	2.398.148	3.261.084	3.632.297	3.631.926	3.360.585	3.463.094	3.938.516	3.856.696	4.291.224	5.896.483	7.753.500	8.741.735	8.650.995	8.903.124
<b>24</b> Cork and wood	418.657	534.077	659.294	975.684	878.895	684.299	646.822	630.643	628.675	546.114	554.523	756.650	1.057.987	1.175.587	1.190.865	1.313.569
<b>26</b> Textile Fibres (not manufactured)	393.945	484.290	573.289	626.817	778.712	856.013	769.616	809.406	927.567	847.962	810.846	1.070.059	1.485.009	1.547.959	1.482.177	1.491.229
<b>27</b> Crude fertilizers and crude minerals	105.154	121.408	140.497	184.971	231.035	220.390	234.025	231.834	246.312	277.740	289.568	306.521	384.399	436.808	451.817	494.067
<b>28</b> Metalliferous ores and metal scrap	228.409	304.481	361.362	543.473	712.127	786.663	772.479	759.194	831.327	908.593	980.520	1.411.517	1.886.979	2.440.719	2.289.745	2.573.264
<b>3</b> Mineral fuels, lubricants and related materials	1.753.424	2.185.834	2.460.229	3.787.970	6.659.560	7.786.016	7.606.673	6.975.730	7.296.070	7.363.311	5.051.770	6.021.669	5.986.302	7.627.131	11.023.180	12.747.888
<b>33</b> Petroleum and Petroleum Product	1.663.617	2.071.279	2.319.260	3.424.898	6.185.355	6.939.248	6.754.195	6.212.174	6.435.743	6.190.696	3.896.904	4.625.345	4.320.120	5.770.495	8.885.928	10.213.871
<b>4</b> Animal and vegetable oils and fats	62.597	85.666	103.739	151.775	118.489	136.712	137.294	141.273	173.675	146.301	123.972	138.949	174.656	170.507	185.258	245.726
<b>5</b> Chemicals	853.971	992.006	1.282.004	1.983.954	1.800.261	2.064.575	2.050.626	2.241.534	2.708.609	2.789.209	3.494.482	4.594.356	6.271.827	7.144.115	7.430.254	8.285.522
<b>51-52</b> Chemical elements & Compounds	498.101	557.016	657.661	1.099.836	1.084.581	1.255.406	1.165.257	1.218.481	1.507.211	1.605.947	1.889.841	2.473.856	3.622.189	4.087.912	3.905.433	4.224.586
<b>54</b> Medical & Pharmaceutical products	30.290	35.068	52.889	78.628	72.331	74.640	87.345	106.229	119.125	113.212	126.770	148.572	197.091	1.234.954	280.446	348.751
<b>56</b> Fertilizer manufactured	23.457	17.039	25.470	34.625	36.825	41.237	62.052	31.658	49.382	58.975	39.163	58.732	68.264	100.515	97.475	118.446
<b>58</b> Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificia	124.635	191.078	272.777	420.099	253.937	295.201	313.802	396.932	466.865	431.914	633.301	900.407	191.763	214.615	261.888	333.572
<b>6</b> Manufactured goods	1.167.305	1.525.633	2.231.387	2.731.847	2.449.648	2.786.525	2.630.474	3.025.753	3.787.868	3.554.837	4.557.580	6.249.587	7.970.443	9.672.381	10.580.789	13.461.862
<b>65</b> Textile yarn fabrics made-up articles, and related	339.828	356.848	408.339	448.527	420.853	510.312	519.587	530.756	630.818	669.657	957.684	1.466.256	1.589.699	1.834.554	1.945.365	2.428.355
<b>67</b> Iron and Steel	432.926	623.599	994.903	1.125.527	987.244	1.013.913	754.550	921.574	1.313.729	1.174.525	1.342.484	1.878.550	2.335.047	3.153.674	3.055.809	4.564.799
<b>69</b> Manufactures of metal	93.968	136.030	204.070	308.599	223.417	258.160	338.342	328.706	408.014	371.516	515.788	571.304	620.486	691.954	845.974	1.014.522
<b>7</b> Machinery & Transport Equipment	2.426.636	2.951.877	4.995.539	6.153.853	5.000.471	6.037.353	6.011.173	7.589.355	9.817.466	10.647.978	10.640.227	13.812.876	18.242.444	21.105.450	23.943.532	28.248.018
<b>71<sup>1</sup></b> Machinery other than electric																
<b>724</b> Textile Machinery parts and accessories	161.866	208.497	275.603	363.665	183.891	216.485	238.054	221.723	247.269	211.261	301.528	705.548				
<b>721<sup>1</sup></b> Power Generating Machinery and Equipment	194.489	330.405	498.182	820.588	539.100	707.079	671.876	624.011	799.880	754.599	775.973	941.374	1.285.021	1.298.417	1.612.056	2.334.473
<b>72<sup>1</sup></b> Machinery specialized for particular industries	340.865	442.843	721.339	975.643	591.469	575.006	680.312	765.786	935.365	1.009.583	1.295.303	2.025.828	2.592.696	3.644.182	4.233.668	4.700.924
<b>74</b> General industrial machinery and equipment	385.253	519.286	986.142	1.199.099	762.349	952.864	946.763	951.008	1.158.406	1.243.746	1.685.132	2.161.075	2.602.447	3.368.637	4.140.197	4.959.613
<b>76</b> Telecommunication and sound recording equipam	243.207	268.277	357.975	408.160	456.421	613.188	652.890	784.881	773.019	677.157	852.522	1.110.416	1.380.170	1.298.564	1.187.308	1.515.397
<b>77</b> Electrical machinery, apparatus & appliances	499.902	555.646	818.790	1.073.772	1.049.335	1.171.365	1.237.284	1.686.072	2.228.349	2.051.048	3.082.746	4.243.429	5.525.767	6.103.586	6.748.026	7.886.813
<b>78-79</b> Transport Equipment	533.560	505.801	1.074.141	1.062.070	1.051.441	1.544.421	1.409.568	2.198.442	3.280.818	4.082.288	1.507.163	1.743.316	2.412.069	2.395.446	2.721.613	3.179.171
<b>793</b> Ships, boats and floating structures	396.570	193.241	401.851	315.797	472.030	872.978	1.119.158	1.797.925	2.709.010	3.459.531	521.520	402.550				
<b>8</b> Miscellaneous manufactured articles	292.220	362.495	508.431	717.859	687.278	759.541	787.714	914.872	1.116.664	1.232.513	1.654.560	2.131.920	2.879.064	3.554.845	4.240.260	5.097.911
<b>84</b> Clothing	9.668	8.701	13.517	17.402	14.129	10.403	9.430	9.540	10.711	12.259	15.546	22.421	35.440	82.709	148.131	184.917
<b>86</b> Professional, Scientific and controlling instrument:	179.874	230.001	335.948	476.044	464.492	494.561	517.979	618.501	749.973	854.783	1.127.868	1.450.804	1.983.262	2.444.310	2.600.543	3.042.245

Nota: Em milhares de dólares e valores correntes.

	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
<b>0</b> Food and Live Animals	7,15	6,64	6,22	7,04	8,06	10,41	6,44	6,53	5,30	4,49	4,50	3,95	4,44	4,99	4,65	4,82
<b>04</b> Cereals and cereal preparation (wheat, rice, barley)	5,22	4,49	3,31	3,78	4,88	7,46	3,71	3,88	3,29	2,94	2,61	2,09	2,22	2,32	1,93	1,64
<b>1</b> Beverages and Tobacco	0,35	0,32	0,35	0,35	0,38	0,26	0,04	0,11	0,21	0,16	0,14	0,08	0,17	0,30	0,27	0,28
<b>2</b> Crude Materials	17,66	17,98	16,02	16,03	16,29	13,90	13,86	13,22	12,86	12,39	13,59	14,37	14,97	14,22	12,39	10,92
<b>24</b> Cork and wood	4,77	4,94	4,40	4,80	3,94	2,62	2,67	2,41	2,05	1,75	1,76	1,84	2,04	1,91	1,71	1,61
<b>26</b> Textile Fibres (not manufactured)	4,49	4,48	3,83	3,08	3,49	3,28	3,17	3,09	3,03	2,72	2,57	2,61	2,87	2,52	2,12	1,83
<b>27</b> Crude fertilizers and crude minerals	1,20	1,12	0,94	0,91	1,04	0,84	0,97	0,89	0,80	0,89	0,92	0,75	0,74	0,71	0,65	0,61
<b>28</b> Metalliferous ores and metal scrap	2,60	2,82	2,41	2,67	3,19	3,01	3,19	2,90	2,71	2,92	3,10	3,44	3,64	3,97	3,28	3,16
<b>3</b> Mineral fuels, lubricants and related materials	19,99	20,22	16,43	18,62	29,87	29,80	31,37	26,63	23,82	23,65	15,99	14,68	11,55	12,41	15,78	15,64
<b>33</b> Petroleum and Petroleum Product	18,96	19,16	15,49	16,84	27,75	26,56	27,85	23,72	21,01	19,88	12,34	11,28	8,34	9,39	12,72	12,53
<b>4</b> Animal and vegetable oils and fats	0,71	0,79	0,69	0,75	0,53	0,52	0,57	0,54	0,57	0,47	0,39	0,34	0,34	0,28	0,27	0,30
<b>5</b> Chemicals	9,73	9,18	8,56	9,75	8,08	7,90	8,46	8,56	8,84	8,96	11,06	11,20	12,11	11,62	10,64	10,16
<b>51-52</b> Chemical elements & Compounds	5,68	5,15	4,39	5,41	4,87	4,80	4,81	4,65	4,92	5,16	5,98	6,03	6,99	6,65	5,59	5,18
<b>54</b> Medical & Pharmaceutical products	0,35	0,32	0,35	0,39	0,32	0,29	0,36	0,41	0,39	0,36	0,40	0,36	0,38	0,37	0,40	0,43
<b>56</b> Fertilizer manufactured	0,27	0,16	0,17	0,17	0,17	0,16	0,26	0,12	0,16	0,19	0,12	0,14	0,13	0,16	0,14	0,15
<b>58</b> Plastic Materials, Regenerated cellulose & artificia	1,42	1,77	1,82	2,07	1,14	1,13	1,29	1,52	1,52	1,39	2,01	2,20	0,37	0,35	0,37	0,41
<b>6</b> Manufactured goods	13,30	14,11	14,90	13,43	10,99	10,66	10,85	11,55	12,37	11,42	14,43	15,24	15,38	15,74	15,15	16,51
<b>65</b> Textile yarn fabrics made-up articles, and related	3,87	3,30	2,73	2,21	1,89	1,95	2,14	2,03	2,06	2,15	3,03	3,57	3,07	2,98	2,79	2,98
<b>67</b> Iron and Steel	4,93	5,77	6,65	5,53	4,43	3,88	3,11	3,52	4,29	3,77	4,25	4,58	4,51	5,13	4,38	5,60
<b>69</b> Manufactures of metal																